



**Universidade do Estado do Rio de Janeiro**  
Centro de Tecnologia e Ciências  
Instituto de Geografia

Sheila Regina Alves Carvalho

**Geografias machadianas: a Rua do Ouvidor nas crônicas de  
Machado de Assis (1861-1897)**

Rio de Janeiro  
2023

Sheila Regina Alves Carvalho

**Geografias machadianas: a Rua do Ouvidor nas crônicas de Machado de Assis  
(1861-1897)**

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Geografia, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Gestão e Estruturação do Espaço Geográfico.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Mariana Araujo Lamego

Rio de Janeiro

2023

CATALOGAÇÃO NA FONTE  
UERJ / REDE SIRIUS / BIBLIOTECA CTC/C

C331 Carvalho, Sheila Regina Alves.  
Geografias machadianas: a Rua do Ouvidor nas crônicas de Machado de Assis. / Sheila Regina Alves Carvalho. – 2023.  
163 f. : il.

Orientador: Mariana Araujo Lamego

Dissertação (Mestrado) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Geografia.

1. Geografia na literatura – Teses. 2. Centro – Rio de Janeiro (RJ) – Teses. 3. Espaço e tempo na literatura – Teses. 4. Geografia humana – Teses. I. Lamego, Mariana Araujo. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Geografia. III. Título.

CDU 91:869(815.3)

Bibliotecária responsável: Ingrid Pinheiro / CRB-7: 7048

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação, desde que citada a fonte.

---

Assinatura

---

Data

Sheila Regina Alves Carvalho

**Geografias machadianas: A Rua do Ouvidor nas crônicas de Machado de Assis (1861-1897)**

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Geografia, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Gestão e Estruturação do Espaço Geográfico.

Aprovado em: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_\_\_

Banca Examinadora:

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Mariana Araujo Lamego (Orientadora)  
Instituto de Geografia – UERJ

---

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Julia Santos Cossermelli de Andrade  
Instituto de Geografia – UERJ

---

Prof. Dr. André Reyes Novaes  
Instituto de Geografia – UERJ

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Adriana Carvalho Silva  
Departamento de Teoria e Planejamento de Ensino - UFRRJ

Rio de Janeiro

2023

## DEDICATÓRIA

Ao meu pai, Carlos Carvalho, meu maior e incondicional fã. Pai, eu sei o quanto você está feliz e orgulhoso com mais esta conquista. Muito obrigada por ter me ensinado tanto. Te amo pra sempre.

## AGRADECIMENTOS

Esta pesquisa é resultado do encontro com muitas pessoas, que contribuíram de diversas maneiras para que ela fosse, a cada dia, tomando forma, num intenso processo de forma e reforma; construção, reflexão e reconstrução; para que, enfim, chegasse ao fim. Chegamos ao fim! Enquanto escrevo essas linhas, passa um filme na cabeça, que me faz lembrar um ponto de Exu que diz: “para chegar aqui, atravessei o mar de fogo...” Foi um processo muito longo, com muitos altos e baixos, e algumas perdas pelo caminho, incluindo meu pai e meu orientador – não foi fácil escrever em meio ao luto do qual ainda me recupero. A pesquisa ainda foi atravessada por uma pandemia e atropelada pelo mundo do trabalho, que em muitos momentos me distanciou do texto a ponto de eu, por muitas vezes, achar que não seria possível concluí-lo. MAS EU CONSEGUI. Então, em primeiro lugar eu agradeço aos Orixás, que me levantaram, me levaram pela mão e me deram forças para que eu não desistisse e mais: me deixaram Odara para que eu me re-encontrasse com o texto e até me divertisse em escrevê-lo, ao fim e ao cabo. Agradeço e peço benção à minha lalorixá, mãe Maria Bethânia Mizael por me levantar e por todo aprendizado, carinho e Axé. *A dúpé*, minha mãe!

Agradeço à minha psicóloga, Késia Furtado, pelo trabalho de formiguinha semanal, por ter me ajudado a me reencontrar comigo mesma para que eu pudesse me reencontrar com a pesquisa. Acabou, Késia! Finalmente vamos poder falar sobre outro assunto! E pra você que está lendo e porventura não faça terapia, pelo amor de Deus comece já.

Agradeço aos meus pais, Sandra Regina e Carlos Alberto (*in memoriam*), por terem sido incansáveis em me fazer compreender o valor da educação: “mete a cara no livro”, já dizia a minha mãe. À minha irmã, Carla Regina, meu maior exemplo e parceira de todas as horas, minha dupla, o Sol da minha vida que jamais me deixou desanimar de nada na vida e sempre acreditou e insistiu em me mostrar que eu era capaz.

À Leonardo Oliveira da Silva, com quem tenho a imensa felicidade de dividir a vida, agradeço tomando emprestado os versos de Serginho Meriti e Cláudio André

Guimarães: “Custou mas depois veio a bonança e agora é hora de agradecer! Pois quando tudo se perdeu e a sorte desapareceu, abaixo de Deus só ficou você”. Só a gente sabe tudo o que passamos juntos durante todo o período da pesquisa. O seu apoio, sua paciência, parceria, seu amor e incentivo durante todo o processo foram cruciais. Meu agradecimento vai desde a insistência para que eu tentasse a seleção do mestrado. Ter você junto comigo é um presente.

Ao professor João Baptista Ferreira de Mello (*in memoriam*), que mesmo depois de quatro anos da conclusão da monografia da especialização em Políticas Territoriais no Estado do Rio de Janeiro por ele orientada e semente desta pesquisa, foi o primeiro entusiasta e cujo incentivo foi basilar para que eu vislumbrasse a possibilidade de tentar a seleção do mestrado.

Aos professores Roberto Lobato Correia, Zeny Rosendahl, André Reyes Novaes e Mariana Araujo Lamego por todas as aulas, conhecimentos compartilhados, trocas, conselhos, reflexões causadas, mas sobretudo, provocações suscitadas, que ainda repercutem na minha mente e assim permanecerão por um bom tempo. Vocês são responsáveis pela fundação e por muitos tijolos que compõem a minha construção enquanto pesquisadora. Sou imensamente grata por ter tido a oportunidade de encontrá-los em meu caminho.

À minha orientadora Mariana Araujo Lamego, muito obrigada pelo acolhimento e todo apoio, orientação e ideias maravilhosas! Por ter sido desde sempre grande incentivadora e ter aceitado embarcar comigo nessa viagem de bonde com Machado de Assis!

À professora Adriana Carvalho Silva, pela generosidade em dividir comigo o seu conhecimento acerca das pesquisas em torno da vida e obra de Machado de Assis. Suas contribuições e sugestões de leitura dadas na oportunidade do meu exame de qualificação representaram uma grande virada na pesquisa, cujo desenvolvimento foi orientado a partir do diálogo com os autores recomendados, culminando em um grande amadurecimento, tanto da pesquisa quanto pessoal. Obrigada por tanto!

À professora Julia Santos Cossermelli de Andrade, pela gentileza de aceitar presidir a banca examinadora na ausência da minha orientadora Mariana Lamego. Sua presença em minha banca é motivo de muita lisonja para mim.

Aos meus amigos, que tanto torceram e aguardaram ansiosamente o momento de celebrar essa conquista, agradeço nas pessoas de: Laís Lima Ambrósio, minha

parceira de retiro de escrita e *coworking*, com quem dividi muitas horas de dedicação à pesquisa, reflexões, ideias e angústias do processo, com gosto de vinho, comida gostosa e mergulho no Rio Bonito; Daniel Taboada Plácido, que gentilmente me ajudou com a elaboração do mapa sobre o *Flanar machadiano pelos jornais e revistas cariocas*; Thiago Henriques Fontenelle, que me ajudou na revisão do projeto de pesquisa e desde então acreditou e me incentivou nessa longa caminhada, ainda que através de visitas a princípio despretensiosas, vindo verificar se eu estava bem, se o pulso ainda pulsava. Obrigada pelo cuidado e carinho de sempre, amigo! Lara D'Assunção dos Santos, também minha parceira de *coworking*, incentivadora e confidente sobre o, por vezes, penoso caminhar acadêmico, com quem fundei o grupo de estudos *Tertúlias Petalógicas*, reuniões esporádicas para discutirmos o andamento das nossas pesquisas, com gosto de vinho, cerveja, fumaça e violão. Larita, você deixou minha caminhada mais leve, ainda que com uma mochila de 20kg nas costas para nosso retiro de escrita em Lumiar, nosso “caminho de Santiago de Compostela” à brasileira; Renata do Carmo Oliveira, que na alta pandemia fazia *Lives* comigo para falar sobre Machado de Assis e sempre me incentivou muito com o seu entusiasmo com a minha pesquisa. Aproveito para fazer um agradecimento especial ao seu pai, Renato Barbosa de Oliveira, para quem faço questão de fazer uma cópia do texto, sempre tão gentil e caloroso a perguntar “Como vai meu amigo Machado?”. Carlos Vinícius Ferreira Ribeiro dos Santos, nos ombros de quem eu fui chorar quando tudo desabou e ele, com aquele jeito sereno disse: “Coraçãããã, você consegue! Vamos juntos!” Meu amigo, eu jamais serei capaz de expressar em palavras o quanto sou grata pela sua amizade e pelo tempo que você dedicou a mim, à nossa amizade. Obrigada por ter acreditado e vibrado com as minhas ideias, ajudando a arrumá-las no momento em que mais precisei.

Por fim, agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (Capes), pelo fomento à pesquisa.

O Rio de Janeiro é o Brasil, e a Rua do Ouvidor é o Rio de Janeiro. Vagueia de manhã e à noite uma imensa multidão de gente e em cada esquina se forma um clube, no qual se faz política e se fala da vida alheia.

*Carl Von Koseritz*

## RESUMO

CARVALHO, S. R. A. **Geografias machadianas: A Rua do Ouvidor nas crônicas de Machado de Assis (1861-1897)**. 2023. 163 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Geografia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2023.

Esta dissertação aborda o protagonismo da Rua do Ouvidor na crônica machadiana tendo em vista a estreita relação do autor com este logradouro. Partindo da hipótese de que a Rua do Ouvidor é um lugar machadiano, vislumbramos investigar as formas pelas quais o logradouro é retratado por Machado de Assis em suas crônicas. O trabalho se apoiou em referenciais da geografia cultural-humanista; nos estudos sobre a vida e a obra de Machado de Assis e adotou a análise de conteúdo como metodologia para a análise das crônicas. A dissertação é constituída por três capítulos. No primeiro são abordados: um breve histórico do diálogo entre geografia e literatura; a importância de Machado de Assis e as dificuldades em estudar um autor de sua magnitude; as características da crônica machadiana e sua contextualização no âmbito do jornalismo literário; e o potencial geográfico da escrita machadiana. No segundo capítulo, foi realizada uma análise da geografia pessoal de Machado de Assis – o que chamamos de *geobiografia* –, revisitando lugares e caminhos importantes em sua trajetória que tem a Rua do Ouvidor como culminância. No capítulo final, realizou-se a análise de conteúdo das crônicas, que resultou no agrupamento em três categorias de análise. Em *Vitrine* estão reunidas as crônicas nas quais Machado exaltou a centralidade econômica e social da Ouvidor. A categoria *Janela* reúne as crônicas que retratam fatos cotidianos da Rua do Ouvidor, vividos ou sabidos nas andanças do autor pelo logradouro. Já *Reflexo* reúne as crônicas em que Machado de Assis qualificou a Ouvidor como a “rua do boato”, e aquelas nas quais o autor demonstrou sua identificação pessoal e afetiva com a Rua do Ouvidor. Na análise das crônicas, foi possível perceber que a permanência de Machado na Rua do Ouvidor ao longo dos anos resultou em um aprofundamento de suas relações com o logradouro. Concluiu-se, desta forma, que a Rua do Ouvidor, além de principal rua do Rio de Janeiro do século XIX, possuiu grande centralidade para Machado de Assis, tornando-se, ao longo do tempo, sua casa, lar e lugar.

Palavras-chave: Estudos Geoliterários. Rua do Ouvidor. Machado de Assis.

## ABSTRACT

CARVALHO, S. R. A. **Machadian geographies**: The Ouvidor street in chronicles by Machado de Assis (1861-1897). 2023. 163 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Geografia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2023.

The text presents Ouvidor St. as a prominent character in Machado de Assis newspapers chronicles. Considering the hypothesis of Ouvidor St. as a Machadian place, we aim to investigate how Machado de Assis portrays this place in his chronicles. The research drawn on cultural-humanistic geography approaches and on studies about life and work of Machado de Assis. The content analysis was the methodology chosen to analyze the chronicles. The presente text consists of three chapters. In the first, we present a brief history of the dialogue between geography and literature, the relevance and the challengings in studying an author of his magnitude; the characteristics of Machado's chronicle and its context within the scope of literary journalism; and the geographic potential of Machado's writing. The second chapter presents an analysis of Machado's personal geography – called here as *geobiography* –, revisiting places and paths which were important in his trajectory that culminates in Ouvidor St. The final chapter presents the content analysis of the chronicles since three categories of analysis. In *Vitrine* we analyse the chronicles in which Machado exalted the Ouvidor's economic and social centrality exalted; and as a showcase of Rio society, highlighting the symbolic aspects of the street. The *Window* category presents the chronicles of the Ouvidor everyday life, experienced or known by the author during his walkings. *Reflexo*, on the other hand, presents the chronicles in which the Ouvidor is refered as the “rumor street”, and those in which the author demonstrated his personal and affective identification with Ouvidor Street. It was possible to notice in the analysis of the chronicles that Machado's presence in the Ouvidor St. over the years reflects his profound relationship with the place. The text concludes that besides being the most importante street in the 19th century Rio de Janeiro, the Ouvidor St. was the main street for Machado de Assis, becamin his house, home and place.

Keywords: Geoliterary Studies. Ouvidor St. Machado de Assis.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 –	Localização do Morro do Livramento.....	66
Figura 2 –	Vista do Morro do Livramento.....	72
Figura 3 –	O flunar machadiano pelos jornais e revistas cariocas.....	95
Figura 4 –	Quiosque: A vida nas frestas de uma cidade que almeja se afrancesar.....	125

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Evolução do número de trabalhos inscritos no GT do ENANPEGE.....	35
Gráfico 2 – Evolução do número de trabalhos inscritos no SIGEOLITERART.....	36
Gráfico 3 – Total de crônicas publicadas por década.....	99
Gráfico 4 – Total de crônicas publicadas por veículo.....	100

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – As quatro figuras de Machado de Assis.....	41
Quadro 2 – Relação de Biografias produzidas sobre Machado de Assis.....	42
Quadro 3 – As crônicas de Machado de Assis na Imprensa Carioca.....	99
Quadro 4 – A Rua do Ouvidor nas crônicas de Machado de Assis.....	102
Quadro 5 – Ex-categorias ou primeira fase da análise de conteúdos.....	106
Quadro 6 – Categorias de Análise da Crônica Machadiana.....	106

## SUMÁRIO

	<b>PRÓLOGO</b> .....	16
1	<b>PREPARANDO NOSSA “COMPOSIÇÃO TIPOGRÁFICA” EM BUSCA DAS GEOGRAFIAS MACHADIANAS</b> .....	22
1.1	<b>Diálogos entre Geografia e literatura</b> .....	23
1.1.1	<u>Um breve histórico do encontro entre geografia e literatura</u> .....	24
1.1.2	<u>Veredas percorridas na interface entre geografia e literatura</u> .....	29
1.2	<b>Machado de Assis e a crônica como caminho para uma abordagem geoliterária</b> .....	38
1.2.1	<u>Machados de Assis</u> .....	38
1.2.2	<u>Contextualizando a crônica machadiana no âmbito do Jornalismo Literário</u> .....	44
1.3	<b>Descortinando as geografias nos escritos machadianos: uma relação íntima com a cidade a partir dos lugares e do cotidiano</b> .....	51
1.3.1	<u>Faces geográficas na escrita de Machado de Assis</u> .....	51
1.3.2	<u>Outro olhar sobre os escritos do bruxo do Cosme Velho: crônica e cotidiano carioca</u> .....	56
2	<b>OS CAMINHOS DE MACHADO DE ASSIS ATÉ A RUA DO OUVIDOR</b> .....	63
2.1	<b>Morro do Livramento: uma cidade vista e vivida do alto</b> .....	65
2.2	<b>Loja de Paula Brito, Sociedade Petalógica e as primeiras experiências de Machado de Assis na imprensa</b> .....	73
2.3	<b>Livraria Garnier</b> .....	80
2.4	<b>Rua do Ouvidor: Ponto de encontro e fonte inspiradora para os literatos brasileiros</b> .....	87
2.5	<b>O flunar machadiano na imprensa carioca</b> .....	93
3	<b>A RUA DO OUVIDOR NAS CRÔNICAS DE MACHADO DE ASSIS</b> .....	97
3.1	<b>Quantificando a geografia machadiana</b> .....	97
3.2	<b>Qualificando a geografia machadiana</b> .....	108
3.2.1	<u>Vitrine</u> .....	111

3.2.2	<u>Janela</u> .....	126
3.2.3	<u>Reflexo</u> .....	133
	<b>EPILOGO</b> .....	147
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	153

## PRÓLOGO

Sempre fui fascinada pelo Centro do Rio. Quando era criança, e não tinha mais do que 5 ou 6 anos, lembro-me de amar passar o dia no trabalho do meu pai, que tinha uma empresa de turismo, na qual também trabalhavam meus dois irmãos mais velhos. Recordo-me do cheiro de papel do escritório, mas também do perfume de executivas e executivos bem arrumados, sempre com pressa. E de apertar bem a mão da minha mãe para não me perder no meio daquele mar de gente. Recordo de muitas lojas chiques, do cheiro do café e do gosto do pão de queijo, e de amar aquele que, para mim, era outro mundo: o mundo dos adultos. Eu morava em Itaipu, na Região Oceânica de Niterói (RJ), quando os loteamentos estavam começando a serem feitos e a minha casa era uma das únicas da minha rua. Tinha mosquito, barulho de cigarra ao entardecer, ruas não pavimentadas (até hoje). O Centro do Rio, as Barcas – e até mesmo aqueles dutos dos quais sai ar e que levantam o vestido da gente – era o que havia de mais moderno na minha concepção de criança. Foi o que aprendi desde cedo como o “centro da cidade”.

No entanto, minha geografia particular se restringiu até os meus 23 anos a cidade de Niterói. As visitas ao Centro do Rio tornaram-se esporádicas, já que meu pai mudou o escritório também para a cidade na qual residíamos quando eu tinha meus 16 anos. Foi somente a partir do momento em que passei a “correr mundo, correr perigo”<sup>1</sup> em alguns estágios durante a faculdade, que meu olhar voltou-se novamente para, como dizem os cariocas, “o outro lado da poça”. A partir de então, virei assídua usuária das barcas Rio-Niterói, nos tempos em que ainda existia o viaduto da Perimetral<sup>2</sup>. A partir desse período<sup>3</sup>, a cidade do Rio de Janeiro sofreu

---

<sup>1</sup> Verso da canção “Você não entende nada” do compositor Caetano Veloso (1972)

<sup>2</sup> Com seu trecho final ligando a Zona Sul da cidade à Ponte Rio-Niterói e à Avenida Brasil inaugurado em 1978, o Viaduto da Perimetral foi demolido entre os anos de 2013 e 2014 a fim de atender ao novo projeto urbanístico para a região portuária da cidade do Rio de Janeiro, denominado Porto Maravilha.

<sup>3</sup> O ano de referência é o de 2009, ano que coincide com a divulgação das 12 cidades-sede da Copa do Mundo. A partir de tal divulgação, muitas intervenções urbanas passaram a ocorrer na cidade do Rio de Janeiro, uma das cidades-sede do evento: <http://globoesporte.globo.com/Esportes/Noticias/Futebol/0,,MUL1177312-9825,00-BRASIL+CONHECE+AS+CIDADES+QUE+RECEBERAO+PARTIDAS+DA+COPA+DE.html>.

profundas transformações espaciais em virtude dos megaeventos – a Copa do Mundo organizada pela Federação Internacional de Futebol (FIFA) e os Jogos Olímpicos de verão – realizados respectivamente nos anos de 2014 e 2016, gerando um processo caótico<sup>4</sup> para a mobilidade e a própria vida na cidade, com impactos perceptíveis até os dias atuais<sup>5</sup>. Assim, era frequente chegar à Estação das Barcas e encontrar sua fila passando do viaduto da Perimetral, chegando até os fundos do Palácio Tiradentes – que sedia a Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro (ALERJ), localizada na Praça XV de Novembro.

Foi assim que, com a “desculpa” de esperar a fila diminuir, entrei num verdadeiro portal para o Rio do século XIX. Esse portal se chama Arco do Teles, que me levou diretamente à Rua do Ouvidor, que à noite fica tomada de mesas e cadeiras dos bares e restaurantes, onde se pode, ao fim de um dia de trabalho, beber uma cerveja gelada e desfrutar alguns premiados quitutes do concurso *Comida di Buteco*.<sup>6</sup>

Foi ali, sentada em uma daquelas mesas, observando as fachadas dos imóveis com suas “suntuosas sacadinhas”<sup>7</sup> e a iluminação da rua sustentada por arcos de ferro

---

<sup>4</sup> Nos anos que antecederam os megaeventos acima mencionados, a cidade do Rio de Janeiro transformou-se em um canteiro de obras. A interdição de algumas vias da cidade, como a Avenida Rodrigues Alves, foi responsável por significativa piora no trânsito na cidade, causando reflexos na Ponte Rio-Niterói, Linha Vermelha e Avenida Brasil. Esta última, uma das principais vias expressas da cidade, também passou por obras e, portanto, interdições, potencializando assim os impactos negativos dessas obras na vida da população carioca e fluminense. Para além dos problemas de mobilidade urbana apresentados, foi iniciado um processo de remoção das populações pobres na região do porto, como também no entorno do estádio do Maracanã, dando início, nessas áreas antes abandonadas, a um processo de gentrificação. Sobre o tema das transformações urbanas no período ver Mascarenhas (2011a, 2011b e 2016).

<sup>5</sup> Ainda hoje temos na cidade do Rio de Janeiro obras – previstas para serem entregues para os Jogos Olímpicos de 2016 – inacabadas ou em andamento. Como exemplo, a obra da transBrasil, corredor rodoviário na Avenida Brasil, inicialmente prevista para ser finalizada em 2017, foi retomada em 2021 depois de anos parada e possui como nova data de finalização o ano de 2023: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2021/08/24/obras-da-transbrasil-devem-ficar-prontas-em-dezembro-de-2023.ghtml>. Como podemos ver na reportagem a seguir, muitos são os problemas urbanos relacionados ao legado dos Megaeventos promovidos na cidade que reverberam até os dias atuais: <https://www.cartacapital.com.br/politica/cinco-anos-apos-a-olimpiada-no-rio-o-prometido-legado-olimpico-nao-aconteceu/>.

<sup>6</sup> Concurso criado em Belo Horizonte em 1999, com o objetivo de avaliar as comidas tradicionais de botequim da cidade mineira. Em 2008, o concurso se expande para outras cidades, chegando ao Rio de Janeiro. Anualmente, quitutes de restaurantes e botequins da cidade são avaliados pelo público, concorrendo entre si. Em 2016, o concurso ganha sua etapa nacional. Fonte: <http://www.comidadibuteco.com.br/historia/>.

<sup>7</sup> Como as costumava chamar o saudoso professor e pesquisador da UERJ João Baptista Ferreira de Mello, falecido em 2021, ao flunar pelas ruas da cidade quando da realização do projeto de extensão Roteiros Geográficos do Rio.

muito antigos que me conectei com o passado, questionando: Quantas histórias cabem nesse lugar? Como deve ter sido andar por essa rua em décadas, séculos anteriores? Que visitantes ilustres não terão por aqui passado, sentado e contemplado, como agora faço eu? A Ouvidor me chamou, me convenceu a investigá-la. Que sorte ter ouvido o chamado da rua onde todos falam e nada é mantido em segredo.<sup>8</sup>

No rastro do meu encontro com a Rua do Ouvidor, veio meu encontro com Machado de Assis, mediado pela lembrança de uma cena do filme *O Rio de Machado de Assis*<sup>9</sup> – dirigido e produzido por Norma Bengell –, na qual o ator Paulo José, interpretando Machado, caminhava pelas ruas estreitas do Centro do Rio. Que ruas eram aquelas? Será que existia entre o escritor e a Rua do Ouvidor algum registro, alguma história? Felizmente, sim.

Ao investigar a existência de alguma relação possível entre Machado e a mais importante rua do Rio de Janeiro do século XIX (COHEN, 2001), deparei com uma crônica publicada em 13 de agosto de 1893 na Gazeta de Notícias, na qual o autor defendia o não alargamento da rua. Sua defesa estava relacionada ao fato de que o alargamento da via a descaracterizaria, modificando, assim, as relações ali estabelecidas: seria o fim da Rua do Ouvidor conhecida, vivida e descrita por Machado de Assis. Analisando a crônica em questão a partir do conceito de lugar tal qual concebido pela geografia humanista, desenvolvi trabalho anterior (CARVALHO, 2013; 2016) no qual defendi a Rua do Ouvidor enquanto um lugar machadiano.

Constatando que Machado de Assis mencionou a Rua do Ouvidor em 83 oportunidades ao longo de 63 crônicas, entendi que ainda havia muito o que investigar em relação a sua abordagem nas crônicas machadianas. Deste modo, esta pesquisa representa a continuidade e aprofundamento de um estudo anterior, tendo em vista o protagonismo da Rua do Ouvidor na obra de Machado de Assis, aqui retratada por suas crônicas.

---

<sup>8</sup> Como veremos mais adiante, a Rua do Ouvidor tem como característica a disseminação não só de notícias, como também de boatos. Esse aspecto é salientado por Machado de Assis em suas crônicas.

<sup>9</sup> Filme exibido durante uma aula da disciplina Prática de Ensino II, na UFF, nos idos de 2009 ou 2010, lecionada pela professora Adriana Carvalho Silva, a quem agradeço imensamente ter plantado a semente de um olhar geográfico através de Machado de Assis.

Esta pesquisa tem como objetivo qualificar a geografia machadiana da cidade do Rio de Janeiro a partir de sua proximidade e vivência na Rua do Ouvidor, por meio da análise de trechos de crônicas publicadas semanalmente em diferentes periódicos, assinadas por Machado de Assis entre os anos de 1861 e 1897. Pretende-se demonstrar as formas pelas quais a Rua do Ouvidor é referida por Machado nessas publicações, partindo da hipótese da rua se constituir enquanto um lugar machadiano.

Para tal, estruturamos a pesquisa em três capítulos. O primeiro capítulo, intitulado *Preparando nossa “composição tipográfica” em busca das geografias machadianas*, tem como objetivo situar a pesquisa, apresentando os caminhos percorridos e as aproximações realizadas na investigação das geografias machadianas a partir das crônicas sobre a Rua do Ouvidor. Buscamos, primeiramente, estabelecer uma aproximação entre a geografia e a literatura através de um breve histórico das relações entre esses dois modos de ver e ler o mundo. Em seguida, apresentamos Machado de Assis, o maior escritor brasileiro, e o gênero literário que compõe o *corpus empírico* desta pesquisa – a crônica, analisando as características da crônica machadiana e contextualizando-a no âmbito do jornalismo literário. Pretende-se demonstrar o conteúdo geográfico presente na escrita de Machado de Assis reconhecendo, para além do protagonismo da cidade do Rio de Janeiro em sua obra, a utilização de sua geografia no desenvolvimento das narrativas machadianas, seja vinculando determinadas porções da cidade ao perfil dos personagens ou valendo-se de sua própria vivência e experiência urbana para situar, no tempo e no espaço, suas crônicas do cotidiano.

Já o segundo capítulo, intitulado *Os caminhos de Machado de Assis até a Rua do Ouvidor*, tem como objetivo apresentar a trajetória biográfica de Machado de Assis até a Rua do Ouvidor, considerando sua vivência em lugares que contribuíram para a formação pessoal, intelectual e profissional do autor e que o conduziram até a Rua do Ouvidor para então nela permanecer, aprofundando ali suas relações a ponto desta rua assumir um protagonismo não só nas crônicas, como também nos romances e contos. Deste modo, revisitamos a infância do autor no Morro do Livramento, passamos na Loja de Paula Brito, localizada no Largo do Rocio – atual Praça Tiradentes –, onde Machado de Assis teve suas primeiras experiências literárias, conheceu seus interlocutores e estreitou laços com os literatos que ali frequentavam

a Sociedade Petalógica<sup>10</sup>, para então chegar à Rua do Ouvidor através da vivência machadiana na Livraria Garnier, responsável pela maior parte das edições da obra de Machado de Assis e lugar de reunião diária do maior escritor brasileiro com a intelectualidade à sua época. Neste capítulo também analisamos a trajetória profissional de Machado pelas redações de jornais e revistas fluminenses, cujos endereços gravitavam em torno à Ouvidor, facilitando, deste modo, que o autor se dirigisse ao logradouro ao fim do expediente. Constatamos também que a Rua do Ouvidor foi importante não só para Machado, como para outros literatos a seu tempo, que também citaram a Ouvidor em suas respectivas obras. Recorremos também a romances e contos de Machado de Assis a fim de demonstrar que o caminho de Machado até a Rua do Ouvidor não se deu somente através da crônica, na medida em que o logradouro é lembrado pelo autor em outros gêneros literários.

Por fim, o capítulo final, intitulado *A Rua do Ouvidor nas crônicas de Machado de Assis*, tem como objetivo identificar as diferentes formas sob as quais a Rua do Ouvidor é retratada por Machado em suas crônicas semanais utilizando como metodologia a análise de conteúdo. Como resultado, as crônicas analisadas foram agrupadas em três categorias de análise, a saber: Vitrine, Janela e Reflexo.

Uma vez definidas as crônicas que compõem cada categoria, buscamos associar a Rua do Ouvidor à ideia Vitrine, considerando não só à alusão de Machado de Assis em suas crônicas dos aspectos comerciais que contribuem para que a Ouvidor se configure como a principal rua da cidade, como também de aspectos simbólicos que revelam sua centralidade na vida social do Rio de Janeiro e elevam a Rua do Ouvidor à condição de vitrine da sociedade fluminense.

Em Janela, estão agrupadas as crônicas nas quais Machado se refere aos aspectos cotidianos da rua, citando acontecimentos banais, vividos ou sabidos por ele em suas idas à Ouvidor. Deste modo, almeja-se demonstrar, através da análise das crônicas agrupadas na categoria *Janela*, o protagonismo da Rua do Ouvidor na interpretação machadiana do cotidiano carioca, uma vez que Machado recorre à situações presenciadas por ele neste logradouro, à acontecimentos a ele relatados em suas andanças e pausas na rua e à “causos” nela ocorridos dos quais tomou

---

<sup>10</sup> Conforme veremos mais adiante, a Sociedade Petalógica era uma espécie de clube literário que reunia os intelectuais da época nos fundos da loja de Paula Brito para discutir, dentre outros assuntos, literatura e artes.

conhecimento - ainda que nela não estivesse - no desenvolvimento narrativo dessas crônicas, tendo a Ouvidor como fonte e janela de observação do cotidiano carioca.

Por fim, ensejamos defender a existência de uma relação afetiva de Machado de Assis com a Rua do Ouvidor a partir da análise das crônicas agrupadas na categoria *Reflexo*, que compreende as publicações nas quais Machado de Assis declara sua identificação com a Rua do Ouvidor, referindo-se à ela de maneira afetuosa e deixando explícita sua intimidade e pertencimento em relação a este logradouro. Em *Reflexo*, torna-se evidente a identificação e intimidade que o autor desenvolve com a rua, na medida em que a Ouvidor se destaca com relação aos demais logradouros e é qualificada como a rua do boato, tornando-se agente, criadora e propagadora de boatos, é reconhecida como ponto de encontro, onde são criadas “boas rodas”, além de passar a ser considerada por Machado como lar, casa e lugar.

E eu, a Ouvidor e o Machado? Passados alguns anos do início desta pesquisa e mais de 120 anos desde a última citação da Rua do Ouvidor nas crônicas de Machado de Assis, pesquisar e escrever sobre o distinto logradouro em suas crônicas é como ainda estar sentada àquela mesa, a observar a rua: seus aspectos físicos, seus usos, mas, sobretudo, seu movimento – no espaço e no tempo. Imaginar-me sentada àquela mesa, observando os fixos e os fluxos da cidade é como estar ainda agarrada à mão da minha mãe, em meio àquela gente apressada do centro da cidade. Se outrora eu dependia de minha mãe me conduzir por ruas e caminhos desconhecidos para construir minha noção de centro da cidade, agora, é a mão – ou melhor, a pena – de Machado, numa pausa no movimento da Rua do Ouvidor, que me transporta para outro tempo histórico e me dá a certeza de que aquela rua tem muita história – e geografias – para contar.

## 1 PREPARANDO NOSSA “COMPOSIÇÃO TIPOGRÁFICA”<sup>11</sup> EM BUSCA DAS GEOGRAFIAS MACHADIANAS

*Olha, eu peço licença pra chegar  
Pra chegar peço licença  
Eu peço licença pra chegar  
Pra chegar peço licença  
Saravá quem é de saravá  
A bença a quem é de abença  
Saravá quem é de saravá  
A bença a quem é de abença  
Noriel Vilela*

Recorremos aos versos do sambista brasileiro Noriel Vilela (1936-1975) para apresentar o presente capítulo, que tem como objetivo situar a pesquisa, apresentando os caminhos percorridos e as aproximações realizadas na investigação das geografias machadianas a partir das crônicas sobre a Rua do Ouvidor.

Para tal, subdividimos o capítulo em três seções. Na primeira delas, intitulada “Diálogos entre Geografia e literatura”, pedimos licença aos geógrafos que nos antecederam e perceberam na literatura um potencial geográfico. Primeiramente, na subseção intitulada “Um breve histórico do encontro entre geografia e literatura”, traçamos um panorama das relações entre geografia e literatura. Em seguida, na subseção intitulada “Veredas percorridas na interface entre geografia e literatura”, apresentamos as vertentes pelas quais a literatura tem sido abordada pela geografia, analisando os desdobramentos da aproximação entre geografia e literatura no Brasil nas últimas décadas.

Na segunda seção, intitulada “Machado de Assis e a crônica como caminho para uma abordagem geoliterária”, pedimos licença, primeiramente, a Machado de Assis - o maior escritor brasileiro - e aos estudiosos de sua vida e obra que, ao longo de mais de um século de recepção crítica do autor, nos forneceram subsídios para reconhecer a existência de diferentes olhares acerca de sua vida e obra, aspecto por nós abordado na subseção “Machados de Assis”, onde delineamos os autores a quem

---

<sup>11</sup> Uma composição tipográfica refere-se à organização dos tipos em uma tábua tipográfica, ordenados de modo a transmitir uma informação. Fazendo uma alusão a esse método de impressão tão familiar a Machado de Assis, como veremos, utilizamos a composição tipográfica aqui de forma metafórica, já que o presente capítulo se caracteriza por “juntas as peças” (ou tipos) que fundamentam nossa pesquisa.

recorreremos na construção de nossa análise. Tendo em vista que nossa pesquisa irá debruçar-se sobre a crônica machadiana para desvelar suas geografias, faz-se necessária uma breve apresentação da crônica enquanto gênero literário, bem como o seu ambiente de produção inserido no contexto do jornalismo literário, assuntos esses abordados na subseção “Contextualizando a crônica machadiana no âmbito do Jornalismo Literário”.

Na terceira seção, intitulada “Descortinando as geografias nos escritos machadianos: uma relação íntima com a cidade a partir dos lugares e do cotidiano”, abordaremos a geografia presente no texto machadiano para além da ambientação de seus romances e contos. Primeiramente, na subseção “FACES GEGRÁFICAS NA ESCRITA DE MACHADO DE ASSIS”, demonstraremos as formas pelas quais a geografia se faz presente em sua literatura, tendo como exemplos romances, contos e crônicas. Já na subseção “OUTRO OLHAR SOBRE OS ESCRITOS DO BRUXO DO COSME VELHO: CRÔNICA E COTIDIANO CARIOCA”, nos deteremos a caracterizar a crônica de Machado de Assis, reconhecendo o papel de destaque da geografia da cidade nesses escritos através da exploração do seu cotidiano.

### **1.1 Diálogos entre Geografia e literatura**

Diante da pluralidade temática da geografia, um estudante curioso em percorrer os meandros da interface da geografia com a literatura pode incorrer no erro de supor que essa combinação constitua um novo campo de estudos, com certo grau de ineditismo. Compreensível, tendo em vista que os aspectos culturais têm sido historicamente marginalizados em grande parte dos cursos de licenciatura e bacharelado em geografia no Brasil - basta recorrer à grade de disciplinas para constatar a inexistência, ainda hoje, das geografias cultural e humanista no fluxograma de muitos cursos de ensino superior. No entanto, ao realizar um levantamento bibliográfico mais cuidadoso, é possível constatar que menções à literatura na geografia remetem ao século XIX. A seguir, apresentamos um breve histórico das relações entre geografia e literatura, demonstrando o crescente interesse dos geógrafos pelas abordagens geoliterárias. Em seguida, apresentamos as formas

pelas quais a literatura tem sido abordada pela geografia, considerando os levantamentos realizados por Fernandes (2017) a respeito dos artigos publicados em periódicos; e por Suzuki (2017) a respeito dos trabalhos apresentados nas últimas edições do Simpósio Nacional de Geografia, Literatura e Arte (SIGEOLITERART) e do Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Geografia (ENANPEGE).

### 1.1.1. Um breve histórico do encontro entre geografia e literatura

A apreciação da aproximação entre geografia e literatura não é nova: Alexander von Humboldt (1769-1859) em sua obra *Cosmos*, sugere esse diálogo ainda no século XIX, dedicando dois capítulos à literatura e à pintura (BROSSEAU, 2013). Autores como Paul Vidal de la Blache (1845-1918), Hugh Robert Mill (1861-1950) e John Kirtland Wright (1891-1969) já indicavam a pertinência da apropriação da literatura pela geografia na primeira metade do Séc. XX (SUZUKI, 2017), sendo este último, autor de três textos que trazem obras literárias para o escopo geográfico, ainda na década de 1920: *Geography in literature* (WRIGHT, 1924), *The Geography of Dante* (WRIGHT, 1924) e *A plea for the history of Geography* (WRIGHT, 1926), como salientam Marandola Jr. e Oliveira (2009).

Mesmo que a literatura não tenha sido abordada explicitamente nas obras dos geógrafos, a releitura do mundo através dela influenciou a produção geográfica desta ciência permeada por saberes advindos de diversas fronteiras do conhecimento. Consoante Marandola Jr. e Oliveira (2009), até a sistematização e institucionalização das ciências, geografia e literatura caminhavam juntas, imbricadas. No entanto, o advento do positivismo culminou na separação destas por meio da classificação da primeira enquanto ciência e da segunda enquanto arte, apesar de sua afinidade histórica:

Se historicamente ambas estiveram sempre associadas, a modernidade encarregou-se de separá-las em duas “gavetas” bem distintas: Ciência e Arte, o que contribuiu para uma resistência a encarar a Literatura enquanto forma

de conhecimento legítimo do ponto de vista científico. (MARANDOLA JR.; OLIVEIRA, 2009, p. 493)

Em busca de sua afirmação enquanto ciência, com o advento do positivismo a geografia se afastou das artes, tendo como consequência uma cisão temporária no diálogo Geografia-Literatura. A reaproximação entre esses dois campos ocorreu somente a partir da década de 1970 com o advento da virada cultural<sup>12</sup> na geografia, tendo a emergência das geografias cultural e humanista como um dos seus primeiros elementos. Observa-se então uma grande renovação dos objetos de pesquisa na ciência geográfica, conferindo espaço para o desenvolvimento de estudos relacionando geografia e as artes, dentre elas a literatura, conforme observado por Philo (2009) ao analisar a diversidade de temas de pesquisa que eclodiram nos periódicos de geografia a partir de 1980:

Whereas geography journals might previously have been full of articles talking about field systems, barns and fences, about houses, roads, and settlement layouts, or about mines, steelyards, and seaports, now they gradually started to include articles about artworks and artists (say, J. M. W. Turner), about literature and writers (say, John Steinbeck), poetry and poets (say, John Ruskin), about music and musicians (say, John Lennon), or about cars, chapels, cuisine, cradles, or cable TV. (PHILO, 2009, p. 443)<sup>13</sup>

A retomada de interesse da geografia pela literatura ocorre em um momento de reação da disciplina à então vigente geografia teórico-quantitativa, que priorizava dados numéricos, visando a criação de leis gerais para a ciência, desprezando a dimensão do vivido e da subjetividade humana. Na contracorrente, surge a geografia humanista que, ao colocar o homem e sua relação com o ambiente no centro de suas preocupações, viu em outras fontes que não mapas, tabelas e modelos matemáticos, novas possibilidades e meios de apreender e compreender o mundo vivido do homem. A necessidade premente de “refletir sobre novas possibilidades para o pensar e o

---

<sup>12</sup> Sobre a virada cultural na geografia de língua inglesa, consultar Pedrosa (2016).

<sup>13</sup> “Enquanto os periódicos de geografia podem estar cheios de artigos falando sobre sistemas de campo, celeiros e cercas, sobre casas, estradas e *layouts* de assentamentos, ou sobre minas, siderúrgicas e portos marítimos, agora eles gradualmente começaram a incluir artigos sobre obras de arte e artistas (digamos, J. M. W. Turner), sobre literatura e escritores (digamos, John Steinbeck), poesia e poetas (digamos, John Ruskin), sobre música e músicos (digamos, John Lennon), ou sobre carros, capelas, culinária, berços ou TV a cabo”. (tradução livre)

fazer geografia” (FERNANDES, 2017, p. 53) propiciou um cenário de renovação da geografia, no qual tornou-se possível uma reaproximação com a literatura. Nesse contexto, Pocock (1981) considerou as descrições literárias da paisagem como uma fonte irrefutável para a geografia:

Sem dúvida, todos temos nossa representação favorita da paisagem literária, onde a qualidade da observação é mais memorável e, na verdade, mais significativa do que a exatidão dos mapas convencionais ou tabelas de estatísticas para a mesma porção da superfície da Terra (POCOCK, 1981, p. 12).

O mundo que conhecemos ou como o imaginamos, entendemos e deciframos é influenciado por aquilo que lemos. Desta forma, podemos dizer que a literatura possui um papel fundamental na construção da nossa visão de mundo. Esta ideia é corroborada por Pocock (1981), que vê como uma consequência da ampla representação literária do sul da Grã-Bretanha - em detrimento das representações do norte - a formação de um imaginário que culmina, inclusive, em uma maior destinação de recursos e políticas públicas para essa região culturalmente imaginada e introjetada. Não obstante, Mello (1990, p. 108) salientou que “a literatura tem sido pródiga em mostrar os diferentes modos de vida e o progresso de entendimento, podendo ser, até mesmo, uma maneira de se conhecer os lugares”.

O movimento cultural e humanista permitiu o resgate de obras seminais como Wright (1946) e Dardel ([1952], 2015). Ao sugerir a *Geosofia*, ou seja, uma geografia que não considerasse apenas o conhecimento produzido por geógrafos e que incorporasse outras formas de conhecimento, Wright abriu as portas para a utilização da literatura como fonte pelos geógrafos, considerando que:

Todas as ciências devem ser sábias, mas nem toda sabedoria pode ser rigorosamente científica. Além disso, a sabedoria envolve não apenas as ciências naturais e os estudos sociais, mas também as humanidades – as artes e as letras – investiga não menos do mundo da experiência subjetiva e expressão imaginativa do que sobre a realidade externa (WRIGHT, [1947], 2014, p. 17).

Conforme salienta Fernandes (2017), a geosofia sugerida por Wright pode ser considerada o ponto de partida para o geógrafo David Lowenthal (1923-2018), um dos

precursores da geografia humanista, desenvolver seu pensamento. De acordo com HOLZER (2012), Lowenthal propõe uma nova epistemologia da geografia revisitando Wright (1947): “Seu ponto de partida era a ‘geosofia’, vista à base de um projeto de ciência que abarcasse os vários modos de observação, o consciente e o inconsciente, o objetivo e o subjetivo, o fortuito e o deliberado, o literal e o esquemático.” (HOLZER, 2012, P. 166)

Eric Dardel (1899-1967), responsável pelo contato e introdução da fenomenologia na geografia através de sua obra *O homem e a terra: natureza da realidade geográfica* ([1952], 2015), representou, de acordo com Brosseau (2013, p. 267), “uma das primeiras manifestações em favor da literatura”, na medida em que recorreu à literatura para exemplificar sua noção de *Geograficidade*, que por sua vez inaugurou:

Uma geografia vivida em ato, que tem na experiência o principal caminho de construção do conhecimento. A geograficidade diz respeito aos laços de cumplicidade que o homem estabelece com o meio, trazendo para o campo de interesse do geógrafo a afetividade, os sentimentos, a emoção e o complexo sistema de significações que o conhecimento intuitivo e perceptivo implicam. (MARANDOLA JR, OLIVEIRA, 2009, p. 494).

Deste modo, a geografia de Dardel é fenomenológica na medida em que pensa o mundo a partir do homem, em especial a partir do corpo, que é o seu contato imediato e direto com o mundo. A essas múltiplas relações possíveis do homem com o espaço, o autor chama de geograficidade, que é dada a partir do ser-e-estar-no-mundo.

No Brasil é Pierre Monbeig (1908-1987), em 1940, quem inicia os debates relacionando geografia e literatura (SUZUKI, 2017). Monbeig considerou a literatura como ponto de partida para o entendimento de lugares, regiões e paisagens pelos geógrafos, já que os literatos realizaram descrições minuciosas sobre as realidades geográficas muitas vezes ainda não estudadas pelos geógrafos (MARANDOLA JR; OLIVEIRA, 2009).

Sobretudo na primeira metade do século XX, a formação de importantes geógrafos foi influenciada pela literatura, que muitas vezes representou um caminho para chegar à geografia. Em sua obra autobiográfica, o geógrafo Aziz Ab’Saber destacou a importância da literatura para a sua compreensão da realidade geográfica

e cultural brasileira, cujas referências foram incorporadas à sua análise dos tipos regionais do Brasil:

Na Biblioteca municipal, eu lia de tudo: Graciliano Ramos me influenciou muito, com *Infância*, *Memórias do cárcere*, *Vidas Secas* e *S. Bernardo*. Evidentemente, a obra regional que mais me impressionou foi a de Euclides da Cunha, com especial referência a *Os sertões*, além de suas perspicazes observações sobre a solidão do homem nordestino nos seringais da Amazônia (...) Eu via a geografia através dos romances. Desdobrei-me no estudo da literatura brasileira: Dalcídio Jurandir para a região amazônica, José lins do Rêgo, Jorge Amado e Graciliano Ramos para a região semi-árida...Até hoje tenho uma noção da importância disso, por que me perguntam: “Professor Aziz, quais são os espaços que podem ser chamados de parques culturais no Brasil?” E eu digo: “Tem o amazônico, tem o sertanejo do Nordeste, tem o residual caipira, tem o residual caçara, tem o gaúcho e tem o pantaneiro. Estas são grandes áreas de tradição no linguajar e na mitologia regional”. (AB’SABER, 2007, p. 47)

Marandola JR. e Oliveira (2009) ratificam a importância da literatura para a consolidação de uma identidade nacional, destacando que uma parte considerável da produção literária serve de base para a compreensão da nossa natureza e também da nossa cultura, retratando especificidades regionais e descrevendo o modo de viver de nossa gente:

O romance brasileiro, portanto, pode ser tomado em sua linguagem literária para se debruçar sobre suas geografias. São inúmeros escritores que contribuíram para o conhecimento do tema e das gentes brasílicas, englobando as questões locais e regionais, contribuindo para firmar e delinear a identidade deste vasto país em busca de afirmação, enquanto nação. São autores que lançaram as bases para se compreender a formação histórica e cultural, partindo de uma geografia com ritmos e símbolos, criando personagens e descrevendo a realidade de um prisma artístico. Com a imaginação artística, os possíveis mundos reais e fictícios assumem contornos, descrições e representações dependendo dos olhares e das cores da interpretação da leitura e da escrita. É tarefa do geógrafo lançar as redes para procurar as ilações entre as duas linguagens. (MARANDOLA JR., OLIVEIRA, 2009, p. 492)

Na esteira dos desenvolvimentos científicos proporcionados pela virada cultural, os estudos culturais ganharam relevo na geografia brasileira a partir da década de 1990, tendo como um dos marcos a criação do Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Espaço e Cultura (NEPEC), em 1993, e da revista *Espaço e Cultura*,

em 1995, desenvolvida no âmbito do NEPEC (CORRÊA; ROSENDAHL, 2012). Contribuindo imensamente para a divulgação e tradução de textos seminais no campo das geografias cultural e humanista tanto na revista quanto nas publicações da coleção Geografia Cultural, da EdUERJ, o NEPEC encurtou caminhos para os encontros possíveis entre geografia e literatura.

### 1.1.2 Veredas percorridas na interface entre geografia e literatura

A relação entre geografia e literatura não ocorre através de uma via única. Ao contrário, é possível estabelecer esse diálogo através de diversos enfoques. Na tentativa de compreender como vêm se desenvolvendo as conexões entre geografia e literatura nas últimas décadas, alguns autores fizeram o esforço de sistematizá-las, agrupando as pesquisas desenvolvidas considerando seus temas, os caminhos teórico-metodológicos preferencialmente trilhados, além de demonstrar o crescimento dos estudos geoliterários ao longo do tempo. Dentre eles, destacam-se Brosseau (2013), Fernandes (2017) e Suzuki (2017), a quem recorreremos a seguir a fim de fazer um breve panorama do desenvolvimento dos estudos geoliterários na atualidade.

Em seu livro intitulado *Des romans-géographes*<sup>14</sup>, publicado em 1996 - cujos capítulos iniciais foram traduzidos e publicados na coleção Geografia Cultural da EdUERJ acima mencionada -, o geógrafo canadense Marc Brosseau identificou cinco vertentes pelas quais a geografia e a literatura vêm estabelecendo relações: literatura como um complemento de uma geografia regional; como crítica da realidade ou da ideologia dominante; histórias paralelas da geografia e da literatura; espaço, alteridade e literatura; e, por fim, a literatura como transcrição da experiência dos lugares. Discorreremos brevemente a seguir acerca das características que diferenciam essas cinco abordagens da literatura pela geografia do ponto de vista desse autor.

---

<sup>14</sup> BROSSEAU, Marc. *Des romans-géographes*. Paris, L'Hannattan, 1996, 246p.

Para Brosseau, a literatura permite transmitir a “alma dos lugares” sendo um meio de obter um “retrato vivo da unidade do lugar e do povo” (BROSSEAU, 2013, p. 268), identificando identidades regionais. Ao considerar “literatura como um complemento de uma geografia regional”, o autor destaca os relatos de viagem como importantes instrumentos para o conhecimento de terras distantes. No entanto, alerta para a necessidade de reflexão acerca do uso de produções literárias como fontes primárias, na medida em que não há como exigir objetividade ou uma correspondência real entre paisagens literárias e paisagens geográficas, tendo em vista que o texto literário é constituído e permeado pela subjetividade do autor e não possui a pretensão de ser um documento histórico. Desta forma, o texto literário se apresenta como mais um recurso para estabelecer uma aproximação com o real, não tendo o compromisso, portanto, com sua reprodução fiel.

No que diz respeito a “a literatura como crítica da realidade ou da ideologia dominante”, Brosseau (2013) explicita que, embora em menor expressão do que os estudos da geografia humanista, a geografia crítica também demonstrou um tímido interesse nas análises de estudos literários. Para esses pesquisadores, interessa o contexto socioespacial do autor, para entender suas representações literárias do mundo. A literatura pode ainda cumprir um papel de transformar o mundo, mostrando o mesmo como ele é, denunciando desigualdades ou mostrando como ele deveria ser. A literatura teria ainda o poder de disseminar representações de mundo que reafirmam ou refutam a ideologia dominante, possuindo assim, um papel político.

Considerando os estudos agrupados em “histórias paralelas da geografia e da literatura”, Brosseau (2013) recorre a diversos romances em que a geografia aparece nos textos literários mais do que como um simples palco dos acontecimentos. Em grande parte, o interesse dos romancistas pela geografia ocorre devido ao seu conhecimento geográfico.

Já na abordagem “espaço, alteridade e literatura”, o autor critica o fato de, muitas vezes, o diálogo entre geografia e literatura ser inexistente, na medida em que os geógrafos frequentemente recorrem à literatura para ratificar suas teses, tornando-se uma pesquisa direcionada ao que se deseja encontrar, não se colocando de fato aberta ao diálogo, onde a literatura poderia “revirar ideias” já absorvidas e fornecer novas contribuições.

Ao considerar a literatura como “transcrição da experiência dos lugares”, Brosseau (2013) aponta o romance como o “encontro entre o mundo objetivo e a subjetividade humana” (BROSSEAU, 2013, p. 272), na qual a literatura realista do século XIX - contexto no qual se insere Machado de Assis - serviria como material privilegiado para essa análise. No entanto, o autor manifesta a sua preocupação em salientar que ao transcrever experiências algo se perde no caminho. O romance pode, assim, recriar as experiências do autor, mas quando o mesmo as reproduz, estas já são uma representação do fato ocorrido. Não se pode, portanto, considerar as produções literárias uma descrição do real: há que se considerar esse encontro entre objetividade e subjetividade. A força da literatura, assim, “estaria em reunir a objetividade e a subjetividade, duas vertentes que mais se complementam do que se afrontam” (LAFAILLE, 1988 *apud* BROSSEAU, 2013).

Consoante Brosseau (2007), na relação geografia e literatura predominam estudos vinculados à geografia humanista. No entanto, o autor coloca dentre outras abordagens possíveis a análise do discurso, que no seu entender constitui-se como a mais marginalizada das abordagens. O autor atenta para a necessidade de se evitar uma transposição de discursos, já que entende que tanto a geografia quanto a literatura possuem discursos próprios, o que não deve ser ignorado: “geografia e literatura não são vasos comunicantes” (BROSSEAU, 2007, p. 80). Isso se justifica devido ao fato de, ao transpor a literatura para a linguagem científica, ocorrerem deformações ou simplificações: “o que uma obra exprime não pode ser parafraseado” (BROSSEAU, 2007, p. 81). Esta ideia é corroborada por Marandola JR. e Oliveira (2009) que, considerando que tanto a geografia quanto a literatura possuem métodos próprios, atentam para a necessidade de um cuidado com a transposição de discursos, que podem resultar em deformações e reduções:

Pensar a relação Geografia-Literatura não é apenas aproximar dois campos do conhecimento. Envolve aproximar duas visões de mundo que, enquanto tais, possuem suas especificidades, virtudes e limitações. Uma aproximação simplista reduziria o potencial compreensivo de uma ou de outra. Quer dizer: ler literariamente a Geografia ou ler cientificamente a Literatura, numa transposição de discursos, produziria deformações e reduções, diminuindo assim a riqueza da interação e a sua permeabilidade. (MARANDOLA JR, OLIVEIRA, 2009, p. 488).

Destarte, Brosseau (2007) propõe uma relação dialógica entre geografia e literatura, onde não haveria uma sobreposição de discursos, considerando que “ o interesse por uma relação dialógica reside na sua vontade de reconhecer o outro enquanto outro, isto é, na recusa de transformá-lo em objeto, de ‘homologá-lo’. No interior de uma relação como essa, o outro permanece sujeito” (BROSSEAU, 2007, p. 81-82). Deste modo, Brosseau (2007) se aproxima da teoria literária, propondo inclusive a criação de uma metalinguagem como um meio para interpretar, decodificar a literatura.

Na intenção de realizar “uma imagem da produção em geografia e literatura no Brasil”, conforme denominou em sua tese de doutorado, Fernandes (2017) identificou as escolas de pensamento, os referenciais teóricos utilizados e observou as tendências teóricas na produção do campo na geografia brasileira através de uma minuciosa análise - quantitativa e qualitativa - realizada a partir do levantamento e análise das publicações referentes à geografia e literatura nos principais periódicos brasileiros<sup>15</sup>, no período compreendido de 1974 a 2014. Como resultado, o autor identificou que o reencontro da geografia com a literatura a partir da década de 1970 ocorreu por meio de três escolas do pensamento: a Geografia Cultural Anglo-americana, a Geografia Humanista e a Geografia Cultural Francesa. A identificação dessas matrizes, segundo o autor, foi fundamental para a compreensão do desenvolvimento dos estudos relacionando geografia e literatura:

No cenário atual da geografia, outros movimentos de renovação do discurso geográfico, tais como a geografia cultural e a geografia humanista, começam a ganhar relevo no que diz respeito a determinadas temáticas, entre elas, as pesquisas realizadas em geografia e literatura. (...). Entender melhor as tendências e as teorias que produziram renovações no discurso geográfico entre as décadas de 1970 e 1980 é essencial para compreender o quadro e as possibilidades de realização das pesquisas em geografia e literatura e para tornar mais visível o cenário da geografia contemporânea no Brasil e no mundo. (FERNANDES, 2017, p. 54-55).

Dentre os principais referenciais teóricos utilizados nas pesquisas no Brasil, Fernandes (2017) identificou o predomínio de quatro vertentes pelas quais geografia e literatura se aproximam. De acordo com o autor, a geografia humanista lidera o

---

<sup>15</sup> O autor considerou somente periódicos com Qualis/Capes A1, A2, B1 e B2, totalizando a análise de 37 periódicos analisados. (FERNANDES, 2017).

número de trabalhos desenvolvidos, seguida por trabalhos baseados na teoria literária, na teoria da geografia e na geografia cultural. O autor destaca a teoria literária como segundo referencial teórico mais utilizado pelos geógrafos, superando surpreendentemente os estudos que têm como base a geografia cultural.

Podemos observar na geografia cultural um maior interesse com a descrição da paisagem e da região na literatura, enquanto na interface via geografia humanista, o interesse está na relação do homem com o lugar, em como ele percebe e se relaciona com o seu ambiente, considerando, inclusive, a perspectiva do autor, sua subjetividade e seu olhar sobre mundo.

Diferentemente de Fernandes (2017) que apostou na produção brasileira em periódicos, Suzuki (2017) faz uma análise da produção brasileira em geografia e literatura a partir do surgimento de grupos de trabalho e eventos acadêmicos relacionados à área, além de avaliar a evolução do campo a partir do número de trabalhos apresentados nesses eventos, bem como as temáticas, teorias e metodologias preferenciais adotadas. De acordo com o autor, o primeiro grupo de trabalho que reunia geografia e literatura ocorreu somente em 2011, no IX ENANPEGE (Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Geografia), no qual foram apresentados doze trabalhos relacionando esses dois campos do conhecimento. Podemos considerar a criação desse grupo de trabalho como um decisivo ponto de partida para as pesquisas que correlacionam geografia e literatura no Brasil:

Além da enorme riqueza de debates e da troca de experiências de mediação entre Geografia e Literatura, as atividades realizadas pelo Grupo de Trabalho resultaram no planejamento de inúmeras ações, entre elas, a criação de uma revista (em vias de divulgação do seu primeiro número em que pese já ter sido aprovada junto ao Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo: Revista Geografia, Literatura e Arte); a organização do Simpósio Nacional/Internacional de Geografia, Literatura e Arte (SIGEOLITERART), em São Paulo, em 2013 (...); e a criação de um Grupo de Pesquisa junto ao CNPq, o que foi realizado de imediato, a partir da Universidade de São Paulo, sob a liderança institucional de Júlio César Suzuki (USP) e Eguimar Felício Chaveiro (UFG), com o nome de Grupo de Pesquisa Geografia, Literatura e Arte (GEOLITERART). (SUZUKI, 2017, p. 133-134).

Suzuki (2017) identificou um crescimento gradativo no número de trabalhos apresentados no Grupo de Trabalho do ENANPEGE, que passou de doze em 2011

para dezoito em 2013. Já em 2015, quando o grupo de trabalho integrou pesquisadores da imagem e passou a chamar-se *Geografias, Imagens e Literatura: interlocuções possíveis*, foram apresentados vinte e um trabalhos.

Analisando a evolução do Simpósio Nacional de Geografia, Literatura e Arte (SIGEOLITERART), Suzuki (2017) identificou que sua primeira edição, ocorrida em 2010 em Salvador (BA), contou com 15 comunicações livres. Em sua segunda edição, realizada em São Paulo no ano de 2013, quando se transformou também em Simpósio Internacional, totalizou 76 apresentações da mesma natureza, resultando em uma coletânea de cinco livros publicados. Em 2015, a terceira edição ocorrida em Goiânia (GO) obteve 58 comunicações livres e em 2017, a edição de Dourados (MS) contou com 26 comunicações livres.

A partir da análise dos trabalhos apresentados nos simpósios e grupos de trabalho tratados anteriormente, Suzuki (2017) propôs a classificação dos trabalhos em cinco abordagens, que nos auxiliam a observar o transcurso do campo de estudos sobre geografia e literatura no Brasil até então. De acordo com o autor, os trabalhos apresentados podem ser agrupados de acordo com as seguintes temáticas: Geografia humanista, cultural e fenomenológica; Geografia e estética literária; Geografia e ideologias; Literatura e ideologias; Reprodução das relações sociais e, por fim, Geografia, literatura e ensino.

Na intenção de dar continuidade ao levantamento realizado por Suzuki (2017), atualizamos os dados referentes aos eventos realizados no período entre 2017 e 2021, não contemplados na pesquisa do autor. Com relação ao ENANPEGE, podemos observar a continuidade do crescimento no número de trabalhos inscritos ao longo das edições posteriores às analisadas por Suzuki (2017), conforme pode ser observado no gráfico a seguir, com 21 trabalhos aprovados para apresentação na edição de 2017<sup>16</sup>, seguida de 23 trabalhos em 2019<sup>17</sup> e 29 trabalhos em 2021<sup>18</sup> para

---

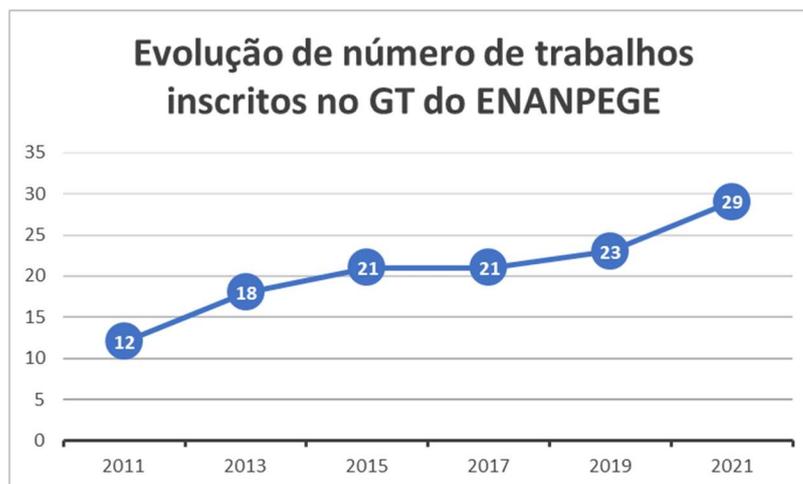
<sup>16</sup> Informação retirada do da programação do evento, disponível em: <<http://www.enanpege.ggf.br/2017/arquivos/caderno.pdf>>

<sup>17</sup> Informação retirada do da programação do evento, disponível em: <http://www.enanpege.ggf.br/2019/programacao>

<sup>18</sup> Devido à pandemia de COVID-19, o XIV ENANPEGE ocorreu em 2021 de forma remota. Para fins de adequação à esta nova realidade, os organizadores modificaram a apresentação de informações sobre o evento, disponibilizando informações mais específicas como programação das apresentações de trabalhos na seção área do participante, cujo acesso tem como exigência o *login*, mediante inscrição

o GT agora intitulado *Geografia, Literatura e Arte - por uma Educação Geoliterária em tempos desafiadores*.

Gráfico 1- Evolução do número de trabalhos inscritos no GT do ENANPEGE



Elaborado pela autora, 2023.

Em relação ao SIGEOLITERART, verificamos que a edição de 2019, realizada na cidade do Rio de Janeiro, contou com uma expressiva participação de pesquisadores, somando mais de uma centena de trabalhos científicos inscritos, conforme apontam as organizadoras do evento Silva e Elicher (2020):

O evento contou com 130 participantes gerais diários, somando quase 400 no total. Tivemos 110 trabalhos científicos inscritos, com aproximadamente 80% deles apresentados nos grupos de trabalho durante o evento. Neste caderno reunimos os trabalhos completos enviados e selecionados pelo comitê científico, com exceção dos que foram encaminhados pelo mesmo comitê para compor um volume especial do revista *Geografia, Literatura e Arte* (ISSN: 2594-9632/Portal de Revistas da USP), com o tema do Sigeoliterart 2019. (SILVA; ELICHER, 2020, p. 5)

Assim sendo, a realização do V Simpósio Nacional E IV Simpósio Internacional De Geografia, Literatura E Arte (SIGEOLITERART) possibilitou ao longo de três dias de evento uma intensa troca de saberes e experiências entre seus participantes e teve

---

no evento no *site* do mesmo, ou através de comunicação via email. Deste modo, o dado aqui mencionado foi retirado do relatório final do grupo de trabalho *Geografia, Literatura e Arte - por uma educação Geoliterária em tempos desafiadores*, que fora enviado para a presidência da ANPEGE, de modo a compor os ANAIS do evento e gentilmente encaminhado aos participantes do grupo de trabalho, do qual fiz parte, pelos coordenadores do mesmo.

como desdobramento, além da publicação dos trabalhos apresentados nos anais do evento, a publicação de uma edição da revista Geografia, Literatura e Arte composta com artigos apresentados no evento. No gráfico à seguir, podemos observar a evolução do número de trabalhos inscritos nas edições do SIGEOLITERART, onde destacam-se as edições ocorridas em São Paulo (2013) e no Rio de Janeiro (2019).

Gráfico 2 - Evolução do número de trabalhos inscritos no SIGEOLITERART



Elaborado pela autora, 2023.

Destarte, os estudos relacionando geografia e literatura constituem um campo consolidado, na medida em que o número de trabalhos na área vem apresentando crescimento, proporcionando estreito diálogo de uma rede de pesquisadores, articulados através de grupos de estudos devidamente registrados, além do desenvolvimento de revista especializada – Revista Geografia, Literatura e Arte – e a realização periódica de simpósios que, ocorrendo bienalmente desde 2010, contemplam pesquisadores não só da geografia, mas de diversas áreas do conhecimento - interessados nos caminhos e possibilidades da interface entre geografia, literatura e arte.

Dentro dos estudos de aproximação entre geografia, literatura e arte, os literatos brasileiros são muitas vezes personagens importantes para a geografia. Pode-se verificar a existência de considerável interesse dos pesquisadores pelas geografias criadas por grandes nomes da literatura nacional, a exemplo do verificado em Uehbe (2018), ao analisar a cidade de Salvador a partir dos romances urbanos de

Jorge Amado, como também nas geografias literárias de Rachel de Queiroz no Ceará, investigada em Cavalcante (2019).

A geografia de diversas cidades ou regiões do Brasil vem sendo analisada a partir do olhar geográfico dos literatos brasileiros, dando novo sentido à compreensão da realidade geográfica dos lugares nos quais os mesmos viveram ou sobre os quais escreveram. O Rio de Janeiro, com sua centralidade política, econômica, cultural e simbólica, destaca-se entre as cidades retratadas por grandes nomes da literatura nacional, despertando o interesse de geógrafos na interpretação da cidade a partir do conteúdo geográfico dos escritos literários. Como exemplo, Fernandes (2017) parte de Lima Barreto para analisar o subúrbio do Rio de Janeiro, enquanto Silva (2012) tem como ponto de partida o romance *Dom Casmurro*, de Machado de Assis, para analisar as representações literárias da cidade.

Não tardou para que pesquisadores da vida e da obra de Machado de Assis percebessem o protagonismo do Rio de Janeiro em seus escritos, na medida em que grande parte de seus romances e contos são ambientados na cidade em tela. Deste modo, não somente pesquisas científicas foram desenvolvidas, tal qual Silva (2012), como também foram produzidas importantes mídias e outras linguagens que contribuíram para a popularização e divulgação da obra machadiana desde o Rio de Janeiro, como o já citado filme *O Rio de Machado de Assis* (2001), dirigido por Norma Bengell; o aplicativo *Rio de Machado*, uma produção interativa que possibilita ao leitor localizar no mapa os lugares referenciados por Machado de Assis em seus romances; e pesquisas iconográficas, como *Rio de Assis: Imagens machadianas do Rio de Janeiro*, desenvolvida por Carrer (1999), que reúne imagens da época dos locais citados por Machado em romances, contos e crônicas, possibilitando uma ilustração da paisagem carioca à época de Machado de Assis. Na esteira da popularização do turismo literário, Machado de Assis figura entre os literatos cuja vida e obra foram roteirizadas em *city tours*<sup>19</sup> que percorrem os passos dos autores e seus personagens pela cidade do Rio de Janeiro, atraindo leitores interessados em explorar a cidade a

---

<sup>19</sup> Participamos em 2019 do roteiro intitulado “O Rio de Machado de Assis”, promovido por uma empresa de turismo, que percorreu ruas do centro do Rio, com pontos de paradas em lugares importantes da vida do autor - endereços onde o autor morou (Rua das Andradas e Rua Santa Luzia), Rua do Ouvidor, Teatro Municipal e Academia Brasileira de Letras - e lugares citados em sua obra, como a igreja da Candelária, onde foram lidos trechos do romance *Dom Casmurro*, com menções à igreja em questão.

partir da visitação de locais citados nas obras, além de lugares onde residiram ou foram importantes na biografia dos autores.

Tais iniciativas contribuem para a disseminação da ideia - já consolidada no meio científico - de que não há como pensar a obra machadiana sem situá-la no Rio de Janeiro do século XIX. Mais do que cenário de suas tramas, a cidade - e toda a sua complexidade em um período de intensas transformações políticas, econômicas, sociais e culturais - é personagem no desenvolvimento de suas narrativas.

Tendo em vista o potencial geográfico da obra do maior escritor brasileiro e com o intuito de contribuir para o avanço dos estudos que relacionam a cidade do Rio de Janeiro (geografia) e a obra de Machado de Assis (literatura), debruçaremos-nos sobre a análise de suas crônicas para investigar como o autor qualificou a principal rua da cidade à sua época nesses escritos: a Rua do Ouvidor.

## **1.2 Machado de Assis e a crônica como caminho para uma abordagem geoliterária**

Ao iniciar nossa pesquisa sobre a vida e a obra de Machado de Assis, nos deparamos com a complexidade de utilizar como fonte um autor canônico e com ampla recepção crítica. Deste modo, a presente seção, primeiramente, tem como objetivo delinear os autores - entre eles biógrafos e críticos literários - a quem recorreremos na construção da nossa análise acerca do maior escritor brasileiro. Em seguida, apresentamos o gênero literário por nós escolhido para conectar geografia e literatura através de Machado de Assis - a crônica, apresentando suas características gerais e contextualizando a crônica machadiana no âmbito do jornalismo literário.

### **1.2.1 Machados de Assis**

Não é novidade o fato de Machado de Assis figurar entre os principais e mais celebrados autores da Língua Portuguesa. Sua obra – tornada patrimônio cultural

carioca no centenário de sua morte, em 2008<sup>20</sup> (SILVA, 2012) – há muito foi internacionalizada, sendo suas primeiras traduções para o inglês datadas da década de 1950, traduções essas que se desdobraram na tradução do autor para outros idiomas (GUIMARÃES, 2017). O status internacional de sua obra foi impulsionado pelos estudos desenvolvidos nas universidades norte-americanas, nas quais Machado “começa a ser ensinado também fora dos departamentos de literatura brasileira, na área de literatura comparada, em cursos sobre os clássicos do romance moderno” (SCHWARZ, 2006, p. 64). Assim, Machado de Assis figura não só como um dos principais autores da literatura brasileira, mas da literatura universal, lado a lado de nomes como Sterne e Shakespeare, entre outros. Embora os escritos de Machado tenham ultrapassado a marca de um século, sua relevância e atualidade persistem, tendo a tradução mais recente de Memórias Póstumas de Brás Cubas, de Flora Thomson-DeVeaux, lançada nos Estados Unidos em junho de 2020, esgotado em menos de 24 horas.<sup>21</sup>

No âmbito nacional, ao longo dos 115 anos após o falecimento do autor, uma vasta produção científica foi desenvolvida com o intento de investigar inúmeras vertentes e facetas proporcionadas por sua vida e obra, pesquisas essas advindas não só do campo das Letras, como também da Filosofia, História, Psicologia e, não obstante, Geografia. Devido à complexidade e densidade de seus escritos, materializados não só em seus épicos romances, como também na sua não menos importante produção de crônicas, poemas e contos, Machado mostra-se um autor inesgotável, apesar de tanto já ter sido explorado por diversos campos do conhecimento, conforme salienta Guimarães (2017):

O nome Machado de Assis de fato tornou-se problema crítico, cultural, social, político, na medida em que sobre ele se projetam discussões, disputas, polêmicas que têm tanto a dizer sobre a obra quanto sobre o papel da literatura e do escritor no processo cultural brasileiro, além do lugar do Brasil no palco mundial, com usos os mais variados. No âmbito da crítica literária, os textos machadianos foram e têm sido objeto de estudo das mais diversas

---

<sup>20</sup> O Decreto n.º 29902 de 26 de setembro de 2008, assinado pelo então prefeito do Rio de Janeiro César Maia, considerou, dentre as justificativas para legitimar o decreto a importância da obra de Machado de Assis “no registro do cotidiano urbano da cidade do Rio de Janeiro”. Disponível em: <[http://www0.rio.rj.gov.br/patrimonio/pastas/legislacao/dec29902\\_2008v2.pdf](http://www0.rio.rj.gov.br/patrimonio/pastas/legislacao/dec29902_2008v2.pdf)>. Acesso em: 28 fev. 2023.

<sup>21</sup> Disponível em: <https://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2020/06/05/memorias-postumas-de-bras-cubas-e-relancado-nos-estados-unidos-e-livros-esgotam-em-um-dia.ghtml> . Acesso em: 17 jan. 2021.

vertentes e servido à aplicação das diversas teorias e modas críticas que chegaram ao país, desde a célebre revoada das novas ideias científicas do final da década de 1860, início da de 1870, mencionada por Sílvio Romero, até as teorias pós-modernas do final do século XX e início do XXI, passando pelo biografismo, pela psicopatologia, pelo *New Criticism*, pela estilística, pelo estruturalismo, pelo marxismo e, mais recentemente, pelos estudos pós-coloniais e pelas questões de raça e gênero. (GUIMARÃES, 2017, p.15)

A considerar a produção historiográfica acerca de Machado de Assis no decurso desse mais de um século de pesquisas, há aspectos inicialmente defendidos e já superados, assim como o surgimento de novas questões a respeito de sua vida e obra, sendo, portanto, tanto sua crítica literária como suas biografias, repletas de permanências, reviravoltas, mas, sobretudo, de movimento, configurando-se como um consolidado e ativo campo de pesquisa científica. Desse modo, não somente a vida e obra de Machado de Assis resultaram no florescimento de numerosos estudos, como também a própria recepção crítica e os estudos biográficos do autor foram amplamente investigados, culminando na elaboração de releituras e reinterpretações que vão além da sua vida e obra, abrangendo os estudos produzidos sobre elas:

Em vez de serem encaradas como subsídios para a interpretação da obra, apêndices ou portos seguros para o trabalho crítico, as biografias são problematizadas enquanto gênero, entendidas elas mesmas como interpretações e textos a serem interpretados. Desse modo, passam a integrar a história da recepção da obra machadiana, com muito a dizer sobre o sistema literário e o processo cultural brasileiro. (GUIMARÃES, 2008, p. 14)

Ao mesmo tempo em que a existência de uma extensa historiografia facilita o trabalho do pesquisador machadiano, pode representar uma grande dificuldade na medida em que, ao se deparar com um mundo de possibilidades inerente a esse vasto referencial, definir por onde começar, que autores tomar como base pode tornar-se um entrave metodológico. A partir das escolhas efetuadas pelo pesquisador, resulta uma ideia de Machado de Assis a ser tomada como referência.

Guimarães (2017) realizou uma importante contribuição para os estudos machadianos ao identificar a existência de quatro concepções - ou quatro figuras, como denominou - acerca da figura de Machado de Assis, a partir da análise da recepção crítica do autor. Essas quatro visões acerca do maior escritor brasileiro estão relacionadas com o momento da recepção crítica e sua conjuntura, que suscitaram diferentes olhares sobre Machado, associando-o às ideias de: escritor de exceção;

mito nacional; Shakespeare brasileiro e Machado de Assis realista, conforme apresentado no quadro a seguir.

Quadro 1 - As quatro figuras de Machado de Assis

<b>As quatro figuras de Machado de Assis (GUIMARÃES, 2017)</b>		
<b>Figuras de Machado de Assis</b>	<b>Quando/Fase/Momento</b>	<b>Críticos ou Biógrafos</b>
Escritor de excessão, cuja obra se adequava mal à série histórica e às expectativas então vigentes a respeito dos gêneros literários.	Recepção primeira da obra, realizada no período de vida do autor	Sílvia Romero, Araripe Júnior e José Veríssimo
Mito Nacional	1930 a 1950 - tem como marco as comemorações do centenário de nascimento de Machado de Assis, dentre elas a inauguração de sua estátua, em 1929, na Academia Brasileira de Letras.	Augusto Meyer, Astrogildo Pereira, Lúcia Miguel Pereira, e Eugênio Gomes.
Shakespeare Brasileiro - internacionalização da obra	Década de 1950 - primeiras traduções dos romances para o inglês.	Desenvolvimento do primeiro estudo de fôlego sobre um romance do escritor sistematicamente produzido fora do ambiente intelectual brasileiro: <i>The Brazilian Othello of Machado de Assis</i> , de Helen Caldwell.
Machado de Assis Realista	a partir da década de 1970	Roberto Schwartz, John Gledson, Alfredo Bosi, Michael Wood, Abel Barros Baptista

Fonte: Elaboração própria, com base em Guimarães (2017)

A partir da segmentação proposta por Guimarães (2017), optamos por recorrer a autores mais contemporâneos da crítica machadiana, pós 1970, correspondentes à análise da figura realista de Machado de Assis. Reconhecendo a importância histórica da contribuição de autores como Lúcia Miguel Pereira (1936) no desenvolvimento dos estudos machadianos, entendemos que optar por autores contemporâneos também os contempla, na medida em que os estudos mais atuais correspondem à evolução dos estudos acerca da vida e obra de Machado de Assis, representando, portanto, uma revisão e atualização da pesquisa machadiana. Dentre os autores a quem recorreremos, destaca-se o autor inglês John Gledson (2003, 2006) cujo enfoque recai sobre a análise da crônica machadiana.

Esta estratégia metodológica vem a solucionar um gargalo inicial da pesquisa, auxiliando-nos a compreender o contexto de produção das biografias e estudos críticos, o imaginário sobre Machado de Assis e os discursos que basearam essa grande gama de conhecimentos no que tange a sua vida e obra. Se em um primeiro momento havia dificuldade em compreender as nuances presentes na historiografia

dos estudos machadianos, autores como Guimarães (2017), contribuíram para o entendimento do percurso desses aprendizados; portanto, possibilitaram-nos empreender escolhas teóricas e metodológicas conscientemente.

De forma análoga, ao verificar a vasta produção biográfica de Machado de Assis, nos deparamos com quase três dezenas de obras biográficas produzidas sobre o autor entre os anos de 1934 e 2005, cuja relação pode ser observada no quadro a seguir.

Quadro 2 - Relação de Biografias produzidas sobre Machado de Assis

Autor	Título	Local	Editora	Ano
PUJOL, Alfredo	Machado de Assis	Rio de Janeiro	José Olympio	1934
PEREIRA, Lúcia Miguel	Machado de Assis. Estudo crítico e biográfico	São Paulo	Companhia Editora Nacional	1936
ABREU, Modesto de	Machado de Assis	Rio de Janeiro	Norte	1939
ALMEIDA, Heloísa Lentz de	A vida amorosa de Machado de Assis	Rio de Janeiro	Central	1939
MATOS, Mário	Machado de Assis. O homem e a obra. Os personagens explicam o autor	São Paulo	Nacional	1939
PAULA-FREITAS, Luis	Perfil de Machado de Assis	Rio de Janeiro	Oficina gráfica de O Globo, 1939	1939
PONTES, Eloy	A vida contraditória de Machado de Assis	Rio de Janeiro	José Olympio	1939
XAVIER, Lindolfo	Machado de Assis no tempo e no espaço	Rio de Janeiro	Editores Brasílica	1940
BELLO, José Maria	Retrato de Machado de Assis	Rio de Janeiro	A Noite	1952
MAGALHÃES JUNIOR, Raimundo	Machado de Assis desconhecido	Rio de Janeiro	Editores Civilização Brasileira	1955
BARBOSA, Francisco de Assis	Machado de Assis em miniatura	São Paulo	Melhoramentos	1957
MAGALHÃES JUNIOR, Raimundo	Machado de Assis, funcionário público: no Império e na república	Rio de Janeiro	Ministério da Viação e Obras Públicas	1958
MASSA, Jean-Michel	La Bibliothéque de Machado de Assis. Revista do Livro	Rio de Janeiro	INL	1961
VIANNA FILHO, Luís	A vida de Machado de Assis	Rio de Janeiro	José Olympio	1965
MASSA, Jean-Michel	A juventude de Machado de Assis. 1839-1870	Rio de Janeiro	Civilização Brasileira	1971
MAGALHÃES JUNIOR, Raimundo	A Juventude de Machado de Assis	Rio de Janeiro	Conselho Federal de Cultura	1972
MONTELLO, Josué	Machado de Assis	Rio de Janeiro	Verbo	1972
FONSECA, Manuel José Gondim de	Machado de Assis e o hipopótamo. Uma revolução biográfica	Rio de Janeiro	São José	1974
MEYER, Augusto	Machado de Assis	Brasília	INL	1975
MAGALHÃES JUNIOR, Raymundo	Vida e obra de Machado de Assis	Rio de Janeiro	Civilização Brasileira	1981
MONTELLO, Josué	O Presidente Machado de Assis nos papéis e relíquias da Academia Brasileira	Rio de Janeiro	José Olympio	1986
WERNECK, Maria Helena	O Homem Encadernado: Machado de Assis na escrita das biografias	Rio de Janeiro	EdUERJ	1996
MONTELLO, Josué	Memórias Póstumas de Machado de Assis	Rio de Janeiro	Nova Fronteira	1997
MONTELLO, Josué	Os inimigos de Machado de Assis	Rio de Janeiro	Nova Fronteira	1998
GRINBERG, Anita Correia Lima de <i>et al</i>	Para conhecer Machado de Assis	Rio de Janeiro	Jorge Zahar Editor	2005
PIZA, Daniel	Machado de Assis, um gênio brasileiro	São Paulo	Imprensa Oficial/EDUSP	2005
MOTTA, Arthur	Bio-bibliografia de Machado de Assis	Rio de Janeiro	Revista da ABL nº 147	-

Elaborado pela autora, 2023. Fonte: Academia Brasileira de Letras.

Tendo em vista essa vasta produção biográfica, optamos por utilizar dois biógrafos como fonte de pesquisa, a saber: Francisco de Assis Barbosa, cuja obra *Machado de Assis em miniatura*, originalmente publicada em 1957, serviu de apoio e contraponto para a leitura de *A Juventude de Machado de Assis* (1971), de Jean-Michel Massa, que se constituiu como principal biógrafo de Machado de Assis a orientar nossa pesquisa. A escolha por Massa (1971) justifica-se por sua obra tratar-se de um marco na produção biográfica de Machado. Um de seus principais críticos contemporâneos, Gledson (2006) considerou a biografia de autoria de Jean-Michel Massa a melhor biografia de Machado de Assis:

Massa, de várias maneiras, tomou como base as descobertas dos anos anteriores, bem como reviu atentamente alguns excessos. O resultado é a melhor biografia que temos de Machado, plenamente documentada, criteriosa, com notas e um índice completo (...) Apesar de abarcar apenas até 1870, e, portanto, não entrar no período de vida de Machado em que ele fica mais interessante (e mais difícil de discutir), é, pelo menos, um grande passo na direção do que deve ser feito. (GLEDSON, 2006, p. 12)

As biografias por nós utilizadas possuem perfis bastante diferentes. Enquanto Barbosa (2008), como já anuncia o título de sua obra, nos permite uma análise menos aprofundada de cada fase da vida de Machado de Assis por se tratar de uma biografia “em miniatura”, servindo de livro paradidático voltado para um público jovem em idade escolar, a biografia elaborada por Massa (1971) é resultado de sua tese de doutorado, na qual o autor se debruça sobre a juventude de Machado de Assis com o rigor científico e profundidade inerentes à natureza de sua pesquisa. É perceptível a diferença nas narrativas biográficas de ambos, sendo Massa (1971) mais analítico e crítico (e cuidadoso), enquanto Barbosa (2008) caracteriza-se por uma narrativa mais “típica” das biografias de grandes nomes, com um teor mais celebratório e até romanceado. Recorrer a essas duas biografias de estilos textuais tão particulares foi salutar para a elaboração da geobiografia de Machado de Assis pelos bairros e ruas do Rio de Janeiro, evidenciando leituras complementares que iluminam a trajetória de Machado de Assis até a Rua do Ouvidor, como veremos adiante.

### 1.2.2 Contextualizando a crônica machadiana no âmbito do Jornalismo Literário

Escrever prosa é uma arte ingrata. Eu digo prosa fiada, como faz um cronista; não a prosa de um ficcionista, na qual este é levado meio a tapas pelas personagens e situações que, azar dele, criou porque quis. Com um prosador do cotidiano, a coisa fia mais fino. Senta-se ele diante de sua máquina, acende um cigarro, olha através da janela e busca fundo em sua imaginação um fato qualquer, de preferência colhido no noticiário matutino, ou da véspera, em que, com as suas artimanhas peculiares, possa injetar um sangue novo. Se nada houver, resta-lhe o recurso de olhar em torno e esperar que, através de um processo associativo, surja-lhe de repente a crônica, provinda dos fatos e feitos de sua vida emocionalmente despertados pela concentração. Ou então, em última instância, recorrer ao assunto da falta de assunto, já bastante gasto, mas do qual, no ato de escrever, pode surgir o inesperado. (MORAES, 1982)<sup>22</sup>

No trecho acima, retirado de *O exercício da Crônica*, o poeta Vinícius de Moraes relata o dia-a-dia de um autor na construção de suas crônicas. A crônica é um gênero literário que se caracteriza por explorar os aspectos cotidianos sobre os quais se debruçam seus escritores. Além de explorar notícias que foram destaque no dia ou na semana e as consequências desses fatos na economia, na política e na vida do homem comum, a crônica abre espaço nas páginas de jornal aos fatos corriqueiros da vida na cidade que não se prestariam a virar notícia, mas instigam a curiosidade e aproximam o leitor daquela situação que poderia muito bem ter sido vista ou vivida por ele, estabelecendo, desse modo, uma identificação do leitor com a crônica, fazendo com que ele se reconheça nos aspectos e modos de viver na cidade apresentados pelo cronista.

Coutinho (1990) define a crônica como “um gênero literário de prosa, ao qual menos importa o assunto, em geral efêmero, do que as qualidades de estilo, a variedade, a finura e argúcia na apreciação, a graça na análise de fatos miúdos e sem importância, ou na crítica de pessoas” (COUTINHO, 1990, p. 296). A relação da crônica com os pequenos fatos do cotidiano também é destacada por Sá (2008), que a considera um gênero textual que tem por princípio básico o registro do circunstancial, entendendo por circunstância um

---

<sup>22</sup> Moraes, Vinícius de. O exercício da crônica. In: Para viver um grande Amor. Disponível em: <https://www.viniciusdemoraes.com.br/pt-br/prosa/o-exercicio-da-cronica-0>. Acesso em: 25 abril. 2023.

Pequeno acontecimento do dia-a-dia, que poderia passar despercebido ou relegado à marginalidade por ser considerado insignificante. Com o seu toque de lirismo reflexivo, o cronista capta esse instante brevíssimo que também faz parte da condição humana e lhe confere (ou lhe devolve) a dignidade de um núcleo estruturante de outros núcleos, transformando a simples situação no diálogo sobre a complexidade das nossas dores e alegrias. Somente nesse sentido crítico é que nos interessa o lado circunstancial da vida. E da literatura também. (SÁ, 2008, p. 11)

Através da exploração das minúcias ocorridas no cotidiano, o cronista diz a cidade à sua maneira. A crônica expressa o seu modo de ver a cidade, a partir da sua experiência urbana, contando casos que ouviu dizer ou presenciou nos lugares que frequenta, nas ruas que costuma passar, no trajeto de casa para o trabalho, no transporte público: “Ao narrar o mundo, o cronista narra a si mesmo – e ambos vencem a passagem do tempo” (SÁ, 2008, p. 68).

De acordo com Sá (2008), “O cronista-poeta não fantasia sensações, registra-as usando os seus recursos estilísticos, mas sempre consciente de que a crônica oscila entre o visto e o imaginado” (SÁ, 2008, p. 71). Tal ideia é corroborada por Velloso (2017), ao ressaltar que a crônica não se limita à simples discussão dos fatos ocorridos, mas também é formada por elementos ficcionais criados pelo autor, compreendendo, portanto, subjetividade e imaginação:

A crônica não se limita ao registro de um episódio ou à documentação de uma realidade, pois não se esgota na realidade a que se refere. Escrito de maneira subjetiva, o texto mistura o visto e o imaginado e, nesse processo de invenção, recebe também um caráter fictício, que por sua vez se relaciona ao literário. (VELLOSO, 2017, p. 71-72).

Velloso (2017) evidencia que, diferentemente do historiador ou do repórter, o cronista não possui um compromisso com um relato fiel da realidade, frequentemente utilizando os fatos como pretexto e fio condutor de outros assuntos que serão abordados na crônica. Ao cronista é permitido ficcionar, além de proporcionar ao leitor uma outra visão dos fatos e comparar situações, levando-o à reflexão e, por vezes, persuadindo-o a interpretá-los à sua maneira:

Ressalta-se a relação da ficção com a crônica. Diferentemente do historiador, que interpreta os arquivos e fatos documentados a partir do relato fiel à realidade, para o cronista a história é um instrumento a que se atribuem olhares diversos. Ou seja, ao autor da crônica é permitida uma criação que, embora registre acontecimentos, tenha também a liberdade de ficcionalizá-los, se assim desejar. No entanto, não cabe ao cronista enganar o leitor, mas sim conduzi-lo a uma nova reflexão estimulada pelo texto. Dessa forma, o cronista se diferencia do repórter porque, enquanto para este o acontecimento é um fim, para aquele é apenas um pretexto. Para o repórter, basta que a informação seja transmitida; para o cronista, é necessário entreter o receptor, interagir e ter a habilidade de fazer com que ele assimile e absorva imperceptivelmente suas ideias à medida que realiza a leitura. (VELLOSO, 2017, p. 44)

A crônica machadiana está inserida no contexto do jornalismo literário, singular fase do jornalismo brasileiro em que a presença de literatos na produção dos jornais era significativa, o que contribuiu não somente para a consolidação da literatura nacional, como também da própria imprensa, uma vez que a história e o desenvolvimento desses dois campos acabaram por se fundir durante o século XIX.

O casamento entre jornalismo e literatura foi bem-sucedido, uma vez que a produção literária foi responsável por alavancar as vendas dos periódicos e, ao mesmo tempo, os homens das letras nacionais encontravam nos jornais um eficiente meio de divulgação de seu nome, pensamento e obras, conferindo-lhes visibilidade:

Os homens das letras buscavam encontrar no jornal o que não encontravam no livro: notoriedade, em primeiro lugar; um pouco de dinheiro, se possível (...). No inquérito organizado por Paulo Barreto, e depois reunido no volume *O Momento Literário*, uma das perguntas era esta: 'O jornalismo, especialmente no Brasil, é um fator bom ou mau para a arte literária?' A maioria respondeu que bom, naturalmente. Félix Pacheco esclareceu com exatidão: 'Toda a melhor literatura brasileira dos últimos trinta e cinco anos fez escala pela imprensa (SODRÉ, 1983, P. 292)

Sodré (1983, p. 225) define a Gazeta de Notícias, criada em 1874, como um jornal formado por "jornalistas e não homens de letras", o que sugere uma profissionalização dos jornalistas. Entretanto, será nesse jornal que, de 1891 a 1900, Machado de Assis publicará sua maior e mais destacada série de crônicas, intitulada *A Semana*. Sendo assim, podemos dizer que havia um movimento para tornar o jornalismo mais objetivo e profissional, enquanto a literatura, por sua vez, ainda permaneceu em papel de destaque no jornalismo brasileiro até o fim do século XIX.

Concomitantemente, a década de 1860 é marcada pela proliferação de periódicos literários. Com o advento e popularização das revistas ilustradas, ocorreu um espraiamento do conteúdo literário também para essas revistas. Assim, o jornalismo literário brasileiro não se restringiu à atuação dos homens das letras nos jornais. A literatura nacional assenhorou-se também dos espaços das revistas ilustradas. Ao descrever a *Semana Ilustrada*, Sodré (1983) enumera alguns dos colaboradores ilustres da revista:

Publicava poesias, crônicas, contos – as crônicas sob a responsabilidade do Dr. Semana [Machado de Assis], figura obrigatória da ilustração da capa, de que se pretendia fazer um tipo, comentando os assuntos da semana com o seu moleque, pequeno escravo que lembrava personagem da peça de Alencar, *O Demônio familiar*. Pela semana Ilustrada passaram os mais conhecidos escritores e jornalistas da época: Machado de Assis, Quintino Bocaiúva, Pedro Luís, Joaquim Manoel de Macedo, Joaquim Nabuco, Bernardo Guimarães, etc. (SODRÉ, 1983, p. 205)

Até o século XIX, os jornais não contavam com escritores em suas redações. A partir de então, verifica-se um aumento da influência da literatura no jornalismo. De acordo com Gonçalves (2013), “neste período, o jornalismo literário tornou-se um ‘fenômeno universal’, apresentando o folhetim como principal instrumento da junção entre jornalismo e literatura.” (GONÇALVES, 2013, p. 1). Com base em Sodré (1983) e no exposto por Gonçalves (2013), podemos considerar que o folhetim se configurou como a porta de entrada para a literatura, alavancando as vendas dos jornais e “prendendo” o leitor/consumidor do jornal, que aguardava o desenrolar dos romances:

O grande público iria sendo lentamente conquistado para a literatura, principalmente pelo folhetim, que se conjugou com a imprensa e foi produto específico do Romantismo europeu, aqui imitado com sucesso amplo, nas condições do tempo. O folhetim era, via de regra, o melhor atrativo do jornal, o prato mais suculento que podia oferecer, e por isso o mais procurado. Ler o folhetim chegou a ser um hábito familiar, nos serões das províncias e mesmo na Corte, reunidos todos os da casa, permitida a presença das mulheres. A leitura em voz alta atingia analfabetos, que eram a maioria. (SODRÉ, 1983, p. 243)

Gonçalves (2013) destaca que, de acordo com Arnt (2001), o jornalismo literário no Brasil está compreendido no período de 1852 a 1908. Essas datas são simbólicas

e marcam dois importantes eventos na literatura e jornalismo nacionais: 1852 refere-se à publicação do primeiro folhetim brasileiro<sup>23</sup>, enquanto 1908, o ano do falecimento de Machado de Assis, marca o fim do jornalismo literário no Brasil. Sodré (1983, p. 303) entende a morte de Machado como o marco do fim da literatura oitocentista, considerando ainda que “o tom melhor do jornalismo literário é dado por Machado de Assis” (SODRÉ, 1983, p.198), o que demonstra o protagonismo de Machado em relação ao jornalismo literário nacional.

Sobre a prática do folhetinista e do espriamento do folhetim pelo mundo, Machado de Assis escreveu em crônica de 1859:

O folhetinista é originário da França, onde nasceu, e onde vive a seu gosto, como em cama no inverno. De lá espalhou-se pelo mundo, ou pelo menos por onde maiores proporções tomava o grande veículo do espírito moderno: falo do jornal. (...) Força é dizê-lo: a cor nacional, em raríssimas exceções tem tomado o folhetinista entre nós. Escrever folhetim e ficar brasileiro é na verdade difícil. (ASSIS, 1859)<sup>24</sup>

No entanto, apesar da crítica de Machado de Assis sobre o possível “afrancesamento” dos escritores brasileiros, diferentemente dos autores europeus, os autores brasileiros não tentaram se adequar ao modelo de escrita dos folhetins europeus. Em 1880, o próprio Machado publicou em folhetim o primeiro de seus grandes romances na *Revista Brasileira*<sup>25</sup>, *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, que seria editado em livro no ano seguinte (SODRÉ, 1983).

Se no jornalismo literário mundial o folhetim representou o enlace entre jornalismo e literatura, no Brasil não houve um protagonismo isolado do folhetim, uma

---

<sup>23</sup> O primeiro romance brasileiro em folhetim foi *As Memórias de um Sargento de Milícias*, de Manuel Antônio de Almeida, publicado entre 27 de julho de 1852 e 31 de julho de 1853, no *Correio Mercantil*. O romance apareceria em livro em 1854 e 1855, ou seja, posteriormente a sua publicação em folhetim (SODRÉ, 1983, p. 190), reforçando a premissa do sucesso do folhetim para a sua posterior edição em livros.

<sup>24</sup> O *Espelho*, 11 de Set. 1859 a 30 de Out. 1859.

<sup>25</sup> A *Revista Brasileira* foi criada em 1855, encerrando suas atividades em 2018. Ao longo de sua história, a revista teve nove fases de publicações. A publicação em folhetim de *Memórias Póstumas de Brás Cubas* integrou a segunda fase de publicações da revista, a chamada “fase Midosi”, editada por Nicolau Midosi, que contou com a publicação regular mensal de junho de 1879 a dezembro de 1881, totalizando 30 números reunidos em 10 volumes no período. Disponível em: <https://www.academia.org.br/publicacoes/revista-brasileira>. Acesso: 20 mar. 2023.

vez que a colaboração dos literatos brasileiros na publicação de crônicas ocorreu simultaneamente à popularização dos folhetins brasileiros. Dessa forma, se em 1852 tivemos a publicação do primeiro folhetim brasileiro, em 1854 José de Alencar “passou a escrever crônicas, no rodapé domingueiro da primeira página, passando em revista os acontecimentos da semana” (SODRÉ, 1983, p. 190). Já em 1859, foi a vez de Machado de Assis estreitar como cronista no jornal *Correio Mercantil*. Assim, a partir de meados da década de 1850, tem início “a época dos homens das letras fazendo a imprensa” (Sodré, 1983, p. 192).

Para além dos folhetins, Barbosa (2007) defende a consolidação da literatura brasileira nos jornais a partir de outros gêneros, como a crônica e o conto. A importância da crônica não passa despercebida por Gonçalves (2013), que destaca Machado de Assis como responsável pelo amadurecimento desse gênero literário:

Outra manifestação dos escritores na imprensa se dava através das crônicas (...) a crônica moderna nasceu através do consagrado folhetim. Machado de Assis atuou como cronista amadurecendo o gênero literário, como afirma Arnt (2001). Além dele, em 1854, José de Alencar passou a publicá-las no jornal *Correio Mercantil*, sendo considerado por Hérís Arnt (2001), o segundo passo em direção ao jornalismo literário. (GONÇALVES, 2013, p. 6-7)

Portanto, apesar de alguns autores, como Gonçalves (2013) defenderem o folhetim como a locomotiva da aproximação entre jornalismo e literatura, acreditamos que o que torna o jornalismo literário brasileiro tão potente é justamente a atuação dos literatos em diversos gêneros, concomitantemente. Ou seja, não há como delimitar uma fase poeta, contista, cronista ou folhetinista de autores como Machado de Assis, pois sua verve está também na pulsante diversidade de sua obra que crescia em diferentes frentes de trabalho, expondo múltiplas facetas.

Outra dimensão da importância da imprensa para a consolidação da literatura nacional se refere à atuação dos literatos brasileiros como correspondentes dos jornais. Não fosse Euclides da Cunha enviado pelo jornal *O Estado de São Paulo* ao conflito de Canudos, em 1897 como correspondente de guerra, não haveria *Os Sertões* (SODRÉ, 1983, p. 269). Foi a partir dessa expedição, de suas anotações de campo e correspondências enviadas que um dos principais romances da literatura nacional se tornou possível.

Conforme aponta SODRÉ (1983, p. 241), os anos 1890 não representaram apenas “uma grande época política; não por coincidência, é também uma grande época literária”. No entanto, a partir de meados dessa década e, mais precisamente, a partir da virada para o século XX, a literatura foi perdendo espaço nos jornais. Isso se deve ao fato de o jornalismo gradativamente ter amadurecido sua forma e discurso, havendo uma mudança no *layout* dos jornais, além da transformação no modo de fazer jornal no que diz respeito aos assuntos tratados e na forma como eram escritos: a ênfase passou a ser a notícia, o fato, a informação, em detrimento da opinião, o que expressa o declínio do protagonismo da literatura nos jornais e, por sua vez, a derrocada do jornalismo literário brasileiro:

As colaborações literárias, aliás, começam a ser separadas, na paginação dos jornais: constituem matéria à parte, pois o jornal não pretende mais ser, todo ele, literário. Aparecem seções de crítica em rodapé, e o esboço do que, mais tarde serão os famigerados suplementos literários (...). É um pouco dessa transformação que decorre a proliferação das revistas ilustradas que ocorre a partir daí. Nelas é que irão se refugiar os homens de letras, acentuando a tendência do jornal para caracterizar-se definitivamente como imprensa; as revistas passarão, pelo menos nessa fase, por um período em que são principalmente literárias, embora também um pouco mundanas e, algumas, críticas. (SODRÉ, 1983, p. 297)

Portanto, para compreender as geografias e as histórias da literatura brasileira, é fundamental recorrermos aos jornais e revistas publicadas no Brasil a partir da segunda metade do século XIX e primeira década do século XX, analisando as nuances do jornalismo literário. Pretendemos aqui demonstrar quão imbricados foram jornalismo e literatura desde sua origem, desenvolvendo-se mutuamente e distanciando-se conforme foram adquirindo autonomia.

### **1.3 Descortinando as geografias nos escritos machadianos: uma relação íntima com a cidade a partir dos lugares e do cotidiano**

Machado de Assis é reconhecido por muitos como o maior artista das letras do Brasil, escrevendo romances, contos e crônicas que tratam, frequentemente, de questões universais. No entanto, o faz a partir de um lugar no mundo: a cidade do Rio de Janeiro. Esta cidade se faz presente na obra machadiana através da ambientação dos romances em seus bairros; do transcorrer de contos pelas suas ruas, cujos percursos dos personagens são dotados de reflexões e assimilação de sentimentos; e da narração de seu cotidiano através das crônicas. Nesta seção, traremos à tona o caráter geográfico de sua obra literária, expressa por meio de seu caminhar diverso e complementar por três gêneros literários: o romance, o conto e a crônica. Teceremos especial atenção à crônica machadiana, apresentando as características e particularidades de sua escrita, ancorada nas variadas dimensões do olhar machadiano sobre o cotidiano da cidade do Rio de Janeiro.

#### **1.3.1 Faces geográficas na escrita de Machado de Assis**

O bairro da Glória, o de Botafogo, Jardim Botânico e Santa Teresa... O museu nacional, o paço imperial, o passeio público... A rua de maticavalos... a Rua do Ouvidor! Quem em sua vida já teve contato com alguma obra de Machado de Assis, certamente já se deparou com alguns desses bairros, prédios históricos e ruas do Rio de Janeiro. Mais do que um mero cenário estático, a geografia da cidade permeia a obra machadiana, na medida em que, além de localizar seus enredos no tempo e no espaço no Rio de Janeiro - da segunda metade do século XIX até a primeira década do século XX, Machado traz para sua obra os movimentos e ritmos de uma cidade que ele conhece como a palma da mão e com a sola dos pés, mesclando o ritmo da trama ao ritmo da cidade e conduzindo o leitor a percorrê-la a partir do movimento de seus personagens e de suas histórias.

A geografia se faz presente na obra machadiana através dos rastros e trilhas dos personagens pelas ruas e bairros da cidade do Rio de Janeiro impressas em suas narrativas - e do próprio Machado de Assis no caso das crônicas, como veremos adiante. É a literatura em movimento que, ao serpentear as ruas e bairros da cidade, possibilita ao leitor criar o seu mapa mental do Rio de Janeiro, mensurando distâncias entre lugares e familiarizando-se com rotas sugeridas pelo autor, que conferem ao leitor intimidade e noção de espacialidade em relação à geografia do Rio de Janeiro a partir da interação dos personagens e do próprio Machado com as ruas da cidade.

Para além da ambientação dos romances e contos em bairros do Rio de Janeiro, Machado explora a geografia da cidade através da delimitação espacial da vivência de seus personagens. No romance *Ressurreição*, o primeiro de sua autoria, publicado em 1872, Machado contrapõe duas distintas posições dos personagens Lívia e Félix em relação a suas experiências urbanas no Rio de Janeiro. Enquanto Lívia se considera “andorinha curiosa de ver o que há além do horizonte” (ASSIS, 1994, p.15), o personagem Félix demonstra estar satisfeito com a parcela da cidade conhecida e vivida por ele, espacialidade expressa no trecho: “os meus dous pólos estão nas Laranjeiras e na Tijuca; nunca passei destes dous extremos do meu universo. Confesso que é monótono, mas eu acho felicidade nesta mesma monotonia” (ASSIS, 1994, p.15).

Na obra machadiana, a geografia da cidade do Rio de Janeiro não figura como mera localização geográfica; sobretudo, interage com os personagens em cena, “comentando, quase em silêncio, as ações e emoções dos personagens”, como defendeu o crítico literário inglês - e um dos maiores estudiosos de Machado de Assis da atualidade - John Gledson (2006):

Qual seria a distância entre a casa de Dona Glória, na rua de Matacavalos, “pouco além da rua do Senado”, e o Seminário de São José, já que, quando Bentinho sai da primeira para entrar no segundo, chora tantas lágrimas que “se eu pudesse contar [...] somaria mais que todas as vertidas desde Adão e Eva (I, 859; cap.50). Ficavam relativamente próximos um do outro, um passeio curto. Machado ama essas comédias e paradoxos, em que a geografia da cidade comenta, quase em silêncio, as ações e emoções dos seus personagens. (GLEDSON, 2006, p. 348).

Deste modo, podemos considerar, com base em Gledson (2006), que Machado utiliza a geografia da cidade, o deslocamento e o tempo de percurso para que os

personagens possam digerir os sentimentos resultantes das situações vivenciadas nas tramas. O percurso pode, apesar de curto, representar a *via crucis* de Bentinho ao sair pela primeira vez da rua de Matacavalos e dirigir-se ao seminário de São José; ou ser tão longo a ponto de dar tempo de “arrefecer a raiva” do estudante Gonçalves, do conto *Vinte anos! Vinte anos!*, cujo ressentimento não é mais forte do que o poder de atração de um café na Rua do Ouvidor:

Eram os vinte anos que irrompiam cálidos, fêrvidos, incapazes de engolir a afronta e dissimular. Gonçalves foi por ali fora, Rua do Passeio, Rua da Ajuda, Rua dos Ourives, até à Rua do Ouvidor. Depois lembrou-se que a casa do correspondente, na Rua do Hospício, ficava entre as de Uruguaiana e dos Andradas; subiu, pois, a do Ouvidor para ir tomar a primeira destas. Não via ninguém, nem as moças bonitas que passavam, nem os sujeitos que lhe diziam adeus com a mão. Ia andando à maneira de touro. Antes de chegar à Rua de Uruguaiana, alguém chamou por ele.

— Gonçalves! Gonçalves!

Não ouviu e foi andando. A voz era de dentro de um café. O dono dela veio à porta, chamou outra vez, depois saiu à rua, e pegou-o pelo ombro.

— Onde vais?

— Já volto...

— Vem cá primeiro.

E tomando-lhe o braço, voltou para o café, onde estavam mais três rapazes a uma mesa. Eram colegas dele, — todos da mesma idade. Perguntaram-lhe onde ia; Gonçalves respondeu que ia castigar um pelintra, donde os quatro colegas concluíram que não se tratava de nenhum crime público, inconfidência ou sacrilégio, — mas de algum credor ou rival. (ASSIS, 1994).<sup>26</sup>

Ao utilizar a Rua do Ouvidor como caminho e ser interpelado por amigos que estavam em um café na mesma rua, Gonçalves não contava em ser seduzido por tal convite a ali permanecer, desvirtuando-se assim de sua cólera inicial. Situações como essa podem ser facilmente encontradas nas crônicas machadianas, onde - veremos - o protagonismo da rua do Ouvidor é latente.

Muitos dos percursos narrados por Machado em romances e contos compõem sua própria vivência na cidade. Essa característica pode ser observada também em crônicas nas quais o autor demonstra ter sua vida atravessada pelos fatos cotidianos percebidos em seu transitar pela cidade. A exemplo do texto de 09 de setembro de 1894, no qual, ao discutir se o suicídio seria um ato de coragem ou covardia, Machado argumenta que o mesmo “(...) É um problema psicológico fácil de tratar entre o Largo

<sup>26</sup>Publicado originalmente em A Estação, 15/7/1884.

do Machado e o da Carioca. Se o bonde for elétrico, a solução é achada na metade do caminho (...)” (ASSIS, 1894)<sup>27</sup>. Machado utiliza o deslocamento espacial, o movimento na cidade e o tempo para percorrê-la como referência para a solução de um questionamento, incorporando em seus escritos os ritmos e sentidos da cidade, compostos por movimento, pausa e sons:

No espaço como no tempo, Machado sabe avaliar e comparar os diferentes ritmos da cidade: do morro do Livramento ao Cosme Velho, de Botafogo à Gamboa, do mundo dos ônibus ao do bonde elétrico, ou do trem cujos apitos invadem a paz de Dom Casmurro, no fim do século (GLEDSON, 2006, p. 352)

Senna (2006) ressalta haver uma preocupação de Machado com a escolha das partes da cidade nas quais o autor desenvolve suas tramas, sendo a situação dos personagens em determinadas partes da cidade intencional, o que reforça a ideia da cidade do Rio de Janeiro figurar não somente como cenário das tramas machadianas, mas também ajudando a compor o perfil social e psicológico dos personagens:

A escolha dos bairros onde moram as personagens não parece, de fato, ser aleatória ou atender simplesmente à moda. Há uma determinação no olhar de quem observa a sociedade à sua volta, a determinação de registrar, criticamente, a distribuição dos habitantes pelo espaço da cidade, espaço este que não é apenas geográfico mas, sobretudo, social. O que nota o leitor é que Machado não leva a habitarem Botafogo as pessoas necessariamente "bem nascidas" – e aqui uso a expressão com um sentido peculiar, entendendo "bem nascidas" como aquelas que são donas de fortuna que as precede, como é o caso Bento Santiago ou Brás Cubas. Na ficção machadiana, quem mora em Botafogo são, de modo geral, as pessoas "emergentes" no cenário da capital imperial, como Natividade e Santos: ela, pertencente a uma pequena classe média carioca, obscura e sem dinheiro ("mas era bela e amava apaixonadamente" - cap. 4); ele, pobre, oriundo de Maricá, tendo vindo para o Rio de Janeiro "por ocasião da febre das ações (1855)" (cap. 4), tendo logo ganhado muito dinheiro e conquistado boa posição social." (SENNA, 2006, p. 3)

Senna (2006) demonstra que a geografia da cidade do Rio de Janeiro, em Machado, desponta como um importante componente na caracterização psicológica e moral dos personagens, na medida em que o autor considera a produção social do

---

<sup>27</sup> Gazeta de Notícias, 09/09/1894.

espaço para endereçar seus personagens, já que diferentes porções espaciais da cidade representam e refletem as estruturas sociais na corte e na república. Sendo Botafogo um bairro de novos ricos (emergentes), será neste bairro que Machado situará personagens cuja ascensão social se deu de diversas formas, por vezes através de trapaças, expondo o egoísmo, a mesquinhez humana, e as estratégias daqueles cuja riqueza não veio de berço para aquisição e manutenção de sua posição social na sociedade carioca no século XIX. Referências aos modos de organização da vida social brasileira<sup>28</sup> permeiam toda a obra machadiana, na qual o autor tece críticas às contradições políticas e sociais vividas no século XIX.

Machado de Assis demonstrou grande interesse pelo cotidiano da cidade, cujos pormenores foram explorados em suas crônicas, nas quais o autor nos revela não só os acontecimentos cotidianos a partir do seu ponto de vista, como também os seus próprios caminhos, sua vivência e seus lugares na cidade do Rio de Janeiro. Desse modo, o Machado cronista não diz respeito a um autor que retrata a cidade a partir de escritos produzidos em uma alcova, mas sim atravessando a cidade de bonde, caminhando nas ruas, frequentando câmaras, livrarias, redações de jornais, teatros e outros estabelecimentos comerciais da cidade; sabendo aqui e ali um “causo”, reunindo aqui e acolá informações e presenciando fatos representativos da semana.

Machado viveu e escreveu em e sobre um tempo de muitas transformações na sociedade e, por sua vez, na geografia, não só da cidade do Rio de Janeiro, como do Brasil, já que o Rio foi a capital do império (1822–1889) e também da república (1889–1960) até a mudança do poder federal para Brasília na década de 1960. Dessa forma, o contexto de escrita de Machado trata não só de um olhar sobre uma cidade em transformação, mas em formação, com vistas à consolidação de uma nacionalidade, vinculada à ideia de civilização por meio da chegada da modernidade e investimentos em remodelações urbanas que tinham como objetivo deixar para trás a paisagem colonial. De acordo com o historiador Afonso Carlos Marques dos Santos (1950-2004), o Rio de Janeiro configura-se como “laboratório da civilização”, cidade na qual está

---

<sup>28</sup> No âmbito dos estudos sobre a obra de Machado de Assis, destacam-se aqueles que ressaltam aspectos históricos presentes na obra do autor. Pesquisadores atuantes em campos diversos como John Gledson (crítico literário), Sidney Chalhoub (Historiador) e Raymundo Faoro (Jurista, sociólogo e historiador) são alguns bons exemplos, tendo em suas respectivas obras *Machado de Assis: Ficção e História* (GLEDSON, 2003) e *Machado de Assis Historiador* (CHALHOUB, 2003) e *Machado de Assis: a pirâmide e o trapézio* (FAORO, 1974) fornecido importantes contribuições acerca das contextualizações históricas presentes na obra do bruxo do Cosme Velho.

posta a contradição entre o desejo do avanço da modernidade e a manutenção dos privilégios da sociedade escravista. Deste modo:

Como intelectual, Machado integrou, a par do decantado carácter universal da sua obra, o elenco de criadores que, por vias diversas, participam do drama da construção da civilização no Brasil e da sua inserção na ocidentalidade. E, neste aspecto, nada melhor do que tomar a cidade capital, que se torna, desde a Independência, a cidade síntese da nacionalidade, como um lugar privilegiado para o exame destas representações. (SANTOS, 1998, p.28)

Nessa pesquisa, são consideradas não apenas as materialidades da cidade, mas, principalmente, os significados que são atribuídos a essas materialidades nos escritos machadianos. Desse modo, além da representação da cidade a partir dos caminhos percorridos e vividos pelos personagens de Machado, a geografia também se faz presente na obra do autor, acima de tudo em suas crônicas, através de sua relação afetiva com algumas partes da cidade. Machado de Assis demonstrou em suas crônicas possuir intimidade, identificação e pertencimento com relação a determinadas porções da cidade, considerando-as, portanto, lugar.

### 1.3.2 Outro olhar sobre os escritos do bruxo do Cosme Velho: crônica e cotidiano carioca

Diante de toda uma existência vivida neste cenáculo, o bruxo do Cosme Velho – como Machado de Assis foi carinhosamente apelidado pelo escritor e poeta Carlos Drummond de Andrade – registrou em sua obra, em especial em suas crônicas, suas percepções acerca dos acontecimentos e transformações na cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro. Observador do cotidiano, o autor viveu e escreveu sobre momentos históricos da cidade e do país. De acordo com Táti (1991), Machado foi um intérprete do Rio de seu tempo:

Um cronista - Machado de Assis, escritor essencialmente carioca, foi um homem desse tempo e contou casos desse tempo: ilustrou seus argumentos com análises de almas e bons quadros de costumes do Rio, enquanto Corte. Não se pode imaginá-lo fora desse clima - fora do clima do segundo reinado, em sua fase derradeira -, de que, através de suas obras literárias, foi intérprete esclarecido e amável (TÁTI, 1991, p. 216)

Da Guerra do Paraguai, passando pela transição do Segundo reinado para a República, a eclosão do movimento abolicionista e derradeira abolição da escravatura, até a chegada dos bondes elétricos, da iluminação pública e os projetos e execução de intervenções urbanísticas – como a promovida pelo prefeito Barata Ribeiro (1892-1894) –, era difícil que algum evento escapasse aos olhos e à tinta da caneta de Machado de Assis, que comentava e se posicionava, entre outros assuntos, com relação a fatos históricos em escala nacional e transformações urbanísticas em escala local, acontecimentos que atravessavam o cotidiano do Rio de Janeiro e repercutiam através de seus escritos. Conforme salienta Senna (2006),

Para esse carioca do segundo reinado, fossem os ares do alto da Tijuca ou a elegância de Botafogo (onde transitam as pessoas chiques, sobretudo nos romances), fossem o desleixo e a decadência do centro antigo ou da zona portuária (onde circulam os menos favorecidos, sobretudo nos contos), fosse o bulício da Rua do Ouvidor (onde se esbarram todos), tudo era o espaço privilegiado em que situava as suas várias – deliciosas – histórias na capital imperial (SENNÁ, 2006, p. 16)

Ao passo que o próprio Machado entendia seu ofício de cronista como o de “contar semanas” (ASSIS, 1893)<sup>29</sup>, a riqueza de suas crônicas consiste não somente na sua possível classificação como um documento histórico, conforme podem sugerir algumas abordagens dos estudos geoliterários (MARANDOLA JR., 2010). Sua fortuna reside no fato de se tratar de um registro da vivência e percepção de Machado de Assis sobre um Rio de Janeiro em transformação, o que Brosseau (2013) nomeou de *transcrição da experiência dos lugares*. A narrativa do cotidiano do Rio de Janeiro resultante dos caminhos percorridos, observados, vividos e imaginados por Machado contribui para a compreensão da cidade a partir de uma associação de fragmentos da mesma contidos na crônica machadiana, construindo, portanto, um retrato metafórico da cidade, conforme aponta Silva (2012):

O imaginário sobre uma cidade não a reproduz, mas sendo ele ‘estimulado pelos seus fragmentos’, que são as metáforas, o imaginário ‘produz discursos

---

<sup>29</sup> Gazeta de Notícias, 08/01/1893.

que com ela interagem (...). O imaginário supõe uma associação de fragmentos que, montados, constroem um retrato metafórico da cidade (SILVA, 2012, p. 64).

Como cronista da cidade, Machado preenchia as páginas dos jornais com informações diversas sobre o que acontecia no Rio de Janeiro: novos títulos de livros que chegavam na Livraria Garnier<sup>30</sup>, crítica de peças teatrais em cartaz, projetos de lei que tramitavam na câmara e no senado<sup>31</sup>, além de tecer comentários acerca dos problemas urbanos enfrentados pela população diariamente na então capital do Império. Além disso, o que era ouvido e falado na Rua do Ouvidor também era matéria-prima para suas crônicas:

Machado de Assis seguiu os vários acontecimentos que ocorreram no Rio: O carnaval, as exposições, a chuva e o bom tempo. Numa prosa alerta e viva, descrevia e relatava. Cada acontecimento se tornava objeto de um ou de vários parágrafos recheados de observações agradáveis e fórmulas bem configuradas. Escreveu crônicas, ao que parece, bastante rapidamente e ao correr da pena (...). Sem esforço aparente, Machado de Assis deixava fluir a verve e a facilidade natural de sua pena surgia quando ele tratava dos problemas de todos os dias (...). Já se disse o quanto a prática cotidiana do ofício de jornalista facilitou a tarefa do futuro romancista. (MASSA, 1971, p. 462)

Em crônica publicada em 15 de maio de 1892, ao referir-se ao seu ofício de cronista, Machado de Assis afirmou: "como a minha obrigação não é discutir a semana, mas tão somente contá-la" (ASSIS, 1892)<sup>32</sup>. Tal afirmação pode nos levar ao erro de crer na isenção de Machado com relação aos assuntos dos quais tratava, como uma mera transmissão de notícias: ledô engano. Seus comentários acerca dos fatos cotidianos são repletos de ironia e críticas veladas à estrutura social, às conjunturas política e econômica da época, assim como também aos projetos de intervenção urbana que pretendiam ser implementados na cidade. As crônicas eram alimentadas tanto por grandes questões que envolviam a gestão e a vida na cidade quanto por pequenos fatos cotidianos vividos por Machado ou conhecidos por ele ao transitar pela cidade. Muitas vezes, essas duas dimensões se fundem e se confundem

---

<sup>30</sup> Conforme veremos mais adiante, a Livraria Garnier foi uma das mais importantes livrarias do Rio de Janeiro no século XIX. Localizada na Rua do Ouvidor, foi também editora de renome, responsável pela edição de grande parte da obra de Machado de Assis.

<sup>31</sup> Machado era responsável pelas resenhas das sessões do Senado quando trabalhou no Diário do Rio de Janeiro (BARBOSA, 2008)

<sup>32</sup> Gazeta de Notícias, 15/05/1892.

em sua escrita, na medida em que é através do relato de fatos corriqueiros que Machado efetivamente consegue discutir, por meio de sua ironia e sagacidade, as ditas grandes questões políticas.

Devido ao progressivo adensamento populacional ocorrido na cidade desde a chegada da família real em 1808, a segunda metade do século XIX é marcada pela permanência e agravamento de adversidades como a insalubridade, a falta d'água, inundações em episódios de chuvas intensas e epidemias (ABREU, 2008). Ao mesmo tempo em que a cidade é sinônimo de progresso, quando comparada com o restante do país, acumula mazelas associáveis ao atraso. De acordo com Lessa (2005):

O Rio é uma cidade que condensa e expõe as insuficiências do país. Se a partir da revolução industrial a cidade é, por um lado, a porta da civilização e do progresso, é por outro a antesala do inferno social. Foi o pólo da compactação das misérias de uma sociedade escravagista. Ninguém é autorizado a fazer a idealização da qualidade de vida das cidades na partida da industrialização: para Londres basta reler Dickens, e para Paris, Victor Hugo, e abrir a janela para o inferno. O Rio imperial, como aquelas cidades, era sujo e enfermiço, tinha poucas facilidades urbanas e oferecia reduzidas chances de prosperidade individual. (LESSA, 2005, p. 151)

Parafraseando Lessa (2005), se para compreender as nuances da vida social na aurora industrial em Londres há Charles Dickens e, para o mesmo exercício a respeito de Paris sugere-se recorrer a Victor Hugo, para desvendar “as dores e as delícias” de viver no Rio de Janeiro do século XIX, pode-se recorrer a Machado de Assis. Ao exercer o seu “ofício de contar as semanas”, Machado nos fornece um potente registro da vida carioca no século XIX, sendo a crônica uma fonte privilegiada para a análise do cotidiano, das transformações em sua paisagem e a identificação dos lugares machadianos na cidade, uma vez que nelas Machado deposita suas vivências e impressões no que concerne aos acontecimentos citadinos e seus lugares.

Em suas crônicas, o autor revela sua visão sobre os acontecimentos da cidade, do cotidiano – seu e da cidade, em uma seleção arbitrária e pessoal dos assuntos abordados, bem como sua interpretação e correlação de ideias. Desse modo, as crônicas machadianas representam um recorte da cidade do Rio de Janeiro cuja escala é seu olhar. Para além da narração dos fatos ocorridos, a crônica torna-se uma fonte privilegiada para análise do cotidiano carioca visto, vivido e interpretado por Machado de Assis, uma vez que nelas o autor deposita suas vivências e impressões

na/da cidade. Coutinho (1990) destaca a alta qualidade da crônica machadiana. Para ele, ao se dedicar a esse gênero literário, Machado de Assis:

Atingiu na crônica o mais alto grau de perfeição. Sua aguda técnica de observar os fatos, captando-lhes a essência, especialmente os miúdos do cotidiano, em todos os locais, seja na vida familiar, social e pública, seja no parlamento, seja no plano internacional, seja nos acontecimentos culturais, propiciava-lhe sempre o meio de comentá-los de maneira leve, graciosa, irônica, sutil, que sempre encanta ainda hoje à sua leitura, quando o circunstancial desapareceu, permanecendo o estilo, a arte, o pensamento, os artifícios literários [a alusão histórica, o epíteto, o imprevisto, a citação erudita, a máxima, o provérbio, a metáfora, a alegoria, o paradoxo, o trocadilho, como aponta Eugênio Gomes] que tornam as suas crônicas verdadeiras obras-primas literárias. De tudo ressuma uma personalidade artística de gênio inigualável, na qual o cronista se equivale ao romancista e ao contista, como um gênero de criação estética a colocá-lo entre os maiores escritores universais (COUTINHO, 1990, p. 305).

A crônica machadiana está longe de ser considerada um gênero menor, tendo sido aquele mais praticado por Machado de Assis, na medida em que tem sua primeira publicação em 1859, ao passo que seu primeiro romance publicado, *Ressurreição*, data de 1872, conforme assinalado por Velloso (2017). Desse modo, a crônica acompanhou toda a produção literária e o amadurecimento intelectual do autor, cujo refinamento pode ser observado ao longo dos anos. Apesar de tratar do cotidiano, a crônica machadiana é atemporal, utilizando situações corriqueiras para tecer reflexões mais gerais sobre o mundo, sobre o homem, sobre a vida.

Ao realizar a escrita de crônicas, contos e romances concomitantemente, Machado de Assis desenvolveu um estilo de escrita que atravessou os três gêneros literários. Conforme ressaltado por Velloso (2017), “além do tema dos textos, as características percebidas na crônica não ficam a ela restritas. O estilo ultrapassa os gêneros e permanece como elemento principal de identificação do autor, garantindo-lhe originalidade. (VELLOSO, 2017, p. 14).

Ainda que se configurem gêneros literários distintos, algumas características e estratégias narrativas perpassam toda sua obra, sendo identificáveis tanto na crônica quanto nos demais gêneros, dentre eles: a ironia; a intertextualidade; o embuste, “através da qual o narrador machadiano se compraz em construir, quase a cada página, um *trompe L’oeil* que condiciona o olhar do leitor a ver o que não é, a não ver o que é” (SENNA, 2000, p. 167); o diálogo próximo com o leitor e o “malabarismo de

mestre de capoeira”, ideia desenvolvida por Lima (1998) para designar a estratégia machadiana de “se desviar do tema que enunciara” (LIMA, 1998, p. 184).

Gledson (2006) ratifica a qualidade literária e o destaque assumido pelo autor na produção de suas crônicas ao afirmar que “Machado tampouco é um ‘típico’ cronista (se é que essa figura existe), a despeito de ser um dos melhores” (GLEDSON, 2006, p. 20). Ao caracterizar a crônica machadiana, Gledson ressalta que é a partir das “pequenas notícias locais” que Machado narra em suas crônicas aspectos de uma experiência compartilhada, na qual a Rua do Ouvidor ganha destaque, já que Machado narra uma cidade a ela reduzida:

Machado foi herdeiro de uma tradição bem representada numa revista como a de Henrique Fleiuss, a *Semana Ilustrada*<sup>33</sup>, na qual ele colaborou, de cronistas como Alencar ou França Júnior, cuja matéria eram as pequenas notícias locais, e que pressupunham a existência de um público mais ou menos compacto, vivendo numa única cidade também habitada pelo cronista: a própria redução da cidade à rua do Ouvidor, ainda que frequente aqui, é uma indicação dessa confiança numa espécie de quase intimidade (...) Toda crônica é uma intensa evocação dessa comunidade, que em si é uma das razões – ou das justificações – da alusividade que torna as crônicas muitas vezes impossíveis de ler sem notas. Como em toda comunidade verdadeira, há um fundo de experiência compartilhada, e que portanto pode ficar subentendida, implícita (Claro que Machado, sendo por natureza um escritor discreto e um ironista finíssimo, tira a máxima vantagem dessa situação, até o ponto em que às vezes se tem a impressão de que referir-se a um poeta ou a um político sem dar-lhe o nome, quando o cita – dando por descontado que o leitor o conhecerá, o que pode ser uma forma sutil de lisonja –, não é mais do que um mau hábito (GLEDSON, 2006, p. 228-229).

Ao afirmar que Machado de Assis narra uma cidade reduzida à Rua do Ouvidor em suas crônicas, Gledson (2006) toca em um ponto que é fundamental no desenvolvimento desta pesquisa, ratificando a ideia de que este logradouro assume protagonismo na crônica machadiana. Não somente a Rua do Ouvidor é citada pelo autor reiteradas vezes em suas publicações semanais, como é através dela que Machado narra sua experiência compartilhada da cidade do Rio de Janeiro. A Ouvidor, portanto, é ponto de partida para leitura da cidade e, não por acaso, Gledson (2006) utiliza a palavra “intimidade” para se referir à experiência compartilhada proporcionada

---

<sup>33</sup> A *Semana Ilustrada*, criada em 1860 por Henrique Fleiuss, foi o primeiro veículo da imprensa nacional a imprimir imagens em seu semanário. Cabiam ao próprio Henrique Fleiuss a produção das litografias da revista, que preenchiam quatro das oito páginas que possuía. Após 16 anos de circulação, teve suas atividades encerradas em 1876. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/artigos/acervo-e-personagens-da-biblioteca-nacional-ha-160-anos-nascia-a-semana-illustrada/>. Acesso: 20 mar. 2023.

por esta rua: veremos mais adiante que a Ouvidor é a rua do encontro, onde todos se conhecem, onde até mesmo os segredos fazem sua hora<sup>34</sup>.

Todavia, antes de adentrarmos na análise das crônicas de Machado de Assis, passamos a explorar sua trajetória geobiográfica, a fim de percorrer os caminhos do autor até a Rua do Ouvidor.

---

<sup>34</sup> Referência a um trecho da crônica publicada na Gazeta de Notícias em 01/11/1896, a ser analisada no terceiro capítulo.

## 2. OS CAMINHOS DE MACHADO DE ASSIS ATÉ A RUA DO OUVIDOR

Neste capítulo, será explorada a geografia pessoal de Machado de Assis, considerando aspectos geobiográficos. Recorreremos aos lugares da cidade do Rio de Janeiro de grande relevância na vida do maior escritor brasileiro, a fim de estabelecer uma relação entre sua trajetória biográfica e a geografia da cidade, entendendo que sua vivência e experiência na cidade refletem em sua produção literária, produzindo um Rio de Janeiro machadiano. Na medida em que as crônicas abordam a vida cotidiana da cidade através do olhar do autor, não há como dissociar esse olhar sobre a cidade da escrita de sua experiência.

A fim de compreender a dimensão da Rua do Ouvidor para Machado de Assis, faz-se necessário trilhar alguns caminhos que levaram Machado até esse logradouro. Trata-se de uma perspectiva biográfica que sinaliza a importância de alguns lugares do Rio de Janeiro na construção do ser machadiano e sua relação com a cidade e, por sua vez, com a Rua do Ouvidor. A vivência de Machado de Assis no Rio de Janeiro, seus caminhos percorridos, locais nos quais trabalhou e morou e lugares de pausa contribuíram e participaram da sua construção enquanto autor, reverberando em suas crônicas.

Dentre os lugares que consideramos importantes para a compreensão da trajetória literária e urbana de Machado de Assis estão o Morro do Livramento, a Loja de Paula Brito e a Livraria Garnier, aos quais dedicaremos as próximas linhas e as três primeiras seções deste capítulo, partindo da infância de Machado no Livramento e tendo como ponto de chegada a Rua do Ouvidor, onde se localizava a Livraria Garnier.

O Morro do Livramento, local de nascimento e da infância de Machado de Assis, contribuiu para a construção primeira de sua relação com a cidade: uma cidade vista e vivida do alto. Situado no Centro, mas ao mesmo tempo fora dele, no Livramento predominava o modo de vida rural, destoando da natureza agitada da Rua do Ouvidor, ritmo de vida que seria conhecido por Machado anos mais tarde. A compreensão do contexto no qual cresceu Machado de Assis se faz necessária para desfazer mal-entendidos comumente difundidos acerca de sua origem social e que serão explorados na próxima seção.

A Loja de Francisco de Paula Brito – onde funcionava a tipografia na qual Machado conquistou seu primeiro emprego como aprendiz de tipógrafo aos 16 anos – representou o primeiro contato do escritor com a imprensa e com o mundo das letras, já que no fundo da loja funcionava a *Sociedade Petalógica*, espécie de clube literário o qual Machado tão logo integraria.

A Livraria Garnier, endereçada na Rua do Ouvidor, não só seria responsável pela edição dos romances de Machado de Assis, como também se constituiu como um ponto de encontro dos literatos, fazendo parte da vivência diária e da experiência de Machado na cidade.

A trajetória de Machado de Assis até a Rua do Ouvidor não se deu somente por meio do seu flunar pela rua, como também ocorreu por distintos caminhos literários. Além disso, a importância deste logradouro reverberou também na literatura de seus colegas frequentadores das rodas de conversa da Ouvidor. Deste modo, na seção intitulada “Rua do Ouvidor: Ponto de encontro e fonte inspiradora para os literatos brasileiros” mostraremos que a sociabilidade proporcionada pela Rua do Ouvidor e a experiência dos literatos na rua os inspirou a escreverem sobre ela, fornecendo ao leitor diferentes leituras desse logradouro a partir da experiência de seus personagens. Pretende-se também demonstrar que o protagonismo da Ouvidor na obra machadiana vai além das crônicas, estando presente de forma significativa também em seus romances e contos, nos quais Machado se refere à rua de modo semelhante ao verificado em suas crônicas, como veremos no próximo capítulo. Como exemplo, recorreremos a trechos dos romances *Ressurreição* (1872) e *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1881) e do conto *Tempos de crise* (1873).

Por fim, na seção “O flunar machadiano na imprensa carioca”, constatamos, através de um mapeamento da atuação de Machado de Assis nos jornais e revistas ao tempo que publicou suas crônicas, que o caminhar profissional de Machado de Assis por essas redações sempre gravitou nas adjacências da Rua do Ouvidor. Tal proximidade de seus endereços de trabalho com a Ouvidor facilitou que a rua exercesse seu poder de atração sobre Machado, que tornou-se frequentador assíduo do logradouro, diariamente após o expediente.

## 2.1 Morro do Livramento: uma cidade vista e vivida do alto

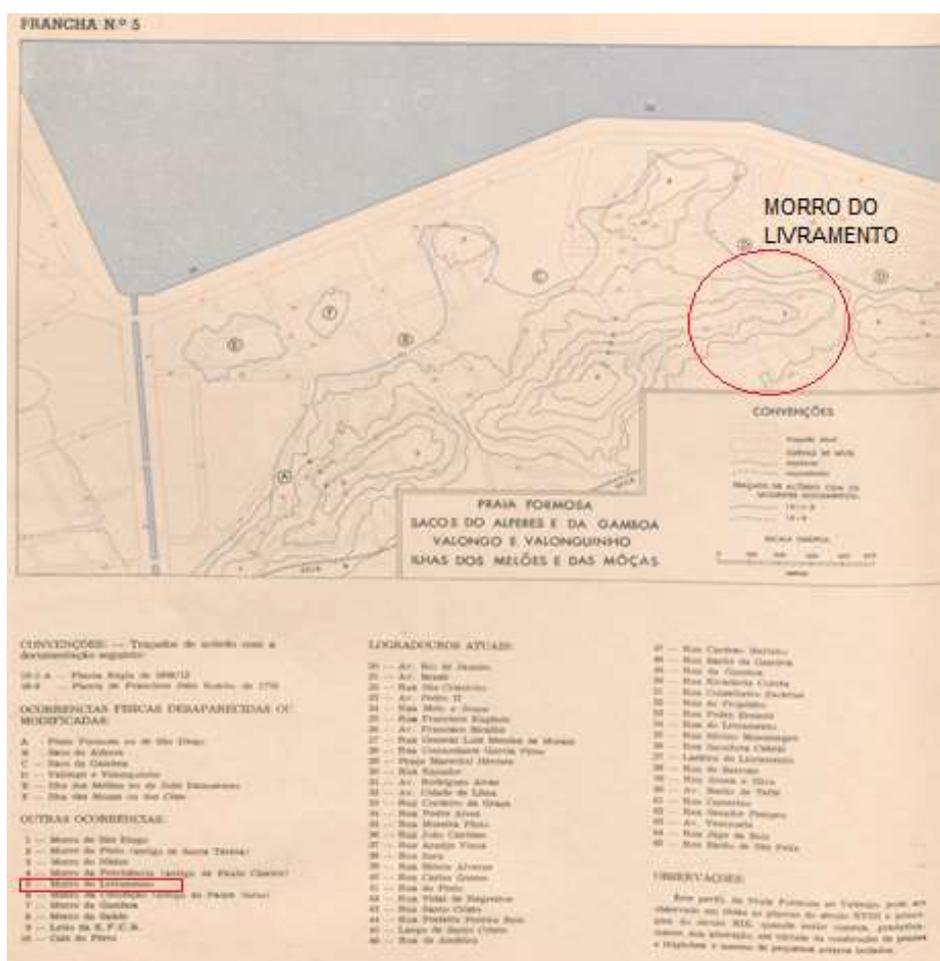
Localizado no Centro do Rio de Janeiro, entre os Morros da Conceição e da Providência (figura 1), o Morro do Livramento foi o lugar da infância do maior escritor brasileiro. Joaquim Maria Machado de Assis nasceu aos 21 dias de mês de junho de 1839 na Chácara do Livramento, cuja proprietária, Maria José de Mendonça Barroso, tornou-se sua madrinha. De acordo com Massa (1971): “a infância de Machado de Assis, ou antes, a sua primeira infância, a saber, o período até os seis anos, foi vivido junto a essa velha dama que reinava nos domínios do Livramento” (MASSA, 1971, p. 61).

Com base nas informações fornecidas por Massa (1971), podemos concluir que a família Machado de Assis viveu como agregada na Chácara do Livramento até o falecimento de dona Maria José, em 1845, quando o pequeno Joaquim Maria tinha seis anos. Viver como agregado era condição comum na sociedade patriarcal brasileira do século XIX, tão bem representada – ou representadíssima, para lembrar José Dias<sup>35</sup> – por Machado de Assis em seus romances, com destaque para Dom Casmurro.

---

<sup>35</sup> Referência ao personagem José Dias, que no romance Dom Casmurro é um agregado da família de Bento Santiago e tem como característica esprestar-se através de superlativos.

Figura 1 - Localização do Morro do Livramento



Fonte: Barreiros (1965)<sup>36</sup>

A propriedade da qual era dona a madrinha de Machado de Assis consistia em “uma grande chácara no alto do morro, bem no centro da cidade, que se via lá embaixo com a praia Formosa, os alagadiços da Saúde e as ilhas distantes, perdidas na Baía de Guanabara” (BARBOSA, 2008, p. 17). Após o falecimento de dona Maria José, a família permaneceu no Morro do Livramento, mas agora não mais morando na Chácara. De acordo com Massa (1971), agora “a família habitava uma casa na área que circunscreve a chácara, mas distante dela. Faziam parte da vizinhança, embora estivessem a alguma distância (MASSA, 1971, p. 57). Como evidência deste fato, o autor recorre às correspondências do pai de Machado, Francisco José de Assis, que em 1846 e 1847 - portanto, no ano seguinte da morte da madrinha de Machado -

<sup>36</sup> BARREIROS, Eduardo Canabrava. Atlas da Evolução Urbana da Cidade do Rio de Janeiro - Ensaio - 1565 - 1965. Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Rio de Janeiro, 1965.

recebia as edições de sua assinatura do *Almanaque Laemmert*<sup>37</sup> no endereço: Rua Nova do Livramento, número 131.

Massa (1971) aponta para uma relação da família paterna de Machado de Assis com os donos da chácara do Livramento que remonta ao tempo de seus bisavós – pessoas escravizadas então residentes na propriedade. Seus avós paternos, forros, eram agregados da propriedade e tiveram como testemunha de seu casamento, um dos filhos da então proprietária da chácara, Maria Teresa dos Santos. Além disso, havia também relações de apadrinhamento que uniam as duas famílias. Assim:

A família Assis estava, desta forma, associada às famílias dos proprietários da chácara do livramento e a seus ramos. Estas famílias acompanharam a progressão, a ascensão social de seus antigos escravos que lhes permaneceram na intimidade. Urdiram e mantiveram-se vinculações estreitas, como era frequente no seio da sociedade patriarcal. Vários detalhes mostram a subida progressiva dos Assis. O pai de Machado de Assis sabia ler e escrever. Acontecia o mesmo com os avós? Em 1846, e em 1847, ele assinou o *Almanaque Laemmert*. Esta assinatura mostra também certo interesse por aquilo que se passava fora da propriedade. Por outro lado, encontrou-se sua assinatura aposta em diversos atos. Nesta sociedade, em que os iletrados eram a maioria, o fato merece ser assinalado. (MASSA, 1971, p. 35)

O fato de serem os pais de Machado alfabetizados os desloca da condição de miseráveis à qual eventualmente são associados, já que, naquele momento, o acesso à cultura letrada era possível a menos de um terço da população:

Na estrutura das classes que então constituíam o Brasil, os Machado de Assis não se achavam situados embaixo na escala social. O seu nível era mesmo relativamente elevado. Ainda que a cultura não tivesse o relevo que hoje se costuma outorgar-lhe, não era um fato desprezível. Mais exatamente, somente a ela tinham acesso os que, preliminarmente, houvessem adquirido um certo nível social (MASSA, 1971, p. 59-60)

Senna (2006) afasta o autor do lugar de pobre marginalizado que ascendeu socialmente, ideia difundida com amplitude pelos críticos dos anos 1930. A autora destaca que tal ideia frequentemente associa sua infância no Morro do Livramento a

---

<sup>37</sup> A respeito da natureza e conteúdo do *Almanaque Laemmert*, Silveira (2015, p. 3.) o descreve como: “Um tipo de um anuário da cidade do Rio de Janeiro produzido entre 1844 a 1905. O Almanak era composto por informações sobre a administração pública, atividades econômicas, decretos, propagandas comerciais, entre outros. Sua rica e extensa composição é o que o torna uma das principais fontes históricas para o estudo da vida social, política e econômica da cidade do Rio de Janeiro” (SILVEIRA, 2015, p. 3.).

uma infância na periferia, configurando-se um erro decorrente da crítica machadiana paulista que, por desconhecer a realidade carioca do século XIX, acabou por associar equivocadamente morro a favela, e favela a periferia. Morro do Livramento e São Cristóvão – bairro para o qual se mudou Machado de Assis quando do segundo casamento do seu pai (BARBOSA, 2008; MASSA, 1971) – não são sinônimos de periferia da corte, ao contrário: Centro (onde está localizado o Morro do Livramento) e São Cristóvão são considerados bairros nobres dezenovescos:

Os pais do menino eram pobres, sim, mas nada havia na sua condição social que fizesse deles “excluídos”, no sentido em que entendemos hoje o termo. Eram ela costureira, provavelmente agregada à casa da matriarca; ele, pintor e dourador de paredes, ofício de certo prestígio, que exigia talento e qualificação específica. Acresce que eram alfabetizados e que a família tinha assinatura do *Almanaque Laemmert*... Parece que se confunde, na cabeça de quem não é do Rio, “morro” com “favela”. E, como favela é, em São Paulo principalmente, coisa de periferia, certa crítica paulista empurra Machado para um subúrbio onde nunca viveu e faz dele um miserável, que nunca foi (SENNA, 2006, p. 10-11).

Conforme nos elucida Abreu (2014), a origem e expansão inicial das favelas no Rio de Janeiro é posterior à infância de Machado de Assis no Morro do Livramento, que não figura entre as primeiras favelas formadas na cidade. De acordo com o autor, esse tipo de habitação/ocupação tem origem à época da Revolta da Armada, compreendida nos anos de 1893 e 1894, quando foi dada autorização por parte do Coronel Moreira César para a construção de barracões na encosta do Morro de Santo Antônio, a fim de alojar os soldados no Rio de Janeiro. Deste modo, Abreu (2014, p. 428) evidencia que a primeira favela do Rio de Janeiro se formou no Morro de Santo Antônio, e não no Morro da Providência, como é recorrentemente afirmado.

Destarte, com base nos argumentos expostos por Senna (2006) e Abreu (2014), considerar a trajetória de Machado de Assis associada à superação de uma vida miserável pelo fato de o autor ter crescido no Morro do Livramento é uma compreensão equivocada, uma vez que Machado viveu no Livramento pelo menos 40 anos antes do surgimento das primeiras favelas da cidade do Rio de Janeiro, associadas às políticas higienistas do final do século XIX e início do século XX e às reformas urbanas promovidas na cidade pelo poder público na virada do século. Conforme salienta Senna (2006), a associação da palavra “morro” com “favela” e, por

sua vez, “periferia”, não representa a realidade carioca do século XIX, além de sua condição social, como visto, não ser condizente com tal afirmativa.

De acordo com Hélio de Seixas Guimarães, a imagem produzida de Machado como alguém que superou a pobreza tornando-se um trabalhador e funcionário público exemplar foi utilizada no Estado Novo como modelo a ser seguido, um incentivo para a consolidação de um tipo de brasileiro ideal:

Então, tem isso e tem o lado da construção do mito de Machado de Assis: como o escritor, esse homem pobre, de origem humilde, vira uma espécie de encarnação do homem brasileiro ideal. E, ainda por cima, era mulato, ou seja, ele se transforma num mulato trabalhador, que era o que o Estado Novo também estava construindo: o que vence, vence todas as dificuldades para se afirmar como um indivíduo perante à sociedade. A ideia de Machado de Assis funcionário público, muito trabalhador, um homem honrado, dedicado, todas essas ideias formam uma posição muito poderosa no Estado Novo (GUIMARÃES *et al*, 2009).

Embora não tenha frequentado escola, Machado de Assis teve acesso em sua infância no Livramento à boa educação, contando com o auxílio do padre Silveira Sarmiento para tomar suas lições, “ampliando seus conhecimentos e orientando as suas leituras” (BARBOSA, 2008, p. 24), além de ter vivido em um ambiente propício para seu desenvolvimento intelectual, com pais alfabetizados e madrinha abastada. Nesse sentido, Massa (1971) destaca a importância dessa época e sua vivência na chácara do Livramento e de todo o contexto que o cercava para sua formação emocional e intelectual, fundamentais para sua fácil inserção e adaptação ao modo de vida urbano e ao cotidiano da cidade e ao mundo do trabalho:

A interpretação “clássica” dos seus primeiros anos não corresponde nem à sensibilidade, nem à inteligência que já irradiava. Sua adaptação ao mundo urbano, que vai logo iniciar-se, não teria sido, sem a formação que recebera, nem tão rápida, nem tão fácil. Bastante curiosamente, estas recordações não são somente sensoriais ou sentimentais, mas já intelectuais. A fim de clarificar sua biografia, poder-se-ia retomar a tradução machadiana do conhecido verso de Woodsworth, tomado de empréstimo à *Ode à Imortalidade*: “O menino é o pai do homem”! Desde os seus primeiros anos, certos aspectos de sua natureza, de seu temperamento intelectual aparecem através desta infância bem ordenada que, se se aceita a sua prova testemunhal, lhe permitiu ser relativamente feliz, até a morte de sua mãe, pelo menos. Ao contrário de um moleque sem rumo, segundo uns, sífilítico, gago, epilético, vagabundeando pelas ruas, vemos nele um pequeno rústico, de condição modesta, mas cuja família já era bem situada (...) Da sociedade patriarcal recebeu mais benefícios do que motivos de amargura. Sem dúvida, ficou órfão de mãe aos dez anos de idade, mas vivera até então numa

chácara. Não sofreu fome, e foi querido durante os primeiros anos por uma madrinha idosa (MASSA, 1971, p. 78-79)

O Livramento do seu tempo de infância era predominantemente ocupado por chácaras e possuía uma paisagem rural, contrapondo-se ao modo de vida urbano associado à modernidade, cuja melhor representante no Rio de Janeiro do século XIX é a Rua do Ouvidor. Assim, apesar de muito próximo à agitação da parte baixa da cidade, a vida no Livramento era movida por um tempo lento, propiciando ao menino Joaquim Maria Machado de Assis uma infância brincante e em contato com a natureza, na qual pôde explorar não só o Morro do Livramento como seu entorno, incorporando, pouco a pouco, novos lugares; ampliando, desse modo, sua vivência e percepção da cidade do Rio de Janeiro:

Moleque do morro, afilhado de madrinha rica, teve uma infância feliz, trepando em árvores para apanhar ninhos de pássaros ou em velhos muros à procura de lagartixas. Corria ladeira abaixo até a Praia Formosa. Patinhava na lama dos alagadiços da Saúde, quando não fazia, em aventura mais arrojada, uma excursão para as bandas da Gamboa para brincar de esconde-esconde no Cemitério dos Ingleses (BARBOSA, 2008, p. 19)

Tais aspectos de vida calma, silenciosa e rural também são sinalizados por Massa (1971) que, a partir de uma memória afetiva acerca do som do sino da igreja do Morro do Livramento nos fornece um panorama ambiente vivido por Machado de Assis nos primeiros anos de sua vida:

De todas as histórias, que constituem o campo ideal da infância do escritor, só possuímos alguns fragmentos esparsos. Machado de Assis, assim como as crianças diante dos fantoches, registrava, acumulava, capitalizava. Há outras histórias em que a criança é apresentada, não mais como espectador, mas como ator ou, pelo menos, como participante. Em várias oportunidades evocou ele os sinos da sua infância: *“Eu fui criado com sinos, com estes pobres sinos das nossas igrejas. Quando um dia li o capítulo dos sinos em Chateaubriand, tocaram-me tanto as palavras daquele grande espírito, que me senti (desculpem a expressão) um Chateaubriand desencarnado e reencarnado”*<sup>38</sup>. Os sinos estão ligados intimamente às recordações dos seus primeiros anos. O Livramento era um mundo sem ruídos, calmo e tranquilo: alguns gritos de animais, o ranger de algum carro-de-boi. Do alto da colina, escutavam-se somente os sinos das igrejas cujo som subia até o cimo do Livramento. Seu gosto pelo som dos sinos vem primacialmente daí, antes que

---

<sup>38</sup> Gazeta de Notícias, 03/07/1892

das funções de sacristão<sup>39</sup>, que devia desempenhar como pretende, segundo Pujol, a tradição (MASSA, 1971, p. 64-65)

Isto posto, a infância de Machado de Assis no Morro do Livramento não se resume a uma condição de pobreza tão comumente ressaltada, conforme demonstrado. Foi ali que Machado de Assis construiu suas primeiras relações, foi amado, educado e preparado para a vida na parte baixa da cidade, de tempo acelerado. Do alto, ao mesmo tempo perto e distante, Machado observava um Rio de Janeiro muito diferente da sua realidade no Livramento.

Apesar de ter vivido toda a sua vida na cidade do Rio de Janeiro e crescido no Morro do Livramento com vista privilegiada para a Baía de Guanabara, Machado demonstrou que a exuberância natural da cidade não chamava a sua atenção quanto sua dimensão humana, talvez por se ter acostumado à beleza natural da cidade e por isso banalizá-la. Em crônica de 20 de agosto de 1893, conforme aponta Massa (1971), Machado se surpreendeu com o fato de o amigo estrangeiro não perguntar sobre os empreendimentos humanos que compõem a paisagem, minimizando, senão excluindo, tudo o que é humano do que considera belo. Ao afirmar “o que me interessa é o homem”, Machado deixa clara sua preferência por analisar o “vai e vem” dos homens e o cotidiano efervescente da cidade em detrimento da natureza.

Não procuremos definir Machado de Assis tal como devia ser, mas sim como era. Nem nobre, nem aristocrata, mas um pequeno rústico. Desde que abriu os olhos, viu desenrolar-se à sua frente o panorama da baía célebre, que brasileiros e estrangeiros concordam em considerar como uma das mais belas do mundo. É o panorama que a criança conheceu mais do que as escapadas pelas ruelas estreitas da cidade portuguesa. Habitado, desde então, à beleza excepcional da natureza, manifestou ele, em seguida, uma certa irritação em relação àqueles que mostravam fascinados pelas belezas naturais da Baía de Guanabara. Escutemos o escritor comentar, meio século depois, uma apreciação de Sarah Bernardt: *Ce pays féérique...* Assim se exprime Sarah Bernardt em relação ao Brasil [...] Cara Melpômene, quem te levou a escrever estas palavras que me matam?<sup>40</sup> Na mesma crônica, descreveu as reações de um amigo estrangeiro a quem mostrara as belezas monumentais do Rio. Na última igreja: *O viajante entrou, deu uma volta, saiu e foi postar-se junto à muralha, fitando o mar, o céu e as montanhas, e, ao cabo de cinco minutos: “que natureza que vocês têm!” [...] A admiração do nosso hóspede excluía qualquer ideia da ação humana. Não me perguntou pela fundação das fortalezas nem pelos nomes dos navios que estavam*

---

<sup>39</sup> Machado de Assis não era coroinha, apenas ajudava na missa aos domingos, informalmente. (MASSA, 1971, P. 65)

<sup>40</sup> Trata-se da crônica publicada na Gazeta de Notícias, em 20/08/1893

*ancorados. Foi só a natureza.*<sup>41</sup> Vivendo dentro deste quadro, não se mostrou mais particularmente sensível. Não conheceu outro. A colina, que foi o sítio de sua infância, talvez o tenha predisposto contra a emoção sentida diante dos espetáculos naturais. É esta uma das razões, parece, pelas quais Machado de Assis não foi um pintor do Brasil; nisto foi, todavia, ajudado pelo seu temperamento. O fato justificou, pelo menos, a primeira parte de sua declaração: “A natureza não me interessa, o que me interessa é o homem” (MASSA, 1971, p. 54-55).

A figura 2 trata-se de um raro registro do alto do Morro do Livramento, datado de 1866, pouco mais de dez anos depois de Machado de Assis ali residir. Do alto do Livramento, Machado podia observar não só “as coisas” da natureza - das quais não se interessava, de acordo com o excerto acima -, mas também “as coisas” dos homens. Do alto, via a cidade a se transformar, sendo atraído a desbravá-la.

Figura 2 - Vista do Morro do Livramento



Fonte: Brasiliana, 1866

O Morro do Livramento tornou-se pequeno e pacato demais para os interesses de Machado de Assis pelos aspectos humanos da cidade. Após a morte de sua mãe e segundo casamento de seu pai, Machado deixou o Morro do Livramento entre os anos de 1850 e 1854 – para a dúvida acerca do ano exato de sua saída do Livramento, consoante Massa (1971) – para viver em São Cristóvão, na atualmente

---

<sup>41</sup> Idem à nota anterior.

denominada rua São Luiz Gonzaga. Em poucos anos, a partir de 1855, começou a frequentar a tipografia de Paula Brito, como aprendiz de tipógrafo: próxima parada dos caminhos de Machado de Assis até a Rua do Ouvidor.

## **2.2 Loja de Paula Brito, Sociedade Petalógica e as primeiras experiências de Machado de Assis na imprensa**

Machado de Assis conquistou seu primeiro emprego, aos 16 anos, como aprendiz de tipógrafo na tipografia Dous de Dezembro, de Francisco de Paula Brito, localizada no Largo do Rocio, nº 64, atual Praça Tiradentes, onde funcionava também a loja de Paula Brito. No entanto, não tardou para que seu empregador percebesse o talento de Machado, que passou a publicar seus primeiros poemas no *Marmota Fluminense*, jornal produzido na tipografia em que trabalhava.

Francisco de Paula Brito é considerado um dos maiores editores do século XIX, possuindo grande relevância no desenvolvimento da literatura brasileira, uma vez que oportunizou a publicação em seu jornal de escritos de jovens literatos - entre eles Machado de Assis, conforme ressalta Massa (1971):

Ignora-se como Machado de Assis conheceu Paula Brito. Eram poucas as pessoas que compunham o mundo intelectual do Rio de Janeiro. Paula Brito acolhia espontaneamente os jovens e lhes abria as colunas de sua *Marmota Fluminense* (...) A partir de 1840 e até a sua morte o papel deste escritor foi decisivo para a cultura brasileira. É comparável ao que Garnier desempenhou em seguida. Mas a atividade do editor francês só se desenvolveu verdadeiramente após o desaparecimento de Paula Brito (MASSA, 1971, p. 82)

Machado começou a frequentar a loja de Paula Brito a partir de 1855. Além da tipografia, a loja desenvolvia um comércio bastante diverso, conforme aponta Barbosa (2008): “estabelecimento singular esse. Vendia de tudo: chá, fumo, cera, drogas, papel, tinta, livros” (BARBOSA, 2008, p. 24). A tipografia de Paula Brito foi responsável pela publicação da “primeira tentativa de romance brasileiro” (BARBOSA, 2008, p. 25): O Filho do Pescador, de Antônio Teixeira e Souza, editado em 1843. Tal

estabelecimento configurava-se em um centro intelectual do Rio de Janeiro, representando um ponto de encontro dos intelectuais brasileiros da época nos fundos da loja, conforme salienta Barbosa (2008):

Na época em que Machado de Assis começou a ali aparecer, doze anos depois, a loja de Paula Brito era o centro intelectual da cidade, a que não faltariam, para o bate papo, à tardinha, os escritores de maior evidência: Porto Alegre, Joaquim Manoel de Macedo, Francisco Otaviano, José de Alencar, Manuel Antônio de Almeida (BARBOSA, 2008, p. 25)

A partir do momento em que Machado de Assis passou a frequentar a Loja de Paula Brito, o autor passou ver e a viver a cidade com outros olhos, de outra forma. Ao desempenhar sua rotina diária de casa para o trabalho e do trabalho para casa, Machado de Assis se afastava cada vez mais daquele menino do Morro do Livramento, e mesmo do mancebo morador de São Cristóvão. Passo a passo, dia após dia, Machado foi incorporando as ruas do centro da cidade a seu cotidiano, bem como o ritmo da cidade a seu ritmo de vida. Experimentar o centro possibilitou que o autor construísse uma nova relação com a cidade:

Todas as manhãs, tomava a barca da Praia de São Cristóvão, que o trazia até o cais dos Franceses, junto ao Largo do Paço. O resto do trajeto até a Tipografia Nacional, na Rua da Guarda Velha, ou à loja de Paula Brito, no Largo do Rossio, vencia-o a pé (BARBOSA, 2008, p.26)

Frequentar a loja de Paula Brito representou um momento de grande virada na vida de Machado de Assis. A partir de seu trabalho na tipografia, no seu ir e vir cotidiano, passou a frequentar novos espaços e eleger alguns como lugares; conheceu e passou a conviver com intelectuais que se tornariam fortes aliados tanto para seu amadurecimento como escritor como para sua indicação a trabalhos futuros – Manoel Antônio de Almeida, por exemplo, conheceu Machado nas reuniões da Petalógica realizadas nos fundos da loja de Paula Brito e, posteriormente, o levou para trabalhar na Tipografia Nacional, conforme aponta Massa (1971).

Deste modo, o cotidiano na loja proporcionou um grande crescimento pessoal e intelectual de Machado, que em pouco tempo estaria desempenhando outras funções na tipografia, contribuindo com seus textos no jornal editado por Paula Brito

– a Marmota Fluminense. Ambiente responsável por promover encontros, esse estabelecimento possibilitou que Machado de Assis fosse espraçando e fortalecendo suas redes, tornando os contatos diários com os intelectuais da época - como os já citados Manuel de Araújo Porto Alegre, Joaquim Manoel de Macedo, Francisco Otaviano, José de Alencar e Manuel Antônio de Almeida - decisivos para a formação intelectual do autor:

Para o rapazinho que era Machado de Assis, esses contatos com um mundo novo, com um universo variado, foram decisivos. Aí viveu e aprendeu muita coisa. Que tenha sido ou não tímido, sua experiência se enriqueceu nesse meio. Um grande passo fora dado. Já não tratava mais da chácara, do Livramento ou do Engenho Novo, onde vivia seu pai. Lá, o ritmo de vida era diferente, raras visitas, inexistente vida intelectual ou quase inexistente. Machado de Assis não descobriria a cidade do alto ou de longe, mas lá passava as horas mais ativas do seu tempo, sua jornada de trabalho. Ainda que se ignore a exata natureza de sua atividade, parece verossímil que a publicação de seus primeiros poemas (no começo de 1855) corresponde justamente à sua vinda para a cidade para exercer uma ocupação remunerada. (MASSA, 1971, p. 87-88)

Para além das relações de trabalho, Machado de Assis desenvolveu na loja de Paula Brito afetuosas relações de amizade, dentre elas, com o proprietário. Apesar de poucos anos de convívio, já que o editor veio a falecer seis anos após tê-lo conhecido, Machado demonstra nas crônicas em que lhe faz referência ter com Francisco de Paula Brito tecido estreitos laços de amizade. Na ocasião do falecimento do editor, Machado dedicou algumas linhas de sua crônica para prestar uma homenagem a esse amigo tão importante em sua vida, resumindo em poucas linhas traços de sua personalidade, exaltando qualidades das quais sentiria saudades:

Mais um! Este ano há de ser contado como um obituário ilustre, onde todos, o amigo e o cidadão, podem ver inscritos mais de um nome caro ao coração e ao espírito. Longa é a lista dos que no espaço desses doze meses que estão a expirar, tem caído ao abraço tremendo daquela leviana, que não distingue os amantes, como diz o poeta. Agora é um homem que, pelas suas virtudes sociais e políticas, por sua inteligência e amor ao trabalho, havia conseguido a estima geral. Começou como impressor, como impressor morreu. Nesta modesta posição tinha em roda de si todas as simpatias. Paula Brito foi um exemplo raro e bom. Tinha fé nas suas crenças políticas, acreditava sinceramente nos resultados da aplicação delas; tolerante, não fazia injustiça aos seus adversários; sincero, nunca transigiu com eles. Era também amigo, era, sobretudo, amigo. Amava a mocidade, porque sabia que ela é a esperança da pátria, e, porque a amava estendia-lhe quanto podia a sua proteção. Em vez de morrer, deixando uma fortuna, que o podia, morreu

pobre como vivera graças ao largo emprego que dava às suas rendas e ao sentimento generoso que o levava na divisão do que auferia do seu trabalho. Nestes tempos de egoísmo e cálculo, deve-se chorar a perda de homens que, como Paula Brito, sobressaem na massa comum dos homens. (ASSIS, 1861)<sup>42</sup>

Na ocasião do aniversário de dois anos da morte de Paula Brito, Machado de Assis tornou a homenageá-lo em uma crônica, mencionando a realização de uma cerimônia de inauguração de um retrato de Paula Brito na sala onde ocorriam as reuniões da Sociedade Petalógica, aproveitando para esboçar sua gratidão saudosa do amigo:

Passarei a mencionar a inauguração do retrato de Francisco de Paula Brito, na sala das sessões da Sociedade Petalógica. Paula Brito foi amigo desta associação, que em sua casa se fundou; durante longos anos os membros da Petalógica tiveram nele um dedicado companheiro, de amigo velho e provado que era. O dia 15, aniversário da morte de Paula Brito, foi escolhido para a cerimônia da inauguração do seu retrato. Esta foi simples e modesta, como pedia o caso. Reunidos os amigos do finado, vários pronunciaram algumas palavras de saudade, e assim ficou realizada a tocante ideia. Paula Brito merecia estes sinais de gratidão saudosa que dão à sua memória seus amigos de tantos anos. (Assis, 1863)<sup>43</sup>

Muito do reconhecimento da loja de Paula Brito como centro intelectual se dá devido à realização ali das reuniões da Sociedade Petalógica, uma espécie de clube literário do qual Machado de Assis não tardou a integrar. Há que se ressaltar o protagonismo de Francisco de Paula Brito no fomento dessas reuniões, que não só utilizavam o espaço dos fundos de sua loja, como resultavam em publicações no jornal por ele editado, *Marmota Fluminense*:

Paula Brito era um idealista e foi um benefício para a literatura brasileira o fato de que a ele tenha faltado realismo; sem um grão de fantasia ele jamais teria a audácia de acolher e lançar tantos poetas e escritores. A população do Rio, que tinha então pouco gosto pela cultura, até mesmo pela leitura simplesmente – ainda que não se contem os escravos e os iletrados – não constituía um mercado seguro. Mas, sempre alerta, ele reunia os homens de boa vontade. Nos fundos de sua loja reunia os jovens escritores de quem publicava os primeiros ensaios. Em 1855, desde há dois anos pelo menos, reunia-se a *Petalógica*, sociedade literária e artística, de que ele fora um dos primeiros batalhadores. As reuniões se realizavam na sua livraria. Em certo sentido, a *Marmota Fluminense* e a *Petalógica* são as duas faces da mesma realidade. (MASSA, 1971, p. 83)

---

<sup>42</sup> Diário do Rio de Janeiro, 24/12/1861.

<sup>43</sup> O Futuro, 01/01/1863.

Em outra crônica, Machado de Assis deu um depoimento acerca da criação da Sociedade Petalógica, narrando detalhes como o local e periodicidade de suas reuniões, características de seus participantes e a relevância da Petalógica em seu atuante posicionamento frente a fatos importantes da vida nacional:

A sociedade Petalógica, como é sabido, teve nascimento na antiga casa do finado e sempre chorado Paula Brito. Quando a sociedade nasceu já estava feita; não se mudou nada ao que havia, porque os membros de então eram aqueles que já se reuniam diariamente na casa do finado editor e jornalista. Cuidavam muitos que, por ser Petalógica, a sociedade nada podia empreender que fosse sério; mas enganaram-se; a Petalógica tinha sempre dons semblantes; um jovial, para as práticas íntimas e familiares; outro sisudo, para os casos que demandassem gravidade. Todos a vimos, pois, sempre à frente das manifestações públicas nos dias santos da história brasileira. Ainda neste ano a velha associação (honni soit qui mal y pense!) mostrou-se animada do mesmo entusiasmo de todos os anos (ASSIS, 1864)<sup>44</sup>

As reuniões da Sociedade Petalógica tiveram grande importância na consolidação da carreira literária de Machado de Assis. Inicialmente, conforme aponta Massa (1971), o autor “só era conhecido do grupo de amigos que atuava em torno de Paula Brito. A Petalógica e a Marmota continuavam a ser o local onde o grupo se encontrava”. Foi nesse círculo de amizades que Machado “conheceu as pessoas que deveriam, alguns anos mais tarde, facilitar a sua fama literária: Francisco Otaviano, Augusto Emílio Zaluar, e Francisco Eleotério de Souza” (MASSA, 1971, p. 163). A Petalógica proporcionava um ambiente abundante para a discussão das artes, reunindo literatos de diferentes gerações, o que contribuiu imensamente para o desenvolvimento e incremento cultural dos participantes de suas reuniões, conforme aponta Massa (1971):

Na Petalógica, que parece única no gênero, (...) durante as reuniões de sábado à tarde falava-se principalmente de literatura, evocavam-se os espetáculos oferecidos nos três ou talvez quatro teatros em funcionamento no Rio ou então liam-se versos. O principiante encontrava um grupo já constituído, com hábitos, usos, e também com os seus cacoetes. Esta associação tinha os seus príncipes, o seu papa, em resumo, apresentava uma tradição. Pelos seus contatos diários com os jovens ou com as pessoas mais idosas ou mais avançadas do que ele na carreira das letras, Machado de Assis progrediu mais rapidamente. Conheceu um meio bem diferente do que havia até então conhecido. (MASSA, 1971, p. 84)

---

<sup>44</sup> Diário do Rio de Janeiro, 11/09/1864.

Deste modo, é preciso ressaltar que o encontro com Paula Brito e a Petalógica não foram triviais na vida de Machado, pelo contrário: sua vivência na loja de Paula Brito foi determinante para seu amadurecimento pessoal, profissional e intelectual, seja pelo contato com os intelectuais da época e possibilidade desse jovem escritor se aventurar na divulgação de seus escritos, seja pelo desenvolvimento do ofício de tipógrafo e, posteriormente, passando por todos os setores da produção de um jornal. Mas há ainda a dimensão do vivido: as horas despendidas no estabelecimento localizado no Largo do Rocio proporcionaram a Machado uma vivência mais intensa do Centro, incorporando tal parcela da cidade a seu cotidiano, elegendo seus caminhos e lugares e integrando-o a seu mundo vivido.

Ao comentar sobre o lançamento do livro *Lembranças*, de José Antônio, Machado demonstra toda sua afetuosidade, saudade e nostalgia com relação à loja de Paula Brito e à Sociedade Petalógica, oferecendo ao leitor uma descrição detalhada dessas reuniões nos fundos do estabelecimento: seus frequentadores, assuntos tratados e, sobretudo, demonstrando o ambiente de diversidade e liberdade intelectual nutrido na Petalógica:

Este livro é uma recordação, — é a recordação da Petalógica dos primeiros tempos, a Petalógica de Paula Brito — o café Procópio de certa época, — onde ia toda a gente, os políticos, os poetas, os dramaturgos, os artistas, os viajantes, os simples amadores, amigos e curiosos, — onde se conversava de tudo — desde a retirada de um ministro até a pirueta da dançarina da moda; onde se discutia tudo, desde o dó de peito do Tamberlick<sup>45</sup> até os discursos do marquês de Paraná<sup>46</sup>, verdadeiro campo neutro onde o estreante das letras se encontrava com o conselheiro, onde o cantor italiano dialogava com o ex-ministro. Dão-me saudades da Petalógica lendo o livro de José Antonio, — não porque esse livro reúna todos os caracteres daquela sociedade; dão-me saudades porque foi no tempo do esplendor da Petalógica primitiva que os versos de José Antonio foram compostos e em que saiu à luz a primeira edição das Lembranças. Cada qual tinha a sua família em casa; aquela era a família da rua — *le ménage en ville*; — entrar ali era tomar parte

---

<sup>45</sup> “Enrico Tamberlick (1820-1889), tenor italiano, de origem turca, estreou em Nápoles em 1841 e se celebrou interpretando óperas de Verdi.” Disponível em: <https://machadodeassis.net/referencia/tamberlick/54817>. Acesso em: 11 maio. 2023.

<sup>46</sup> “Honório Hermeto Carneiro Leão, marquês de Paraná (1801-1856), foi convidado por D. Pedro II a chefiar o Ministério em 1843. Pertencia ao Partido Conservador e foi um dos maiores estadistas do Segundo Império. Em 1853, chefiou o chamado “Ministério da Conciliação”, integrado por liberais e conservadores.” Disponível em: <https://machadodeassis.net/referencia/marques-de-parana/9245>. Acesso em: 11 maio. 2023.

na mesma ceia (a ceia vem aqui por metáfora) porque o Licurgo<sup>47</sup> daquela república assim o entendia, e assim o entendiam todos quantos transpunham aqueles umbrais. Queríeis saber do último acontecimento parlamentar? Era ir à Petalógica. Da nova italiana? Do novo livro publicado? Do último baile de E\*\*\*? Da última peça de Macedo<sup>48</sup> ou Alencar<sup>49</sup>? Do estado da praça? Dos boatos de qualquer espécie? Não se precisava ir mais longe, era ir à Petalógica. Os petalógicos, espalhados por toda a superfície da cidade, lá iam, de lá saíam, apenas de passagem, colhendo e levando notícias, examinando boatos, farejando acontecimentos, tudo isso sem desfaltar os próprios negócios de um minuto sequer. Assim como tinham entrada os conservadores e os liberais, tinham igualmente entrada os lagruístas e os chartonistas; no mesmo banco, às vezes, se discutia a superioridade das divas do tempo e as vantagens do ato adicional; os sorvetes do José Tomás e as moções de confiança aqueciam igualmente os espíritos; era um verdadeiro pêle-mêle de todas as coisas e de todos os homens. De tudo isso e de muitas coisas mais me lembro eu agora, a propósito do volume de Lembranças, que não posso deixar de recomendar aos leitores para as horas de tédio ou de cansaço. Os dois primeiros livros de que falei são editados pelo Sr. Garnier, cuja livraria se torna cada vez mais importante. Falar do Sr. Garnier, depois de Paula Brito, é aproximá-los por uma ideia comum: Paula Brito foi o primeiro editor digno desse nome que houve entre nós. Garnier ocupa hoje esse lugar, com as diferenças produzidas pelo tempo e pela vastidão das relações que possui fora do país. Melhorando de dia para dia, as edições da casa Garnier são hoje as melhores que aparecem entre nós. Não deixarei de recomendar aos leitores fluminenses a publicação mensal da mesma casa, o Jornal das Famílias, verdadeiro jornal para senhoras, pela escolha do gênero de escritos originais que publica e pelas novidades de modas, músicas, desenhos, bordados, esses mil nadas tão necessários ao reino do bom tom. O Jornal das Famílias é uma das primeiras publicações deste gênero que temos tido; o círculo dos seus leitores vai se alargando cada vez mais, graças à inteligente direção do Sr. Garnier.(ASSIS, 1865)<sup>50</sup>

Por conseguinte, a loja de Paula Brito constituía-se em um ponto de conversação e convergência, representando um ambiente receptivo onde iam todos e falava-se sobre tudo. Machado descreve a loja de Paula Brito da mesma maneira que em outras crônicas descreverá a Rua do Ouvidor: um lugar para saber e disseminar

---

<sup>47</sup> “Licurgo, legendário legislador militar espartano que teria vivido no século VIII ou VII a.C., fundou a maior parte das instituições políticas e militares de Esparta e fez dessa cidade-estado um modelo único entre as cidades da antiga Grécia.” Disponível em: <https://machadodeassis.net/referencia/licurgo/32098>. Acesso em: 11 maio. 2023.

<sup>48</sup> “Joaquim Manuel de Macedo (1820-1882), autor romântico brasileiro, escreveu vários romances, dos quais o mais popular é A moreninha (1844).” Disponível em: <https://machadodeassis.net/referencia/macedo/29365>. Acesso em: 11 maio.2023.

<sup>49</sup> “José de Alencar (1829-1877) é um dos escritores mais importantes da literatura brasileira, sendo um autor que tinha um "projeto" de Brasil. Escreveu romances sobre os mais variados aspectos da cultura brasileira, criando personagens indígenas, sertanejas, negras, além de uma galeria de tipos urbanos.” Disponível em: <https://machadodeassis.net/referencia/jose-de-alencar/2752>. Acesso em: 11 maio.2023.

<sup>50</sup> Diário do Rio de Janeiro, 03/01/1865.

as notícias, onde se desenvolvem relações de amizade tão profundas a ponto de considerá-las a família encontrada na rua.

A morte de Francisco de Paula Brito teve como consequência a ascensão da Livraria Garnier, que a partir desse momento passou a dominar o mercado editorial brasileiro. Se antes, a loja de Paula Brito constituía o centro intelectual do Rio de Janeiro no século XIX, agora o ponto de encontro e conversação dos literatos e demais intelectuais da época será a Livraria Garnier. Localizada na Rua do Ouvidor, Machado de Assis passou a ser editado pela Garnier e a frequentar assiduamente a livraria, aprofundando, assim, suas relações e identidade com a Rua do Ouvidor.

Desta forma, para compreender o percurso de Machado de Assis até a constituição de uma relação afetiva com a Rua do Ouvidor, faz-se necessário o reconhecimento da loja de Paula Brito como um lugar que possibilitou um grande salto na vida de Machado de Assis: as relações ali estabelecidas e o amadurecimento intelectual proporcionado e estimulado neste estabelecimento representaram o pontapé inicial da carreira de Machado de Assis, que vieram a se aprofundar e desenvolver na Livraria Garnier, posteriormente. Assim, suas relações tecidas na Livraria Garnier são fruto das aproximações realizadas na loja de Paula Brito. E, para melhor compreendê-las... “Vamos à Rua do Ouvidor...é um passo!” (ASSIS, 1893)<sup>51</sup>.

### 2.3 Livraria Garnier

Nas crônicas escritas por Machado de Assis, a livraria Garnier e o seu proprietário - o editor livreiro francês Baptiste-Louis Garnier (1823-1893) - figuram como importantes personagens do universo machadiano. Machado foi um grande entusiasta da livraria Garnier, comentando e promovendo as obras importadas, traduzidas e editadas pela livraria, divulgando para seus leitores as constantes novidades no catálogo desta, bem como a relevância da empreitada do livreiro Garnier

---

<sup>51</sup> Gazeta de Notícias, 13/08/1893.

para o progresso e desenvolvimento da imprensa, literatura e, por sua vez, da cultura nacional.

Para Machado, este nobre estabelecimento do Rio da segunda metade do século XIX promoveu a abertura da “esfera das publicações literárias” e foi responsável por animar “os esforços dos escritores” (ASSIS, 1864)<sup>52</sup>. O autor tecia recorrentes elogios e frequentemente ressaltava o primor das produções da Garnier, que além de livraria, foi uma importante editora: “Já me tenho referido mais de uma vez à livraria Garnier, a que devemos tantas edições aprimoradas, e que cada dia alarga mais o círculo das suas relações”(ASSIS, 1864).<sup>53</sup>

É preciso ressaltar o protagonismo da Livraria Garnier na difusão cultural e produção do conhecimento na segunda metade do século XIX. Seu proprietário foi responsável pela importação e introdução no Brasil de importantes obras da literatura mundial, além de ter sido responsável pela edição das principais obras da literatura nacional, dentre elas, especificamente, parte considerável da obra de Machado de Assis:

Ainda que a editora Laemmert<sup>54</sup> tenha exercido uma função importante na disseminação da literatura, a ação da editora e livraria Garnier, em especial no que tange ao reconhecimento de Machado de Assis, foi ainda mais relevante. Localizada inicialmente na Rua do Ouvidor, a Garnier, instalada em 1844, teve um papel fundamental na edição de livros, particularmente pela ação de B. L. Garnier, como seu proprietário ficou conhecido. Após 1850, a Livraria Garnier dominava o mercado, e seus catálogos, de meados da década de 1870, comprovam o empenho comercial que orientava a ação da editora ao darem ênfase a obras de autores nacionais, sem deixar de destacar a publicação de títulos traduzidos. Com efeito, Garnier foi o grande editor da segunda metade do século XIX, tendo publicado livros de autores estrangeiros como Honoré de Balzac, Charles Dickens, Alexandre Dumas, Oscar Wilde, Octavio Feuillet, Paul de Kock, George Sand, Eugène Sue, e constando em seu catálogo, além de Machado de Assis, os mais reconhecidos escritores brasileiros, como José de Alencar, Joaquim Manoel de Macedo, Bernardo Guimarães, Sílvio Romero, Aluísio Azevedo, Joaquim Nabuco, Graça Aranha, João Ribeiro. Garnier atendia, dessa forma, às expectativas dos consumidores de literatura, apesar dos riscos inerentes à

---

<sup>52</sup> Diário do Rio de Janeiro, 20/06/1864.

<sup>53</sup> Diário do Rio de Janeiro, 01/08/1864.

<sup>54</sup> “Os irmãos Eduardo (1806-1880) e Henrique (1812-1884) Laemmert, alemães, foram pioneiros na indústria tipográfica e do comércio de livros no Brasil. Fundaram a Typographia Universal - também conhecida como Editora Laemmert - que editava, a cada ano, o Almanak Laemmert, o qual reunia informações as mais variadas e de interesse do público: desde o endereço de consultórios médicos, até as fases da lua; desde anúncios de produtos farmacêuticos até de carroarias.” Disponível em: <https://machadodeassis.net/referencia/laemmert/47422>. Acesso em: 12 maio.2023.

publicação de obras literárias, investindo na promoção das letras nacionais, por meio de escritores já consagrados, e colocando, à disposição do público, autores estrangeiros, cujas obras se haviam notabilizado por sua divulgação em fascículos pelos jornais. A relevância da editora Garnier para o reconhecimento do escritor brasileiro pode ser avaliada pela grande quantidade de obras de Machado de Assis que ela editou<sup>55</sup> (SARAIVA, 2014, p. 8-9).

Baptiste-Louis Garnier chegou ao Brasil em 1844, aos 21 anos e dirigiu a livraria Garnier até sua morte, em 1893. O livreiro Garnier tinha conhecimento da importância de seu trabalho para a produção cultural do país, o que o levou, conforme assinala Reis (2004), a solicitar sua condecoração ao então Ministério do Império. Requisição aceita, como uma demonstração do reconhecimento de seu protagonismo no desenvolvimento da imprensa e mercado livreiro no Brasil:

Foi agraciado com o título de Oficial da Ordem da Rosa, em 1867, que era uma importante comenda concedida após demanda, desde que comprovados os serviços relevantes prestados à cultura imperial. Também foi reconhecido com o título de livreiro-editor do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, além de ser empresa fornecedora da Casa Imperial. (FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL, 2018)

Como salientou o próprio Machado acerca da importância do livreiro francês para o desenvolvimento de tal ofício, “numa terra em que não há editores é preciso animar os que se propõem, como o Sr. Garnier, a facilitar a publicação de obras” (ASSIS, 1864)<sup>56</sup>. Além de ter dominado o mercado da ficção nacional e estrangeira a sua época e de poder ostentar o título de “o mais importante editor do século XIX” (FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL, 2018), Garnier também se destacou por ter modificado “a imprensa através da ‘conjugação entre imprensa e literatura’, antes segmentadas entre imprensa política e imprensa literária” (REIS, 2004, p. 03).

Para além de sua importância na edição e publicação dos grandes nomes da literatura nacional, a livraria Garnier protagonizou virtuosos encontros literários, configurando-se como *locus* da produção intelectual brasileira, sobretudo literária, da segunda metade do século XIX e início do século XX, como aponta REIS (2004):

---

<sup>55</sup> Para verificar todas as obras de Machado de Assis editadas pela livraria Garnier, ver Saraiva (2014, p. 9).

<sup>56</sup> Diário do Rio de Janeiro, 14/11/1864.

Considerada a principal responsável pelo início do desenvolvimento editorial brasileiro, a livraria e editora tinha no andar térreo, um em frente do outro, dois extensos balcões de madeira de lei polida separando as estantes das 12 cadeiras que serviam de palco aos informais debates literários que se realizavam todas as tardes sob a liderança de Machado de Assis. Eram as “cadeiras dos doze apóstolos”. O mestre era Machado de Assis, o único a ter lugar cativo (REIS, 2004, p. 06).

Cohen (2001) ratifica a livraria como ponto de encontro dos literatos brasileiros citando alguns nomes, dentre os quais, Machado de Assis, cuja assiduidade neste estabelecimento é apontada recorrentemente:

Também na virada do século, a célebre Livraria Garnier, no 71, torna-se o ponto de reunião dos escritores de então: Machado de Assis, que passava ali todo dia ao sair do Ministério da Viação e antes de tomar o bonde para o Cosme Velho, José Veríssimo, Rui Barbosa, que ia todo dia depois da sessão do Senado, João Ribeiro, Coelho Netto, Nabuco, Visconde de Taunay, Graça Aranha, Alberto de Oliveira, Olavo Bilac e muitos outros (COHEN, 2001, p. 72).

Da Paula Brito à Garnier, Machado de Assis passou do papel de coadjuvante ao de protagonista, aumentando sua influência e assumindo um papel de liderança no meio literário que culminaria na sua indicação, em 15 de Dezembro de 1896, para assumir a primeira presidência da Academia Brasileira de Letras<sup>57</sup>. Diversos são os relatos da presença constante de Machado de Assis na livraria Garnier, bem como do papel de liderança que o mesmo exercia sobre os demais adeptos dos encontros vespertinos naquele privilegiado estabelecimento:

Machado de Assis não faltara à livraria, ponto de encontro de amigos e companheiros. Ali conversava e ali se deixava ver sentindo-se querido e admirado. Tinha a repartição, é certo, mas esta, embora lhe tomasse parte do tempo, não constituía a sua paixão: era a sua ocupação na vida pública, que ele desempenhava com o rigor e a probidade de seu feito, e não uma essencialidade de sua natureza, invariavelmente voltada para a literatura. (...) Medeiros e Albuquerque, instado a falar sobre Machado de Assis numa sessão da Academia, resumiu-lhe a singeleza da vida neste testemunho pessoal: “A sua vida, ao tempo em que o conheci, pautava-se de um modo monotonamente uniforme. Vinha todas as tardes – nesse tempo o expediente das repartições terminava às três horas – do Ministério da Viação para a Garnier. Aí se instalava numa pequena roda e conversava sobre literatura” (ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS, 2018).

---

<sup>57</sup> “As primeiras notícias relativas à fundação da ABL foram divulgadas a 10 de novembro de 1896, pela Gazeta de Notícias, e, no dia imediato, pelo Jornal do Commercio. Teriam início as sessões preparatórias: na primeira, às três da tarde de 15 de dezembro, na sala de redação da Revista Brasileira, na Travessa do Ouvidor, nº 31, Machado de Assis foi desde logo aclamado presidente.” Disponível em: <https://www.academia.org.br/academia/fundacao>. Acesso em: 12 maio.2023.

De acordo com Massa (1971), Garnier foi decisivo na vida de Machado, na medida em que publicou o primeiro livro de poemas deste – *Crisálidas* – e, ao contar com Machado na colaboração do *Jornal das Famílias*, foi fundamental para que o autor descobrisse seu talento como contista:

Não fosse por registrar a tomada de consciência de uma nova vocação de escritor, a colaboração no *Jornal das Famílias* teria uma importância decisiva, porque era uma janela aberta sobre um novo destino. Como aconteceu alguns anos antes, para a publicação de *Crisálidas*, Garnier foi a pedra-de-toque desta evolução (MASSA, 1971, p. 551-552)

Constituindo-se em um lugar de produção do conhecimento a partir de suas rodas literárias diárias, a Livraria Garnier pode ser considerada o embrião do surgimento da Academia Brasileira de Letras, sob a liderança de Machado de Assis:

No correr de anos e anos da mesma conduta cautelosa, a figura do mestre, modelo de dignidade pessoal e de méritos literários, impôs-se aos contemporâneos como seu líder natural, ao mesmo tempo que outras gerações de escritores se vieram formando e constituindo, harmonizadas no reconhecimento do primado intelectual do criador de *Quincas Borba*. A essa circunstância se aliou o espírito de coesão dos diversos núcleos de escritores – espírito de coesão que os aglutinava em torno de uma ideia, de uma causa, de uma escola literária ou mesmo de uma simples mesa de almoço, ou ainda numa roda habitual de livraria. E assim, ao surgir a ideia da Academia, já estava criada a afinidade de sentimentos, de que se fazem as instituições de sua espécie. A prova de que a ideia correspondia, realmente, a uma aspiração natural, é a frequência de idêntico pensamento, no mesmo quartel de século, entre as figuras literárias de maior evidência. (ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS, 2018).

Quando da morte de Garnier, em 1893, Machado prestou uma merecida homenagem a este livreiro e editor, tão importante para a difusão da produção literária brasileira e mundial. Explicitou também que sua relação com o mesmo não era meramente comercial, mas também afetiva, tendo sido esses trinta anos<sup>58</sup> de relação marcados por uma profunda admiração, como vimos, pelo trabalho do senhor Garnier. Nesta crônica, é a vez de Machado reafirmar a livraria enquanto um ponto de encontro dos literatos brasileiros, o que confirma nossa tese aqui defendida de que esta livraria obteve papel fundamental no fomento à produção literária brasileira:

---

<sup>58</sup> Em crônica posterior, publicada em 15 de outubro de 1893, Machado escreveu: “na crônica passada disse conhecer o finado Garnier, há vinte anos, a culpa não foi minha, nem da composição, nem da revisão, mas desta letra do diabo. Trinta anos é que devia ter saído”

Garnier é das figuras derradeiras. Não aparecia muito; durante os 20 anos das nossas relações, conheci-o sempre no mesmo lugar, ao fundo da livraria, que a princípio era em outra casa, nº 69, abaixo da rua Nova. Não pude conhecê-lo na da Quitanda, onde se estabeleceu primeiro. A carteira é que pode ser a mesma, como o banco alto onde ele repousava, às vezes, de estar em pé. Aí vivia sempre, pena na mão, diante de um grande livro, notas soltas, cartas que assinava ou lia. Com o gesto obsequioso, a fala lenta, os olhos mansos, atendia a toda gente. Gostava de conversar o seu pouco. Neste caso, quando a pessoa amiga chegava, se não era dia de mala, ou se o trabalho ia adiantado e não era urgente, tirava logo os óculos, deixando ver no centro do nariz uma depressão do longo uso deles (...). Das conversações tranquilas, algumas longas, estão mortos quase todos os interlocutores, Liais, Fernandes Pinheiro, Macedo, Joaquim Norberto, José de Alencar, para só indicar estes<sup>59</sup>. De resto, a livraria era um ponto de conversação e de encontro. Pouco me dei com Macedo, o mais popular dos nossos autores, pela Moreninha e pelo Fantasma Branco, romance e comédia que fizeram as delícias de uma geração inteira. Com José de Alencar foi diferente; ali travamos as nossas relações literárias. Sentados os dois, em frente à rua, quantas vezes tratamos daqueles negócios de arte e poesia, de estilo e imaginação, que valem todas as canseiras deste mundo. Muitos outros iam ao mesmo ponto de palestra. Não os cito, porque teria de nomear um cemitério, e os cemitérios são tristes, não em si mesmos, ao contrário (...). Não citemos nomes. Nem mortos, nem vivos. Vivos há-os ainda, e dos bons, que alguma coisa se lembrarão daquela casa e do homem que a fez e perfez. Editar obras jurídicas ou escolares não é mui difícil; a necessidade é grande, a procura certa. Garnier, que fez custosas edições dessas, foi também editor de obras literárias, o primeiro e o maior de todos. Os seus catálogos estão cheios dos nomes principais, entre os nossos homens de letras. Macedo e Alencar, que eram os mais fecundos, sem igualdade de mérito, Bernardo Guimarães, que também produziu muito nos seus últimos anos, figuram ao pé de outros, que entraram já consagrados, ou acharam naquela casa a porta da publicidade e o caminho da reputação. Não é mister lembrar o que era essa livraria tão copiosa e tão variada, em que havia tudo, desde a teologia até à novela, o livro clássico, a composição recente, a ciência e a imaginação, a moral e a técnica. Já a achei feita; mas vi-a crescer ainda mais, por longos anos. Quem a vê agora, fechadas as portas, trancados os mostradores, à espera da justiça, do inventário e dos herdeiros, há de sentir que falta alguma coisa à rua. Com efeito, falta uma grande parte dela, e bem pode ser que não volte, se a casa não conservar a mesma tradição e o mesmo espírito. (ASSIS, 1893)<sup>60</sup>

Conforme temido por Machado de Assis, a administração posterior à morte de B. L. Garnier, assumida por seu irmão Hippolyte, da Librarie Garnier Frères, não conseguiu conservar a mesma tradição e espírito, tampouco a qualidade de suas publicações, de acordo com o escritor Lima Barreto em crônica publicada em 07 de

---

<sup>59</sup> A respeito dos interlocutores citados por Machado, tratam-se, de acordo com John Gledson, de: “Emmanuel Liais (1826-1900), astrônomo e geógrafo francês, que passou muitos anos no Brasil, onde chegou em 1858, publicando várias obras de natureza científica sobre o país; Cônego Joaquim Fernandes Pinheiro (1826-1876), escritor, autor de várias obras de história do Brasil, como a *História do Brasil contada aos meninos* (1870); e Joaquim Norberto de Sousa Silva (1820-1891) historiador e autor da *História da Conjuração Mineira* (1873)” (GLEDSON, 1996, p. 311).

<sup>60</sup> Gazeta de Notícias, 08/10/1893.

agosto de 1911. É interessante observar a livraria Garnier perpassando gerações de literatos com diferentes perspectivas e grau de importância. Dezoito anos após a crônica dedicada à notícia da morte de B. L. Garnier por Machado de Assis, é a vez de Lima Barreto comentar a morte do herdeiro da livraria, o irmão Hippolyte Garnier. De acordo com Barreto (1911), a Garnier vivia, a seu tempo, da fama e prestígio de outrora, mas que, como Machado esboçou receio, já não era mais a mesma:

A não ser que as haja fora daqui, nos Estados, a Livraria Garnier era a única casa editora que havia entre nós. Se mesmo aqui há alguns que editem, não há nenhuma que o faça com constância e regularidade para que possa ser assim considerada. A Garnier era a única; e se, ainda há poucos anos, havia a Casa Laemmert, ultimamente, porém, só ficou em campo a velha livraria. De modo que ela era o único desaguadouro da produção literária nacional e exercia sobre as edições um monopólio nem sempre favorável a nós. Curiosa é a maneira por que essa casa, com matriz em Paris e filial aqui e não sei onde mais, se saía de tão árdua empreitada. Dirigida por um velho mentecapto, que nem lia português e nunca tinha vivido no nosso meio, as suas edições eram feitas atendendo mais à representação oficial do autor do que ao valor da obra. Foram-se os tempos do B. L. Garnier. Este viveu aqui, conhecia-nos, podia aquilatar o valor, não direi intelectual, mas comercial do livro; mas, nesses últimos anos, sem ter ninguém propriamente dito, da casa que julgasse os manuscritos, sucediam-se borracheiras aparecidas *chez* Garnier. (BARRETO, 1911)

Machado de Assis testemunhou e usufruiu dos melhores momentos da livraria Garnier, seu ponto de encontro na Rua do Ouvidor. Ponto de parada diário do autor de *Dom Casmurro*, ao frequentar a Garnier, Machado incorporou a Rua do Ouvidor em seu cotidiano. Da porta da livraria, observava as pessoas, as modas, ouvia uma ou outra notícia – e alguns boatos – e frequentava também outros estabelecimentos da rua. De lá, observava e analisava o cotidiano da cidade, sobre o qual se debruçou em suas crônicas, narrando acontecimentos sob seu ponto de vista. No entanto, a Ouvidor também foi lembrada por Machado em seus romances e contos, assim como também foi fonte de inspiração para outros literatos costumavam frequentar este garboso traçado, como veremos a seguir.

## 2.4 Rua do Ouvidor: Ponto de encontro e fonte inspiradora para os literatos brasileiros

Ao percorrer os caminhos de Machado de Assis até a Rua do Ouvidor e a ela chegar por meio desta seção, se faz necessário explorar mais detidamente a sociabilidade proporcionada por esse logradouro. Tendo como peculiaridade o poder de reunião - uma vez que era prática usual haverem ali encontros entre literatos cotidianamente -, este querido logradouro de expressiva presença no cotidiano dos literatos brasileiros habitou a literatura de muitos deles.

A Rua do Ouvidor era a principal rua do Rio de Janeiro do século XIX, onde todas as novidades e serviços chegaram primeiro. Concentradora de bens, serviços e pessoas, este logradouro constituía um importante espaço de socialização da sociedade fluminense de então, atraída por estabelecimentos como, por exemplo, a já citada Livraria Garnier. Entre seus frequentadores, destacam-se grandes nomes da literatura nacional à época, que, juntamente com Machado de Assis, eram frequentemente vistos discutindo política, literatura e assuntos da ordem do dia nos cafés, livrarias e confeitarias da Ouvidor.

A sociabilidade proporcionada pela Rua do Ouvidor constituiu-se em uma grande novidade numa sociedade por muito tempo predominantemente rural e escravocrata. Deste modo, a ascensão da vida urbana e das urbanidades proporcionadas por ela provocou mudanças no modo de vida da sociedade fluminense, que passou a experimentar a vida além dos muros, janelas e portas de suas residências: a rua adquiriu importante dimensão no cotidiano dos indivíduos, que passaram a valorizar uma experiência coletiva do viver na cidade. O ver e ser visto, o *flâneur*, e a circulação de mulheres na rua: tudo isso era novidade.

As ruas de comércio e a ampliação do consumo proporcionavam “alegrias exteriores” contrariamente à “paz interior” à que parecia levar o confinamento doméstico. Assim, contribui para a crescente emancipação feminina, a mulher passa a exercer a função de “colaboradora do marido” em diferentes atividades sociais e eventos relacionados à arte de receber e à fé católica. Nessa nova realidade urbana, do final do século, uma nova sociabilidade se configura. Estar em público e expor-se se tornou imperioso, tanto para o estabelecimento de novos contatos quanto para a inserção nos círculos sociais, para além dos limites domésticos e privados. Essa nova sociabilidade tinha como locais preferidos, aos moldes da civilização europeia, os salões e a rua, que funcionavam como local de exposição. Com as mudanças na forma

de ver, ler, pensar o mundo e as relações de trabalho ou de convivência, a Rua do Ouvidor fez-se passarela para a sociedade desfilarem sua glória, suas roupas, seus títulos. Tornou-se local de encontros, de simples passeios, local de observação da vida “agitada” e das mulheres mais abastadas da sociedade brasileira, que desfilavam com todo o requinte, conforme figurino europeu, principalmente, francês. (LIUTI, 2007. p. 77-78)

Inaugura-se, portanto, uma nova forma de se relacionar com a cidade através da ocupação do espaço público. Outro aspecto a ser considerado nessa nova experiência urbana vivida no Rio de Janeiro no século XIX é a conquista da noite. Juntamente com os serviços que passaram a ser ofertados e a adaptação à vida exterior, a iluminação pública possibilitou a inauguração da vida noturna. Sendo a primeira rua a receber iluminação à óleo, à gás e, posteriormente, elétrica, (COHEN, 2001), a Rua do Ouvidor, através de seus teatros, cinemas e salões possibilitou o florescimento da vida noturna na cidade. Ao analisar a superação da submissão da cultura aos ciclos da natureza a partir da extensão dos horários das sessões de teatro na Inglaterra proporcionada pelo advento da eletricidade, Tuan (2013) ressaltou que

A eletricidade tornou possível a conquista da noite pelas pessoas, se assim o quisessem. Atividades públicas não eram mais dependentes do sol. O crepúsculo não anunciava uma retirada, mas uma nova explosão de atividades nos bulevares abundantemente iluminados e nas “grandes vias brancas”. (TUAN, 2013, p. 13)

As transformações vividas pela sociedade de então extrapolaram a vivência cotidiana na Rua do Ouvidor e foram parar nas páginas de renomados literatos Brasileiros, que traduziram o viver na cidade daquele momento em páginas literárias. Deste modo, a presença do logradouro nos escritos literários não se configura como uma exclusividade da obra machadiana: Joaquim Manoel de Macedo<sup>61</sup>, Coelho Neto<sup>62</sup>

---

<sup>61</sup> “Joaquim Manuel de Macedo (1820-1882), autor romântico brasileiro, escreveu vários romances, dos quais o mais popular é *A moreninha* (1844).” Disponível em: <https://machadodeassis.net/referencia/macedo/29365> Acesso em: 12 maio.2023.

<sup>62</sup> “Coelho Neto (Henrique Maximiano Coelho Neto), romancista, crítico e teatrólogo, nasceu em Caxias, MA, em 21 de fevereiro de 1864, e faleceu no Rio de Janeiro, RJ, em 28 de novembro de 1934.” Disponível em: <https://www.academia.org.br/academicos/coelho-neto/biografia>. Acesso em: 12 maio. 2023.

e João do Rio<sup>63</sup>, como veremos, retratam a Ouvidor em suas obras, reforçando a importância desta rua para a época e para os literatos que ali conviviam.

Ademais, este ilustre traçado não só influenciava a vida social dos literatos brasileiros como também influía na produção literária dos mesmos, pois “vários movimentos literários e políticos nasceram nas confeitarias e cafés da Ouvidor” (SILVA & MENDES, 2010, p.32), uma vez que “os boêmios andavam pelas ruas pelo simples prazer de perambular, apreendendo cada detalhe, buscando uma nova percepção da cidade: A rua configura-se, desta forma, como matéria prima e fonte de inspiração” (SILVA & MENDES, 2010, p.33).

Tal inspiração fez com que Joaquim Manoel de Macedo, por exemplo, dedicasse uma obra inteira somente para relatos de acontecimentos da Rua do Ouvidor, intitulado *Memórias da Rua do Ouvidor*, datado de 1878. Já na primeira página, o autor descreve a Rua do Ouvidor como a rua “mais passeada e concorrida, e mais leviana, indiscreta, bisbilhoteira, esbanjadora, fútil, noveleira, poliglota e enciclopédica de todas as ruas da cidade do Rio de Janeiro” e justifica o tema da obra a partir do argumento que a Rua do Ouvidor “ocupa-se de tudo”. Contudo, “até hoje, porém, ainda não referiu a quem quer que fosse a sua própria história” (MACEDO, [1878, p. 1], 2005, p.9).

Conforme apontam Silva e Mendes (2010), Coelho Neto homenageia a Rua do Ouvidor em duas obras: em *A Conquista* (1899) e em *A Capital Federal* (1893). Nessas obras o autor discorre sobre duas experiências urbanas possíveis em relação à Ouvidor. Enquanto em *A Conquista*, o personagem possui uma experiência de pertencimento e identificação com o glamour e boemia experimentado na Rua do Ouvidor, traduzindo-se assim em uma relação topofílica<sup>64</sup> (TUAN, 1980), em *A Capital Federal*, o personagem, recém chegado de Minas Gerais, se desaponta profundamente ao conhecer a Rua do Ouvidor, pois esta estava longe de representar

---

<sup>63</sup> “Paulo Barreto (João Paulo Emílio Cristóvão dos Santos Coelho Barreto; pseudônimo literário: João do Rio), jornalista, cronista, contista e teatrólogo, nasceu no Rio de Janeiro, RJ, em 5 de agosto de 1881, e faleceu na mesma cidade em 23 de junho de 1921.” Disponível em: <https://www.academia.org.br/academicos/paulo-barreto-pseudonimo-joao-do-rio/biografia>. Acesso em: 12 maio. 2023.

<sup>64</sup> De acordo com o geógrafo Yi-fu Tuan, “a palavra ‘topofilia é um neologismo, útil quando pode ser definida em sentido amplo, incluindo todos os laços afetivos dos seres humanos com o ambiente material. Estes diferem profundamente em intensidade, sutileza e modo de expressão.” (TUAN, 1980, 107).

na realidade a Rua do Ouvidor construída pelo imaginário do personagem, formado a partir dos relatos apaixonados daqueles que a conheciam. Em *A Capital Federal*, a Rua do Ouvidor não consegue seduzir o personagem proveniente do meio rural, uma vez que os laços topofílicos deste já foram criados no campo (SILVA & MENDES, 2010).

João do Rio, em *A Encantadora Alma das Ruas*, dedica um parágrafo à Rua do Ouvidor, dizendo:

Vede a Rua do Ouvidor. É uma fanfarrona em pessoa, exagerando, mentindo, tomando parte de tudo (...). Esse beco inferno de pose, de vaidade, de inveja, tem a especialidade da bravata. E fatalmente oposicionista, criou o boato (...). Um dia resolveu chamar-se de Ouvidor sem que o senado da câmara fosse ouvido. Chamou-se como calúnia, e elogia, como insulta e aplaude, porque era preciso denominar o lugar em que todos falam de lugar do que ouve (RIO, 1997, p. 4)

É interessante observar que a Rua do Ouvidor assume e incorpora as características de seus transeuntes, como se a própria rua fosse dotada do poder de transmitir informações ou inventar boatos. Isto pode ser observado quando João do Rio a chama de “fanfarrona em pessoa”, onde a personificação, ou seja, a atribuição de sentimentos ou ações próprias dos seres humanos a objetos é conferida a este logradouro carioca (CEREJA, 2000, p. 455).

Na perspectiva de mapear os caminhos de Machado até a Rua do Ouvidor, podemos considerar não somente os caminhos geobiográficos trilhados por Machado de Assis até a rua: este traçado se faz presente de forma expressiva também em seus caminhos literários para além das crônicas. A Rua do Ouvidor não passa despercebida pela obra de Machado de Assis, pelo contrário: está presente no conto, no romance e na crônica, sendo citada pelo autor em oito dos seus dez romances e em 58 contos<sup>65</sup>, além das 63 crônicas objeto de estudo desta pesquisa.

Gledson (2006, p. 352) aponta experiências diferenciadas dos personagens de romances e contos na Rua do Ouvidor. Para exemplificar, daremos destaque à passagens dos romances *Ressurreição* (1872) e *Memórias Póstumas de Brás Cubas*

---

<sup>65</sup> A relação de citações à Rua do Ouvidor nos romances e contos de Machado de Assis está disponível em: < <https://machadodeassis.net/referencia/rua-do-ouvidor/159>>. Acesso: 12 maio. 2023.

(1881<sup>66</sup>), e ao conto *Tempos de Crise* (1873) nos quais Machado de Assis se refere à Rua do Ouvidor.

O caráter fofoqueiro da rua, como nos outros autores supracitados (RIO, 1997; MACEDO, [1878] 2005), também é destacado por Machado de Assis. Em *Ressurreição*, a Rua do Ouvidor participa do desenvolvimento da trama, na medida em que Machado a escolhe para ser o lugar da difusão da notícia do casamento dos personagens Lívia e Félix, propagada pelo seu irmão, Viana, embora os noivos desejassem manter discrição a respeito:

Não contava com o irmão, que se encarregou de dar ao consórcio proporções de acontecimento. A notícia foi referida por ele na Rua do Ouvidor, esquina com Rua Direita. Daí a dez minutos chegara à Rua da Quitanda. Tão depressa correu que um quarto de hora depois era assunto de conversa na esquina da Rua dos Ourives. Uma hora bastou para percorrer toda a extensão da nossa principal via pública. Dali espalhou-se em toda a cidade. (ASSIS, 1994 [1872], p. 69)

Valendo-se da aptidão em disseminar notícias e indiscrições da Rua do Ouvidor, no romance *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, o defunto autor Brás Cubas divulga neste logradouro uma notícia que desejava ser propagada: a de que acompanharia Lobo Neves como secretário em uma viagem para uma província do Norte:

Nesse mesmo dia, tratando de aparelhar os ânimos, comecei a espalhar que talvez fosse para o Norte como secretário de província, a fim de realizar certos desígnios políticos, que me eram pessoais. Disse-o na Rua do Ouvidor, repeti-o no dia seguinte, no Pharoux e no teatro. Alguns, ligando a minha nomeação à Lobo Neves, que já andava em boatos, sorriam maliciosamente, outros batiam-me no ombro. No teatro disse-me uma senhora que era levar muito longe o amor da escultura. Referia-se às belas formas de Virgília (ASSIS, 1997, p. 148).

No conto *Tempos de Crise*, publicado originalmente em *Jornal das Famílias*, abril de 1873, o personagem recém-chegado do interior na capital é surpreendido logo no desembarque pelo boato de estar havendo uma crise ministerial. A fim de confirmar e saber mais detalhes da notícia, é conduzido para a Rua do Ouvidor, “o lugar mais seguro para saber notícias”:

---

<sup>66</sup> Consideramos a data de publicação do livro, apesar da publicação em folhetim datar de 1880, conforme assinalado anteriormente.

Seguimos para o Hotel da Europa que é na Rua do Ouvidor; lá me deram um aposento e um almoço. Acendemos charutos e saímos. A porta perguntei-lhe eu:

— Onde saberemos notícias?

— Aqui mesmo na Rua do Ouvidor.

— Pois então na Rua do Ouvidor é que?

— Sim; a Rua do Ouvidor é o lugar mais seguro para saber notícias. A casa do Moutinho ou do Bernardo, a casa do Desmarais ou do Garnier, são verdadeiras estações telegráficas. Ganha-se mais em estar aí comodamente sentado do que em andar pela casa dos homens da situação. (ASSIS, 1994).

O conto se passa todo na Rua do Ouvidor, onde, à espera de notícias frescas acerca de um acontecimento político, os personagens aguardam em um estabelecimento da rua novas atualizações sobre o caso. Sem nenhum esforço, as novidades adentram à porta, nem sempre precisas, já que cada pessoa que chega conta uma nova versão sobre o fato.

Mais adiante, Machado torna a não só associar a Rua do Ouvidor a um lugar para saber “as notícias mais frescas”, mas aproveita para destacar outras particularidades da rua, como a concentração de todo tipo de gente e de produtos finos, destinados à alta classe carioca, onde desfila a “elegância fluminense”:

Queres ver a elegância fluminense. Aqui acharás a flor da sociedade, — as senhoras que vêm escolher jóias ao Valais ou sedas a Notre Dame, — os rapazes que vêm conversar de teatros, de salões, de modas e de mulheres. Queres saber da política? Aqui saberás das notícias mais frescas, das evoluções próximas, dos acontecimentos prováveis; aqui verás o deputado atual com o deputado que foi, o ministro defunto e às vezes o ministro vivo. Vês aquele sujeito? É um homem de letras. Deste lado, vem um dos primeiros negociantes da praça. Queres saber do estado do câmbio? Vai ali ao Jornal do Comércio, que é o Times de cá. Muita vez encontrarás um coupé à porta de uma loja de modas: é uma Ninon fluminense. Vês um sujeito ao pé dela, dentro da loja, dizendo um galanteio? Pode ser um diplomata. Dirás que eu só menciono a sociedade mais ou menos elegante? Não; o operário pára aqui também para ter o prazer de contemplar durante minutos uma destas vidraças rutilantes de riqueza, — porquanto, meu caro amigo, a riqueza tem isto de bom consigo, — é que a simples vista consola. (ASSIS, 1994).

Ao representar no conto *Tempos de Crise* a Rua do Ouvidor como o melhor lugar para saber notícias e como uma rua elegante – que reúne desde a alta sociedade à procura de artigos franceses até os operários que consomem a rua e seus produtos sem precisar comprá-los, apenas observando suas vitrines –, Machado descreve a Ouvidor como vitrine da sociedade fluminense do século XIX, forma de se referir ao

logradouro muito característico de suas crônicas, a ser abordada mais detidamente no próximo capítulo. Neste conto, Machado ressalta aspectos do cotidiano da sociedade carioca a partir da socialização nesta rua, com ênfase na grande circulação de pessoas, mercadorias e notícias, outra característica muito comum na crônica machadiana, como veremos. Assim, podemos considerar que este conto representa uma síntese da Rua do Ouvidor segundo Machado de Assis, na medida em que esses aspectos da rua são amplamente explorados pelo autor nas crônicas, conforme analisaremos adiante.

Vislumbramos demonstrar, por meio desta seção, que a importância da Rua do Ouvidor no século XIX - já que a mesma era a principal rua da cidade - e o contexto de valorização das experiências no espaço público - como a rua - vivido à época resultou na incorporação da Rua do Ouvidor aos escritos literários dos autores que a frequentavam na aurora de seus dias. Nesse cenário, buscamos demonstrar que os caminhos de Machado de Assis até a Rua do Ouvidor, além de sua trajetória biogeográfica, foram trilhados a partir de diferentes gêneros literários, já que o logradouro foi incorporado às narrativas não só de suas crônicas, como também de seus romances e contos.

## **2.5 O flunar machadiano na imprensa carioca**

Dentre os caminhos de Machado de Assis até a Rua do Ouvidor, podemos considerar sua trajetória como cronista nas redações dos jornais e revistas fluminenses ao longo de sua carreira. Como abordado anteriormente, o primeiro contato de Machado de Assis com a imprensa ocorreu através de sua aproximação com a tipografia Dous de Dezembro, de Francisco de Paula Brito, na qual trabalhou inicialmente como aprendiz de tipógrafo e teve a oportunidade de compartilhar seus primeiros escritos com os membros da *Sociedade Petalógica*. Desde então, Machado passou a ter seu nome atrelado aos principais jornais e revistas cariocas até o fim de sua vida, tendo sido revisor, editor e um colaborador assíduo nesses veículos, muitas vezes contribuindo para mais de um jornal ou revista ao mesmo tempo, conforme aponta Pereira (2017):

A não ser de setembro de 1878 a outubro de 1879, quando esteve doente, nunca, dos dezesseis aos cinquenta e oito anos, de 1855 a 1897, dos versos da Marmota à 'Semana' da Gazeta de notícias deixou de colaborar regularmente na imprensa. E, em regra, escrevia para vários lugares ao mesmo tempo. (PEREIRA, 2017, p. 158)

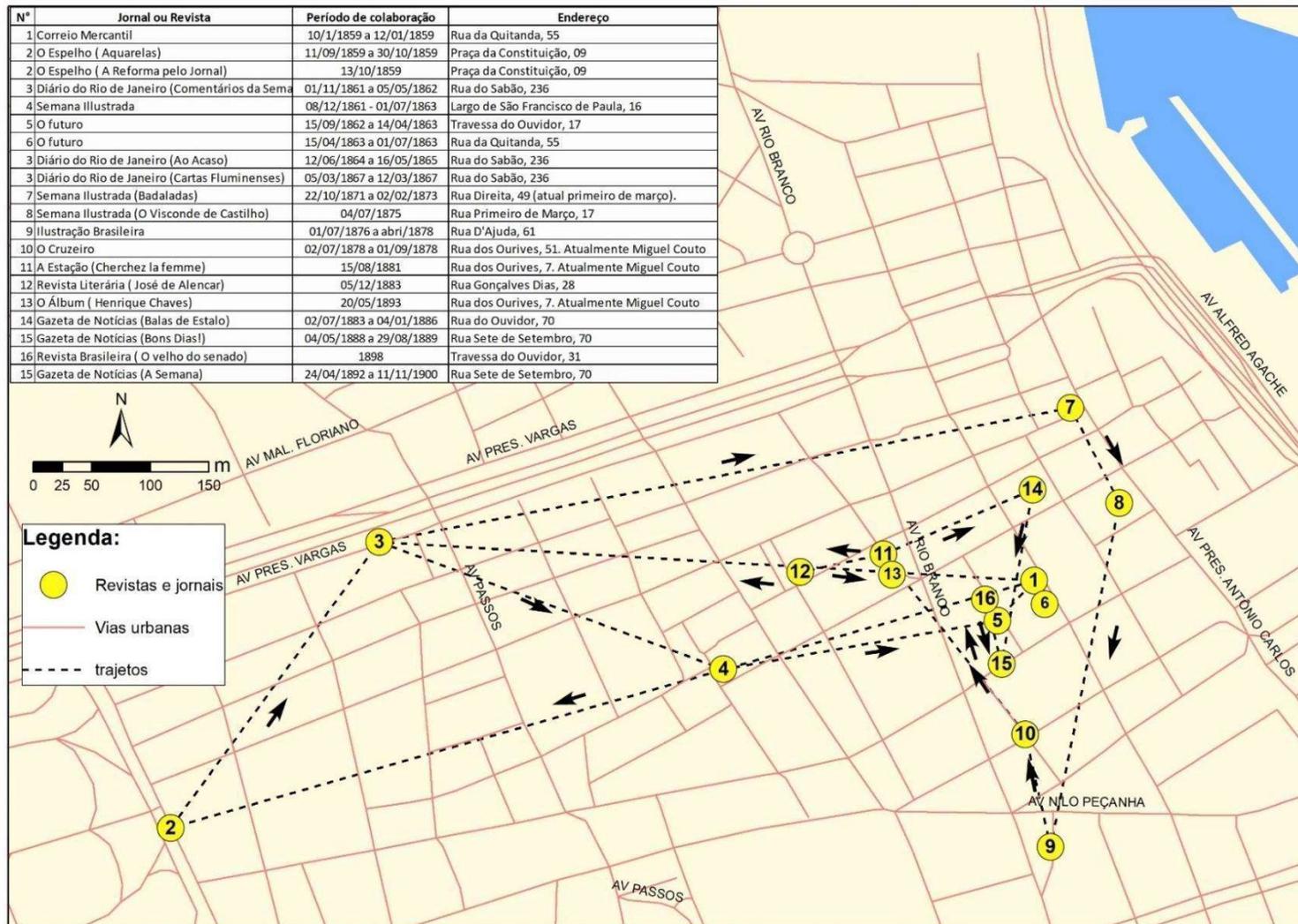
Machado de Assis passou a maior parte de sua vida nas redações de jornais da imprensa carioca, localizadas na região central da cidade. A partir dessa rotina diária, o autor de Dom Casmurro fez das ruas do Centro do Rio de Janeiro a extensão de sua casa, com destaque para a Rua do Ouvidor, como veremos adiante a partir da análise de suas crônicas acerca deste logradouro.

A fim de compreender e ilustrar a dimensão assumida pelo Centro do Rio na vivência machadiana da cidade, elaboramos um mapa do flunar machadiano pelas redações dos jornais e revistas cariocas, considerando os veículos nos quais o autor trabalhou como cronista ao longo de sua trajetória. Como resultado, temos a espacialidade do Machado cronista no centro da cidade do Rio de Janeiro. Vale ressaltar que os endereços das redações dos jornais e revistas trabalhados gravitam em torno da Rua do Ouvidor, quando não se localizam na própria rua, como é o caso da Gazeta de Notícias, no período em que Machado escreveu a série *Balas de Estalo*.

Para chegar a este resultado, recorreremos ao acervo digital da Biblioteca Nacional (FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL, c2020), onde tivemos acesso a edições de jornais e revistas nos quais Machado atuou como cronista. Desta maneira, foi possível obter a informação acerca da localização das redações desses órgãos da imprensa do século XIX que compõem o mundo vivido do autor em tela.

Assim, a partir da ciência dos períodos trabalhados por Machado em cada jornal ou revista, foram consultadas edições referentes aos respectivos períodos para a confirmação dos endereços dos órgãos de imprensa, comumente impressos na primeira página das edições. Foram considerados tanto endereços das redações quanto os que diziam respeito à aquisição de assinaturas dos jornais e revistas. A tabela que compõe o mapa encontra-se ordenada cronologicamente, de acordo com a atuação de Machado nas revistas ou jornais que, por sua vez, estão numerados ordinalmente de acordo com a atuação do autor.

Figura 3 - O flunar machadiano pelos jornais e revistas cariocas



Fonte: elaborado pela autora

Analisando o flunar machadiano (Figura 3) pelas redações de jornais proposto no mapa acima, podemos perceber que, ao longo do tempo, Machado de Assis foi sendo atraído pela Rua do Ouvidor em seu caminhar. O Largo do Rocio - onde está localizada atualmente a Praça Tiradentes -, por exemplo, representado no mapa pelo número (2), foi um lugar transitado somente no seu início de carreira, nos tempos da Loja de Paula Brito. Posteriormente, os locais de trabalho de Machado foram se aproximando das imediações da Rua do Ouvidor. Passou pela Rua do Sabão (3), tendo como próximo destino o Largo de São Francisco (4), onde “desemboca” a Ouvidor, que passa a ser, portanto, o seu "centro de gravidade".

Mais do que um local de trabalho, a imprensa carioca era um lugar onde Machado de Assis se realizava, expunha suas ideias, aprofundava suas relações com colegas de profissão e vivia a cidade. De acordo com o geógrafo Yi-fu Tuan, sentir um lugar leva tempo: “se faz de experiências, em sua maior parte fugazes e pouco dramáticas, repetidas dia após dia e através dos anos (...) é registrado pelos nossos músculos e ossos” (TUAN, 1983, p. 203). Podemos considerar que, ao longo dos 41 anos em que Machado transitou pelas redações dos jornais e revistas escrevendo suas crônicas, no vai-e-vem das ruas e lugares, o autor incorporou as ruas do centro do Rio de Janeiro, dia após dia, em seus músculos e ossos.

Dentre essas ruas, destaca-se a Rua do Ouvidor, a qual, apesar de não abrigar o endereço das redações de jornais onde Machado trabalhou, por se tratar da rua mais importante da cidade no século XIX, constituía-se como um polo de atração para os que trabalhavam nesses veículos, devido à proximidade dos jornais em relação à rua, a exercer sua centralidade atraindo diariamente pessoas como Machado de Assis, seu frequentador assíduo.

Desta maneira, ao estabelecer uma rotina vinculada aos endereços apresentados no mapa, Machado, ao longo de quase dois terços de sua vida, frequentou a Rua do Ouvidor. Não por coincidência, a rua assume em suas crônicas um importante protagonismo, como analisaremos a seguir.

### 3 A RUA DO OUVIDOR NAS CRÔNICAS DE MACHADO DE ASSIS

Passamos a analisar a Rua do Ouvidor à luz das crônicas de Machado de Assis. Primeiramente, na subseção intitulada “Quantificando a geografia machadiana”, são apresentados os caminhos trilhados na pesquisa no que diz respeito à seleção das crônicas a serem analisadas, bem como o agrupamento das mesmas nas categorias Vitrine, Janela e Reflexo, por meio da análise de conteúdo como metodologia. Já na subseção “Qualificando a geografia machadiana”, passamos a analisar qualitativamente o conteúdo dos trechos de crônicas selecionados, considerando as três principais formas pelas quais Machado de Assis se refere à Rua do Ouvidor, demonstrando pontos em comum presentes nas publicações que compõem cada categoria e a recorrência dessas três formas de se referir à Ouvidor como uma característica da crônica machadiana.

#### 3.1 Quantificando a geografia machadiana

Machado de Assis escreveu suas crônicas em distintos jornais e revistas cariocas durante o período compreendido entre 1859 e 1900, totalizando 473 crônicas ao longo desses 41 anos de publicações semanais. O autor escreveu sobre o cotidiano da cidade do Rio de Janeiro, então capital federal, relatando e opinando a respeito de discussões travadas na câmara e no senado<sup>67</sup>, como aqueles referentes

---

<sup>67</sup> Como exemplo, cito trecho da crônica publicada no *Diário do Rio de Janeiro* em 07/08/1864 em que Machado faz referência a uma discussão travada do senado: “...faz-me lembrar uma célebre discussão havida este ano no senado, em que tomaram parte alguns ministros, -sobre se o governo acreditava ou não na Providência, - o que, seja dito entre parênteses, não fez crescer mais um bago de café, nem melhorou as condições da liberdade individual...” (ASSIS, 1864).

a intervenções urbanísticas<sup>68</sup>, ou até mesmo os que tratavam seus problemas urbanos<sup>69</sup> e fatos cotidianos ocorridos na cidade, sabidos ou vivenciados por ele.

No quadro abaixo, podemos observar a cronologia da atuação de Machado de Assis nesses diferentes veículos de comunicação, assim como as séries de crônicas neles publicadas e o total de crônicas que compõem essas séries. Destaca-se a longa permanência do autor no jornal *Gazeta de Notícias* no período 1892-1900, na qual publicou a maior parte - quase metade - de suas crônicas.

---

<sup>68</sup> Além de abordar intervenções urbanas concretas como na crônica em que aborda a derrubada do cortiço Cabeça de Porco (*Gazeta de Notícias*, 29/01/1893) e de intenções urbanísticas como o alargamento da Rua do Ouvidor (*Gazeta de Notícias*, 13/08/1893), como veremos adiante, Machado se presta a elucubrar acerca de projetos imaginários, como ocorre na crônica publicada na *Gazeta de Notícias* em 28/08/1894, na qual o autor explica não ser contra o aterro da Baía de Guanabara que, conforme ironicamente propõe, teria grandes vantagens para a cidade do Rio de Janeiro: “Entre parêntesis, não se pense que sou oposto a qualquer ideia de aterrar parte da nossa baía. Sou de opinião que temos baía de mais. O nosso comércio marítimo é vasto e numeroso, mas este porto comporta mil vezes mais navios dos que entram aqui, carregam e descarregam, e para que há de ficar inútil uma parte do mar? Calculemos que se aterrava metade dele; era o mesmo que alargar a cidade. Ruas novas, casas e casas, tudo isso rendia mais que a simples vista da água movediça e sem préstimo. As ruas podiam ser de dois modos, ou estreitas, para se alargarem daqui a anos, mediante uma boa lei de desapropriação, ou já largas, para evitar fadigas ulteriores. Eu adotaria o segundo alvitre, mas por uma razão oposta, para estreitar as ruas, mais tarde, quando a população crescesse. É bom ir pensando no futuro. Telegramas de S. Paulo dizem que foram edificadas naquela cidade, nos últimos seis meses, mais de quatrocentas casas; naturalmente, havia espaço para elas. Não o havendo aqui, força é prevê-lo.” (ASSIS, 1894).

<sup>69</sup> Como exemplo, cito trecho da crônica publicada na *Gazeta de Notícias*, em 28/04/1895, quando Machado de Assis narrou a ocorrência de uma forte chuva na cidade e os transtornos por ela causados, vivenciados por ele: “Que dilúvio, Deus de Noé! Escrevo esta semana dentro de uma arca, esperando acabá-la, quando as águas todas houverem desaparecido. Caso fiquem, e não cessem de cair outras, concluí-la-ei aqui mesmo, e mandá-la-ei por um pombo correio. A arca é um bond. Noé é um Noé deste século industrial; leva-nos pagando. Fala espanhol, que é com certeza a língua dos primeiros homens. A princípio não tive medo; cuidei que eram dessas chuvas que passam logo. Quando, porém, os elementos se desencadearam deveras, e as ruas ficaram rios, as praças mares, então supus que realmente era o fim dos tempos. As árvores retorciam-se, os chapéus voavam, toalhas de água entravam pelas casas, outras desciam dos morros, cor de barro. Carro nem tílburí disponíveis. Algum veículo particular que aparecia, ou levava o dono, ou esperava por ele. Bonds apenas, mas poucos, alagados, sem horário, quase sem cortinas. Entramos alguns em um, e o bond começou, não a andar, mas a boiar, boiou a noite inteira, ainda agora bóia.” (ASSIS, 1895)

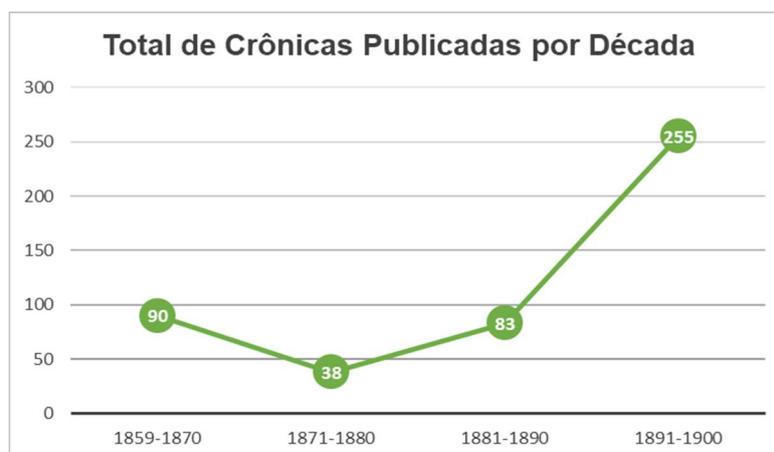
Quadro 3 - As crônicas de Machado de Assis na Imprensa Carioca

Veículo	Série de Crônicas	Período	Total de Crônicas Publicadas
Diário do Rio de Janeiro	Comentários da semana	1861-1962	16
Semana Ilustrada	Crônicas do Dr. Semana	1861-1864	27
O Futuro	Crônicas	1862-1863	16
Diário do Rio de Janeiro	Ao Acaso	1864-1865	38
Diário do Rio de Janeiro	Cartas Fluminenses	1867	2
Semana Ilustrada	Badaladas	1871-1873	11
Ilustração Brasileira	História de Quinze Dias	1876-1878	16
Ilustração Brasileira	História dos Trinta Dias	1878	3
O Cruzeiro	Notas semanais	1878	7
Gazeta de Notícias	Balas de Estalo	1883-1886	51
Gazeta de Notícias	Bons Dias!	1888-1889	28
Gazeta de Notícias	A Semana	1892-1900	246
Correio Mercantil	O jornal e o livro	10/01/1859 e 12/01/1859)	2
O Espelho	A Reforma pelo jornal	13/10/1859	1
O Espelho	Aquarelas	11/09/1859 a 30/10/1859	4
Semana Ilustrada	O Visconde de Castilho	04/07/1875	1
A Estação	Cherchez la femme	15/08/1881	1
Revista Literária	José de Alencar	05/12/1883	1
Gazeta de Notícias	Joaquim Serra	05/11/1888	1
Gazeta de Notícias	O futuro dos argentinos	09/07/1888	1
Páginas Recolhidas	Entre 1892 e 1894	1906	6
O Álbum	Henrique Chaves	20/05/1893	1
A Estação	Henrique Lombaerts	15/07/1897	1
Revista Brasileira	O Velho Senado	1898	1

Elaborado pela autora, 2020.

Ao longo das quatro décadas em que Machado de Assis atuou como cronista, destaca-se a concentração de sua produção no período compreendido entre 1891 e 1900, quando o autor publicou mais da metade de suas crônicas, conforme pode ser observado no gráfico abaixo:

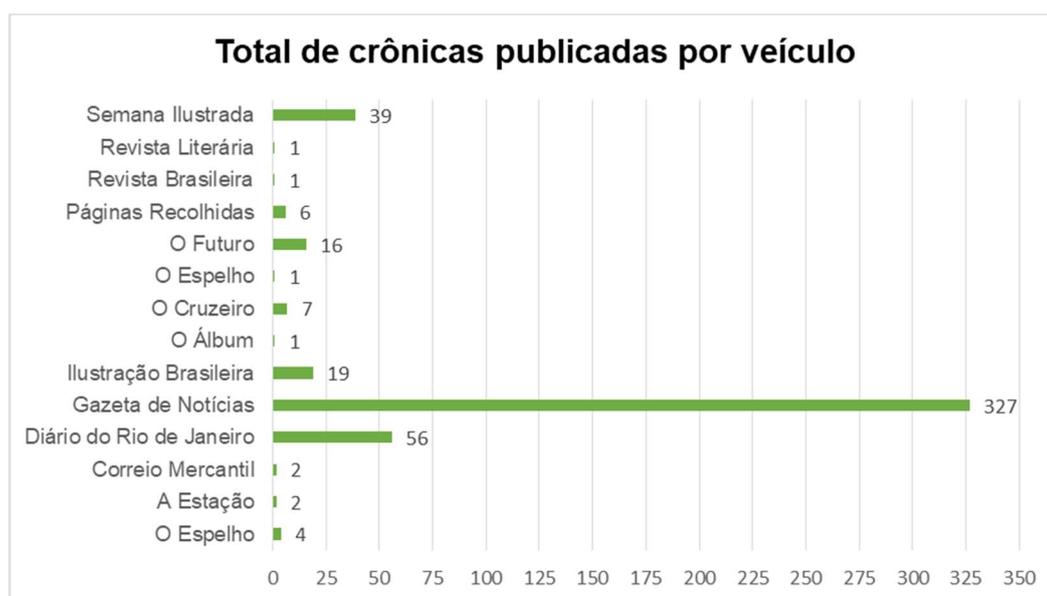
Gráfico 3 - Total de crônicas publicadas por década



Elaborado pela autora, 2023.

A alta produtividade da década de 1890 coincide com o período em que Machado de Assis publicou a série de crônicas *A semana*, na *Gazeta de Notícias*, periódico responsável por mais da metade da publicação das crônicas machadianas. Sua atuação neste veículo excede muito àquela verificada em outros jornais, conforme podemos observar no gráfico abaixo:

Gráfico 4 - Total de crônicas publicadas por veículo



Elaborado pela autora, 2023.

Ao contar ao leitor os últimos acontecimentos da cidade e do país, a narrativa machadiana passa pela Rua do Ouvidor, logradouro de presença constante e expressiva na crônica machadiana, citada pelo mesmo 83 vezes em 63 diferentes publicações ao longo de seu ofício de cronista.

Em estudo anterior (CARVALHO, 2013;2016), defendemos a Rua do Ouvidor enquanto um lugar machadiano a partir da análise da crônica publicada em 13 de agosto de 1893<sup>70</sup> na *Gazeta de Notícias*, na qual identificamos haver uma relação de pertencimento e afetividade de Machado de Assis com a Ouvidor, expressos no repúdio do autor a um possível alargamento da rua. Tal intervenção está inserida no contexto de remodelação da área central da cidade proposto pelo primeiro relatório da Comissão de Melhoramentos da Cidade do Rio de Janeiro, de 1875 (ABREU, 2008).

<sup>70</sup> Esta crônica integra o conjunto de crônicas a serem analisadas na categoria *Reflexo*.

A partir dessa relação inicial da crônica machadiana com a geografia por meio do conceito de lugar (CARVALHO, 2013; 2016), tornou-se imperativo dar continuidade à investigação, perseguindo o objetivo de verificar como a Rua do Ouvidor é retratada por Machado de Assis em outras crônicas, partindo do pressuposto de ser a Rua do Ouvidor um lugar machadiano, tendo em vista sua expressiva presença nesses escritos. Assim, optamos por analisar nesta pesquisa trechos das crônicas nas quais a Rua do Ouvidor é citada por Machado de Assis, ou seja, considerando o conjunto de 63 do total de 473 crônicas que compõem sua obra. Deste modo, serão consideradas crônicas de todas as fases do Machado de Assis cronista, não considerando apenas uma fase, veículo ou série de crônicas escrita pelo autor. Como a primeira crônica a ser analisada data de 1861, e a última, de 1897, podemos considerar que o recorte temático perpassa toda a trajetória do Machado cronista, sendo, portanto, representativo do seu conjunto de crônicas.

No quadro abaixo, é apresentado o universo de análise da pesquisa no qual estão relacionadas as 63 crônicas em que figura a Rua do Ouvidor. No quadro estão dispostas a data de publicação, o título da crônica - quando houver -, a série de crônicas a qual pertence, o veículo no qual a crônica foi publicada e as ocorrências, que se referem ao número de citações à Rua do Ouvidor em uma mesma crônica.

Quadro 4 - A Rua do Ouvidor nas crônicas machadianas

Data	Título	Série de Crônicas	Veículo	Ocorrências
29/12/1861	Créditos extraordinários - Scoevola - O doutor Penna em Missão - Cinna - O ano novo	Comentários da semana	Diário do Rio de Janeiro	1
27/07/1862	Preleções de Gramática: Prólogo, cavaco ou advertência	Crônicas do Dr. Semana	Semana ilustrada	1
15/03/1863	Parte Forense	Crônicas do Dr. Semana	Semana ilustrada	1
08/05/1864	Correio da Semana Ilustrada	Crônicas do Dr. Semana	Semana ilustrada	1
25/07/1864	-	Ao Acaso	Diário do Rio de Janeiro	1
01/08/1864	-	Ao Acaso	Diário do Rio de Janeiro	1
05/03/1867	À opinião pública	Cartas Fluminenses	Diário do Rio de Janeiro	1
15/02/1877	-	História de Quinze Dias	Ilustração Brasileira	1
15/03/1877	-	História de Quinze Dias	Ilustração Brasileira	1
15/06/1877	-	História de Quinze Dias	Ilustração Brasileira	1
01/12/1877	IV	História de Quinze Dias	Ilustração Brasileira	1
01/01/1878	II	História de Quinze Dias	Ilustração Brasileira	1
fev 1878	V	História de Trinta Dias	Ilustração Brasileira	1
04/08/1878	I	Notas semanais	O Cruzeiro	1
04/08/1878	IV	Notas semanais	O Cruzeiro	1
11/08/1878	V	Notas semanais	O Cruzeiro	1
22/07/1883	-	Balas de Estalo	Gazeta de Notícias	1
16/10/1883	-	Balas de Estalo	Gazeta de Notícias	2
24/11/1883	-	Balas de Estalo	Gazeta de Notícias	1
30/01/1885	-	Balas de Estalo	Gazeta de Notícias	1
26/06/1885	-	Balas de Estalo	Gazeta de Notícias	1
19/07/1885	-	Balas de Estalo	Gazeta de Notícias	2
06/11/1885	-	Balas de Estalo	Gazeta de Notícias	1
13/01/1889	-	Bons Dias!	Gazeta de Notícias	1
21/01/1889	-	Bons Dias!	Gazeta de Notícias	1
15/05/1892	-	A Semana	Gazeta de Notícias	1
29/05/1892	-	A Semana	Gazeta de Notícias	1
13/11/1892	-	A Semana	Gazeta de Notícias	1
18/12/1892	-	A Semana	Gazeta de Notícias	1
22/01/1893	-	A Semana	Gazeta de Notícias	3
29/01/1893	-	A Semana	Gazeta de Notícias	2
12/03/1893	-	A Semana	Gazeta de Notícias	1
16/04/1893	-	A Semana	Gazeta de Notícias	1
23/04/1893	-	A Semana	Gazeta de Notícias	1
21/05/1893	-	A Semana	Gazeta de Notícias	2
28/05/1893	-	A Semana	Gazeta de Notícias	1
02/07/1893	-	A Semana	Gazeta de Notícias	2
06/08/1893	-	A Semana	Gazeta de Notícias	1
13/08/1893	-	A Semana	Gazeta de Notícias	4
27/08/1893	-	A Semana	Gazeta de Notícias	3
17/09/1893	-	A Semana	Gazeta de Notícias	1
01/10/1893	-	A Semana	Gazeta de Notícias	1
08/10/1893	-	A Semana	Gazeta de Notícias	2
05/11/1893	-	A Semana	Gazeta de Notícias	2
07/01/1894	-	A Semana	Gazeta de Notícias	1
11/02/1894	-	A Semana	Gazeta de Notícias	1
25/03/1894	-	A Semana	Gazeta de Notícias	1
01/07/1894	-	A Semana	Gazeta de Notícias	1
28/08/1894	-	A Semana	Gazeta de Notícias	1
03/03/1895	-	A Semana	Gazeta de Notícias	1
14/07/1895	-	A Semana	Gazeta de Notícias	1
15/09/1895	-	A Semana	Gazeta de Notícias	2
22/09/1895	-	A Semana	Gazeta de Notícias	1
10/11/1895	-	A Semana	Gazeta de Notícias	2
15/12/1895	-	A Semana	Gazeta de Notícias	1
24/05/1896	-	A Semana	Gazeta de Notícias	2
07/06/1896	-	A Semana	Gazeta de Notícias	1
14/06/1896	-	A Semana	Gazeta de Notícias	2
01/11/1896	-	A Semana	Gazeta de Notícias	1
15/11/1896	-	A Semana	Gazeta de Notícias	1
06/12/1896	-	A Semana	Gazeta de Notícias	3
14/02/1897	-	A Semana	Gazeta de Notícias	1
21/02/1897	-	A Semana	Gazeta de Notícias	1

Elaborado pela autora, 2020.

Devido ao fato de ser a obra machadiana de domínio público, há diversas edições de suas crônicas em meio impresso, como também em meio digital; além das edições de jornal nas quais as crônicas foram publicadas estarem disponíveis *on-line* no acervo da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Utilizamos como base para a leitura e análise das crônicas uma compilação editada por um aplicativo de leitura de livros digitais, já que sua ferramenta de buscas facilita o manuseio do material em questão. Paralelamente, utilizamos a edição comentada por John Gledson (1996) – que abrange os primeiros dois anos da série *A Semana* – como apoio para subsidiar a análise das crônicas do referido período, assim como leituras e interpretações de outras fontes que se demonstrem pertinentes e contribuam para a nossa investigação dos conteúdos contidos nas crônicas machadianas. A partir da definição do grupo de crônicas a serem analisadas por esta pesquisa, demos início à análise de conteúdo das publicações em questão. Antes de expor os resultados obtidos através dessa metodologia, cabe uma breve explanação acerca da mesma.

De acordo com Bauer (2008), “os textos, do mesmo modo que as falas, referem-se aos pensamentos, sentimentos, memórias, planos e discussões das pessoas, e algumas vezes nos dizem mais do que seus autores imaginam” (BAUER, 2008, p. 189). Nesse sentido, por meio da análise de conteúdo das crônicas de Machado de Assis, buscamos compreender sua visão e sentimentos em relação à Rua do Ouvidor, justamente por considerar que essas publicações têm muito a dizer da relação do autor com a rua, na medida em que a Ouvidor é citada nas crônicas no contexto das vivências machadianas na cidade.

Enquanto método, a análise de conteúdo consiste em uma forma de analisar um grande volume de dados, podendo ser informatizado ou não. Apesar de estar frequentemente associada à quantificação de dados, a análise de conteúdo é um método que envolve tanto a análise quantitativa quanto a qualitativa, no qual a definição das categorias de análise é realizada pelo pesquisador, a partir dos objetivos definidos por este. De acordo com Bauer (2008),

A análise de conteúdo é apenas um método de análise de texto desenvolvido dentro das ciências sociais empíricas. Embora a maior parte das análises clássicas de conteúdo culminem em descrições numéricas de algumas características do *corpus* do texto, considerável atenção está sendo dada aos ‘tipos’, ‘qualidades’, e ‘distinções’ no texto, antes que qualquer quantificação seja feita. Deste modo, a análise de texto faz uma ponte entre um formalismo estatístico e a análise qualitativa dos materiais. No divisor quantidade/qualidade das ciências sociais, a análise de conteúdo é uma

técnica híbrida que pode mediar esta improdutiva discussão sobre virtudes e métodos. (BAUER, 2008, p. 190)

A definição da análise de conteúdo como uma técnica híbrida é muito pertinente ao entendimento da Rua do Ouvidor na crônica machadiana, na medida em que a separação das crônicas em categorias nos permite analisar a distribuição das crônicas nesses agrupamentos, possibilitando comparações quantitativas entre as categorias. Ao mesmo tempo, a definição das categorias em si é qualitativa, já que, ao definir a categoria de análise na qual a crônica está inserida, são consideradas as qualidades atribuídas por Machado à Rua do Ouvidor.

A análise de conteúdo representa uma forma de interpretar o texto por meio do filtro da pesquisadora, que escrutina sua fonte a partir do seu desdobramento em distintas categorias de análise, criteriosamente definidas. Os resultados obtidos através desse método não se desdobram em uma única e válida leitura possível, uma vez que todo o percurso de construção da análise é centrado nos objetivos da pesquisadora, que partem de categorias analíticas criadas por ela. Sendo assim, a análise de conteúdo consiste em um modo de interpretar, em uma leitura possível do *corpus* empírico analisado. Dessa forma, Bauer (2008) ressalta que a análise de conteúdo:

Não sugere uma leitura válida singular dos textos. Pelo contrário, a codificação irreversível de um texto o transforma, a fim de criar nova informação desse texto. Não é possível reconstruir o texto original uma vez codificado; a irreversibilidade é o custo de uma nova informação. A validade da análise de conteúdo deve ser julgada não contra uma 'leitura verdadeira' do texto, mas em termos de sua fundamentação nos materiais pesquisados e sua congruência com a teoria do pesquisador, e à luz de seu objetivo de pesquisa (BAUER, 2008, p. 191).

A interpretação produzida a partir da análise de conteúdos aplicada às crônicas de Machado de Assis sobre a Rua do Ouvidor corresponde a uma leitura possível das crônicas machadianas, não possuindo a pretensão de revelar exatamente o que o autor quis dizer; configurando, portanto, um desdobramento, uma forma de ver e interpretar o texto a partir das categorias de análise utilizadas na pesquisa.

Rose (2001), ao ponderar sobre a utilização da análise de conteúdo para a interpretação de imagens<sup>71</sup>, ressalta o caráter interpretativo e a importância das análises qualitativas quando do uso desse método:

Essa análise de conteúdo é uma técnica cujos resultados precisam ser interpretados por meio da compreensão de como os códigos em uma imagem se conectam ao contexto mais amplo no qual essa imagem faz sentido. Fazer isso requer não apenas habilidades quantitativas, mas também qualitativas. Mesmo um defensor da análise quantitativa e informatizada do conteúdo, como Robert Weber (1990: 69), precisa reconhecer que 'tempo, esforço, habilidade e arte são necessários para produzir resultados, interpretações e explicações válidas e teoricamente interessantes' (ROSE, 2001, p. 65-66)

Buscando aplicar as ideias de Bauer (2008) e Rose (2001) à análise de conteúdo das crônicas de Machado de Assis, a presente pesquisa necessitou de uma caracterização minuciosa do conteúdo das crônicas. A categorização das crônicas ocorreu em duas etapas. Em uma análise preliminar, tivemos como resultado a definição de doze categorias, sendo onze categorias gerais e uma categoria, intitulada "tipos de afetividade", subdividida em outras sete subcategorias, número que se mostrou de difícil manejo na análise, considerando o total de crônicas analisadas (Quadro 5). Nessa primeira etapa, algumas crônicas foram inseridas em mais de uma categoria de análise, o que não representa um problema metodológico, conforme exposto por Bauer (2008). No entanto, essa estratégia que em um primeiro momento se mostrou como uma solução precisou ser reavaliada posteriormente, para melhor visualização e análise, tanto qualitativa como quantitativa das crônicas.

---

<sup>71</sup> Muito embora Rose (2001) se refira às imagens em seu trabalho, sua discussão sobre o método de análise de conteúdo pode ser apropriada para pesquisas sobre texto.

Quadro 5 - Ex-categorias ou primeira fase da análise de conteúdos

<b>Categorias</b>	<b>Descrição da Categoria</b>	<b>Nº Ocorrências</b>
1	Descrição de atividades ou serviços prestados na Rua do Ouvidor/potencial comercial	12
2	Lugar para passear/entretenimento	11
3	Vitrine comportamental da elite carioca	4
4	Descrição de aspectos físicos da rua	5
5	Afetividade	18
6	Lugar de vanguarda e transformação	5
7	Lugar de circulação/aquisição/propagação de notícias	12
8	Centralidade (rever categoria)	4
9	Rua do Ouvidor como cenário de fatos cotidianos/cenário da crônica	14
10	Outros	2
11	Sinédoque	1
<b>Categorias</b>	<b>Tipos de Afetividade</b>	
	Rua Personificada	3
	Memória afetiva	3
	lugar onde se quer estar ou do qual sente saudades quando privado	3
	Pertencimento	5
	Rua pulsante, cheia de vida. Onde a vida acontece, pulsa.	2
	Rua do boato, do encontro, do contiguidade	8
	Sinédoque	4

Elaborado pela autora, 2020.

Em uma segunda etapa da análise de conteúdo, no debruçar sobre as categorias já criadas a fim de aprimorá-las, buscamos reagrupar as categorias de análise optando pela classificação das crônicas em apenas uma categoria, o que culminou numa redução significativa da quantidade de subdivisões e do número de crônicas por categoria, contribuindo para um melhor entendimento da representação da Rua do Ouvidor na crônica machadiana. Nesse exercício, foi observada a existência de diferenças muito sutis entre as categorias previamente estabelecidas, o que resultou na fusão de algumas delas e, conseqüentemente, redução do número de categorias, que foram sendo criadas, alteradas e repensadas ao longo da análise de conteúdo. Em decorrência do refinamento e evolução da pesquisa, ficaram estabelecidas três categorias de análise nas quais as crônicas foram agrupadas, a saber: *Vitrine*, *Janela* e *Reflexo*. Como resultado, a distribuição das crônicas nas categorias ficou da maneira exposta no quadro a seguir:

Quadro 6 - Categorias de Análise da Crônica Machadiana

<b>Classificação</b>	<b>Categorias Gerais</b>	<b>Nº Ocorrências</b>
1	Vitrine	23
2	Janela	23
3	Reflexo	17

Elaborado pela autora, 2020

Cumpra agora explicar o sentido das três categorias remanescentes para nossa análise. A categoria *Vitrine* reúne as crônicas nas quais Machado de Assis destaca a Rua do Ouvidor como o principal centro comercial da cidade e, como consequência, sua centralidade na vida social carioca de então. Nas crônicas agrupadas nesta categoria, Machado cita, descreve e exalta os serviços e produtos encontrados nas lojas da Rua do Ouvidor, em grande parte novidades vindas da Europa e somente encontradas no Rio de Janeiro neste logradouro. Além de se referir aos refinados catálogos das lojas da Ouvidor, Machado a destaca como uma espécie de “loja única”, que atraía a população de toda a cidade para olhar suas vitrines e desfilarem pela rua a exibir os produtos ali adquiridos, expressos em suas vestimentas e costumes afrancesados. Deste modo, esta categoria reúne as crônicas que tratam não só dos aspectos materiais da Ouvidor como uma vitrine comercial, mas também de seu aspecto simbólico, na medida em que a rua se configura como a vitrine da sociedade fluminense, um lugar para ver e ser visto.

A categoria *Janela* reúne os trechos de crônicas nos quais Machado cita fatos cotidianos ocorridos na Ouvidor, além de acontecimentos sabidos por ele em suas andanças na rua. Ao narrar o transcorrer do cotidiano da cidade nas crônicas aqui agrupadas, Machado o faz através da Ouvidor, janela pela qual observa o mundo. Assim, em *Janela* analisamos a Rua do Ouvidor nas crônicas machadianas através do que o autor denomina “solturas da Ouvidor”, que dizem respeito ao que é falado, ouvido e reproduzido no logradouro, notícias e causos com os quais Machado se depara e observa, frequentemente, em seu flunar pela rua.

A categoria *Reflexo* abraça as crônicas nas quais Machado de Assis se refere à Rua do Ouvidor de forma mais explicitamente afetiva, personificando-a como a rua do boato, característica associada à sua morfologia, como será visto adiante. Nesta categoria, a Rua do Ouvidor é entendida como lar e como lugar para Machado de Assis, reunindo crônicas nas quais o autor demonstra sua preocupação com a integridade da rua e a defende de possíveis projetos que visam à alteração de sua morfologia, que teriam como consequência a extinção da Ouvidor tal qual aprecia Machado.

Ao fim e ao cabo, podemos considerar que em *Vitrine*, Machado de Assis desempenha um papel de divulgador do logradouro em tela, enquanto em *Janela* se o autor coloca como seu espectador, ao passo que, em *Reflexo*, o bruxo do Cosme Velho se revela patrono e protetor da Rua do Ouvidor.

### 3.2 Qualificando a geografia machadiana

Em *Meia noite em Paris*, filme de 2011 escrito e dirigido por Woody Allen, o personagem principal, interpretado pelo ator Owen Wilson, viaja para Paris com o objetivo de se inspirar para a escrita de seu novo livro. Uma vez na Cidade Luz, a inspiração não é automática: a Paris de seu tempo não o inspira tanto quanto àquela conhecida através dos livros. Assim, em uma noite qualquer, ao flunar pelas ruas de Paris, o personagem se depara com uma carruagem e um convite a adentrá-la. A partir desse momento, o personagem passa a ter em mãos o passaporte para transitar por diferentes tempos históricos, entre eles, o que pode ser considerado a Era de Ouro da cidade parisiense: a *Belle Époque*.

Essa viagem no tempo permite que o protagonista frequente os lugares vividos e se sente à mesa com suas principais referências artísticas, entre eles literatos, editores influentes, pintores, atrizes, além de outros ícones que se encontravam naquele momento na vanguarda de seu tempo.

Assim como a Paris da *Belle Époque* possuía seus expoentes e influenciou de forma revolucionária períodos posteriores, o Rio de Janeiro da *Belle Époque* também possuía os seus; pessoas que pensavam e escreviam sobre o seu tempo, também com um quê vanguardista. Dentre eles, Machado de Assis, cronista da cidade, que escrevia, via, vivia e pensava a cidade tendo como lente a Rua do Ouvidor.

Nas crônicas escritas por Machado de Assis, a Rua do Ouvidor é uma presença constante. Como mencionado anteriormente, considerando um total de 493 crônicas publicadas no período compreendido entre 1859 e 1900, o logradouro é citado pelo autor em 83 oportunidades, ao longo de 63 publicações.

Machado de Assis se refere à Ouvidor ora de forma explicitamente afetiva, ora de maneira casual, em princípio sem um motivo aparente, de forma quase inconsciente, como um hábito adquirido. Digo quase, pois a rua possuía um protagonismo frente às outras no contexto da cidade à época, além de se fazer presente no cotidiano expresso na vida e na obra do autor, não sendo, como veremos adiante, para este somente uma rua de passagem como as demais. Essa peculiaridade decorre do fato de a Ouvidor ter se configurado como a principal rua do Rio de Janeiro do século XIX, seja do ponto de vista econômico, político ou cultural (COHEN, 2001).

As crônicas refletem a experiência machadiana na cidade, a partir do olhar de um personagem arquetípico do Rio do século XIX - também presente em Paris -, o *Flâneur*. Ao caminhar pela cidade e ter sua vida atravessada pelos fatos cotidianos, por vezes como espectador e outras como protagonista, Machado imprime em seus escritos as percepções de uma pessoa do seu tempo, de um homem do seu tempo. No entanto, vale ressaltar que o prisma pelo qual o bruxo do Cosme Velho analisa a cidade está relacionado com sua origem, sua formação intelectual e a classe social à qual pertence. Apesar de sua origem humilde, Machado teve oportunidades de ascensão social e recebeu boa educação, como verificado no capítulo anterior. Integrante e representante da elite intelectual fluminense e brasileira, o autor frequentava a “alta roda” do Rio de Janeiro. Deste modo, os lugares por ele vividos e a forma como o autor a eles se refere em suas crônicas estão relacionados com sua posição e situação no mundo.

O contexto de transformação vivido na e pela cidade naquele período é outro aspecto a ser considerado com relação à experiência machadiana registrada em suas crônicas. Como bem retratado na historiografia urbana da cidade, o Rio de Janeiro da segunda metade do século XIX passou por consideráveis transformações estéticas, sociais, políticas e econômicas. Machado estava diante de importantes mudanças, que traziam em seu bojo uma série de contradições que o inquietava, além de particularidades que o instigavam, curiosidades que o moviam, e que o impeliam a narrá-las. Assim, o contexto da cidade a seu tempo representa não só ingrediente, como também combustível para a redação das crônicas, nas quais o seu cotidiano acabava por saltar para as páginas dos jornais.

A presença dos movimentos da rua - vividos, vistos, ouvidos, percebidos e imaginados por Machado - é uma característica a ser considerada ao analisar as crônicas machadianas. A geograficidade desses escritos está também na capacidade do autor transpor os movimentos da cidade, capturando seu espírito e seu ritmo. Ao construir seu retrato do Rio de Janeiro - mais precisamente, da Rua do Ouvidor - de então, Machado ajudou a construir um imaginário geográfico da cidade e da Ouvidor.

A rua tem a ver com movimento. Em sua origem, a rua é feita para a passagem. É uma ode ao fluxo: um vai-e-vem de mercadorias, pessoas, gentes, trabalhadores e trabalhadoras que apenas a atravessam para chegar em outras partes da cidade, ou pessoas que têm a Ouvidor como destino final. Ao mesmo tempo, quem vai à Ouvidor em busca de algum produto ou serviço escolhe um estabelecimento. Veja: a palavra

“estabelecimento” está relacionada com algo que está estabelecido, portanto, fixo. De acordo com o geógrafo Milton Santos, o espaço é constituído por fixos e fluxos interagindo entre si (SANTOS, 1996). Desta forma, podemos considerar que as lojas da Ouvidor são fixos que possuem papel fundamental para ditar/regular o movimento na e para a rua.

Dotada de lojas onde são encontrados artigos que não existem em outras ruas, a Ouvidor é a confluência dos consumidores da cidade. Sua reconhecida centralidade interfere não só no seu ritmo, como também na concentração de pessoas ao longo de seu traçado, oriundas de diversas partes da cidade, que chegam caminhando ou transportadas pelos bondes.

Inerente à rua, o movimento diz respeito não só a sua dinâmica comercial ou a seu fluxo de gentes. Refere-se também a um movimento no tempo. Este é percebido a partir da chegada e partida de modas e influências culturais observáveis na rua. Como exemplo, temos o afrancesamento dos costumes, identificável e sentido na Rua do Ouvidor. As transformações pelas quais passava a cidade à época de Machado também podem ser tomadas como exemplo desse movimento no tempo, já que representam o abandono do velho para assumir o novo, do que existe pelo porvir.

Se o movimento é importante, a pausa há que ser também considerada. Apesar de estarem em contraposição, são complementares, na medida em que um não existe sem o outro. A rua se constitui de movimento e pausa, expressos pelo ir e vir; pelo estar; permanecer; estar só de passagem e ser forçado a parar para olhar suas vitrines; pelo breque proporcionado pelo encontro ocasional de um conhecido; pela pausa intencional, seja para adquirir um produto rapidamente ou para permanecer em um dos seus estabelecimentos por um tempo mais prolongado. A pausa permite a observação mais atenta do entorno, dos múltiplos movimentos a ocorrer concomitantemente na rua.

Enquanto Santos (1996) aborda o movimento em seu conceito de espaço através da relação entre fixos e fluxos, o geógrafo Yi-fu Tuan desenvolve o seu conceito de lugar a partir da contraposição entre movimento e pausa. Para ele, “lugar é uma pausa no movimento (...) A pausa permite que uma localidade se torne um centro de reconhecido valor” (TUAN, 1983, p. 153).

É nessa relação entre pausa e movimento, vivência e observação que analisamos a relação de Machado com a Ouvidor. Sentado em seu gabinete localizado neste endereço, ou em sua cadeira cativa na livraria Garnier, Machado,

durante as pausas de seu *flânerie*, lê os movimentos e pausas da Rua do Ouvidor de seu tempo. Mas, ao narrá-la, está nela: “a vida é vivida e não é um desfile do qual nos mantemos à parte e simplesmente observamos” (TUAN, 1983, p. 161). Lá está Machado a observar os movimentos da Ouvidor, sentindo o cheiro dos livros da Livraria Garnier, o perfume da moça que passa, o cheiro dos charutos dos cavalheiros a sua época, o gosto do café e dividindo a mesa, a vida e a experiência na rua com seus amigos literatos e com desconhecidos que porventura estejam a propagar notícias ou boatos.

Enquanto gasta a sola dos sapatos, na sua condição de *Flâneur*, Machado constrói sua percepção do cotidiano da cidade a partir da Rua do Ouvidor, tecendo e aprofundando sua relação afetiva com este logradouro, entre pausas e movimentos. Ao transpor esse misto de observação, projeção e vivência para suas crônicas, Machado se refere à Rua do Ouvidor de três principais formas, por nós denominadas *Vitrine*, *Janela* e *Reflexo*, que passamos a explorar a seguir.

### 3.2.1 Vitrine

Em princípio, uma vitrine é um mostruário, no qual são expostos produtos a serem comercializados. A característica que diferencia a vitrine de outros tipos de mostruários é a presença de um painel de vidro - o termo inclusive vem do latim *vitrum* -, através do qual pode-se observar os artigos ali expostos. Ao selecionar os produtos para compor sua vitrine, o comerciante busca atrair o cliente: uma boa vitrine deve chamar a atenção a ponto de fazê-lo parar, contemplar e desejar um objeto. A vitrine, então, pode simbolizar os desejos de um determinado período, e seu acesso é direcionado a uma parcela específica da sociedade.

Ao romper a barreira da vitrine e adentrar à loja, consumindo o objeto de desejo, o cliente deixa de ser apenas consumidor e passa a também a fazer parte da vitrine. Agora, pode flunar pela cidade exibindo sua nova aquisição, inspirando o desejo de terceiros: aderindo, reforçando, movimentando as tendências culturais de seu tempo.

A vitrine também possui dois lados: o que se deseja mostrar e o que se deseja esconder. Tudo o que não é exposto é intencionalmente escondido e, logo, não é

visto. Sendo a Rua do Ouvidor uma “espécie de loja única” (ASSIS, 1893)<sup>72</sup>, por se tratar da principal rua comercial do século XIX na cidade do Rio de Janeiro, o que se vê e o que é mostrado nesse logradouro tem como referência um discurso: o de transformar o Rio de Janeiro na “Paris dos trópicos”. Imbuída no esforço de equiparação com a cidade francesa, nesta rua se concentra o que há de mais moderno, abrigando as novidades vindas da Europa e o que é moda em Paris. Concentra também os principais serviços, exercendo sua centralidade em relação ao restante da cidade. Mas sua outra face está em esconder suas mazelas, repelir a pobreza, seus usos populares, os cortiços, as enfermidades e as desigualdades sociais - agravadas com a abolição da escravidão sem uma política de inserção das pessoas negras na sociedade.

À sua maneira, o Rio de Janeiro passa a representar para o Brasil o que Paris representa para o Rio de Janeiro, tendo a Rua do Ouvidor como vitrine. Essa vitrine não só se refere ao fato de esta rua se constituir como o principal ponto comercial da cidade: A Rua do Ouvidor era a vitrine da sociedade fluminense, ditando modas e costumes e comportamentos. Por ela mulheres e homens desfilavam suas roupas, seus chapéus, seus adereços e seus costumes afrancesados, exibindo seu poder aquisitivo e reforçando as relações de poder a seu tempo instituídas.

Quem chegava ao Brasil através do porto do Rio de Janeiro, logo chega à Rua do Ouvidor, que se configura como a porta de entrada de grande parte estrangeiros no país. A rua é, portanto, vitrine da cidade e do país, devendo causar uma boa impressão a quem chega, impressão essa aliada ao discurso do progresso, tendo Paris como referência e inspiração.

Destarte, podemos observar que a Rua do Ouvidor se configura vitrine na crônica machadiana sob dois diferentes aspectos. Primeiro, constitui-se como vitrine comercial do Rio de Janeiro, tendo sua dinâmica econômica e centralidade exaltadas por Machado. Segundo, constitui-se como vitrine da sociedade fluminense, ressaltando o autor os aspectos simbólicos da rua e sua influência na consolidação de um projeto de cidade, que passa pelo afrancesamento dos costumes e implementação de mudanças no cotidiano que vão ao encontro de um desejo de cidade, da cidade que se pretende, que se esforça em mostrar o que aparenta ser e esconde, varre para longe, as classes populares e seus “usos sujos” (ABREU, 2008).

---

<sup>72</sup> Gazeta de Notícias, 13/08/1893

A vocação comercial da Rua do Ouvidor não passa despercebida nas crônicas de Machado de Assis. O autor registrou nessas publicações semanais, ainda na década de 1860, a transformação e consolidação da Ouvidor como um importante polo comercial da cidade. Machado cita a transformação de casarios antigos em belos armazéns na Ouvidor, rua que caracteriza como “a mais faceira da cidade”, já demonstrando seu encantamento com a mesma:

A casa misteriosa da rua do Ouvidor nº 93 (...) na mais faceira rua da cidade, onde todos os dias as casas do tempo do onça se estão convertendo em belos armazéns de lantejoulas (ASSIS, 1864)<sup>73</sup>.

Ao comentar a vida cotidiana da cidade, o autor não se furta a atualizar seus leitores a respeito da diversidade e qualidade de produtos e serviços oferecidos na rua, onde de tudo se encontra: Machado recomenda a Ouvidor como uma opção de lazer, um lugar para passear com a família e adquirir presentes:

Em sinal de regozijo pela chegada do ano novo, aconselho aos pais, aos maridos, e... aos namorados, um passeio pela Rua do Ouvidor, onde encontrarão nos mostradores dos armazéns com que presentear as respectivas metades de suas almas."(ASSIS, 1861)<sup>74</sup>

Assíduo frequentador da Livraria Garnier, o bruxo do Cosme Velho aproveita a coluna de jornal que a ele compete para divulgar, em tom elogioso, o catálogo deste estabelecimento. O comentário acerca das novas aquisições da livraria remete à passagem do autor pela mesma, naquela ocasião. Já estando na Ouvidor, achou pertinente aproveitar a viagem e visitar outro estabelecimento da mesma rua que despertava sua curiosidade, do qual ouviu falar bem: “já que estou na Rua do Ouvidor podia ir mais adiante e entrar na casa do Pacheco. Dizem-me que há ali trabalhos daqueles que ele sabe fazer”; (ASSIS, 1864)<sup>75</sup>

Machado cita a Rua do Ouvidor ainda como um lugar para se apreciar arte, recomendando aos seus leitores a apreciação dos quadros expostos em uma galeria localizada na rua:

Por último direi que vão ver a galeria de quadros do Sr. Doré, à Rua do

---

<sup>73</sup> Semana Ilustrada, 08/05/1864

<sup>74</sup> Diário do Rio de Janeiro, 29/12/1861

<sup>75</sup> Diário do Rio de Janeiro, 01/08/1864

Ouvidor. Vi-a; tem quadros excelentes, paisagens, pinturas de gênero, históricas, etc., dispostos com arte e convidando os amadores. Entre nós há bons apreciadores da pintura. Devem ir à casa do Sr. Doré. Não se arrependem como eu me não arrependo. (ASSIS, 1877)<sup>76</sup>

Notemos que este último excerto data de mais de uma, quase duas décadas após a data inicial – 1861 – na qual Machado de Assis passou a pontuar em suas crônicas os atrativos localizados na Rua do Ouvidor. Este fato demonstra que, ao longo do tempo, o autor permaneceu não só frequentando a rua, como entusiasmado com as experiências que a rua lhe proporcionava, fosse do ponto de vista da comercialização ali de produtos refinados, novidades vindas da Europa e outros artigos que a ele interessavam, como também do ponto de vista cultural. A Rua do Ouvidor, para um homem das letras tal qual Machado, representava também um portal para o mundo, na medida em que era ali e não em outra parte da cidade, que Machado entrava em contato com suas inspirações de outros lugares do mundo e se conectava com outros pensadores do seu tempo: um livro recém chegado adquirido na Garnier, ou a exposição artística promovida pelo Sr. Doré fomentavam e contribuíam para aumentar a sua – já larga – percepção do mundo.

Por outro lado, ao mesmo tempo em que a Rua do Ouvidor possibilitava que Machado estendesse o seu olhar para fora, para outras culturas, era nesta rua que acontecia o carnaval. Manifestação cultural genuinamente brasileira, o fato de o carnaval ocorrer na Rua do Ouvidor a coloca como vitrine cultural das “coisas nossas”<sup>77</sup>, ainda que a sociedade à época buscasse um afrancesamento, como veremos mais adiante. De acordo com Machado, o carnaval da Rua do Ouvidor era uma unanimidade:

Tantas são as matérias em que andamos discordes, que é grande prazer achar uma em que tenhamos a mesma opinião. Essa matéria é o carnaval. Não dois pareceres; todos confessam que este ano foi brilhante, e a mais de um espírito azedo e difícil de contentar ouvi que a rua do Ouvidor esteve esplêndida (ASSIS, 1895)<sup>78</sup>

A realização do carnaval, a aquisição de algum produto ou a necessidade de

---

<sup>76</sup> Ilustração Brasileira, 15/06/1877

<sup>77</sup> Referência à canção “Cosa Nostra” de Erlon Chaves e sua Banda Veneno (1971).

<sup>78</sup> Gazeta de Notícias, 03/03/1895

contratação de algum serviço prestado na rua, como vimos, são alguns dos motivos arrolados por Machado para uma ida à Rua do Ouvidor. Mas não é imperativo que haja a necessidade de uma motivação para frequentar a rua: Para Machado, a Ouvidor é também um lugar para matar o tempo, para onde os fluxos da cidade se direcionam, ainda que sem uma razão aparente:

Velha imaginação, onde vais tu, pelos caminhos do sonho? Deixa os camelos e a sua carga, deixa o Egito, fecha as asas, abre os olhos, desce; esta é a Rua do Ouvidor, onde não se mata José nem chefia; mas unicamente o tempo, esse bom e mau amigo, que não tem pai, nem mãe, nem irmãos, e domina todo este mundo, desde antes de Jacó até Deus sabe quando. Para crônica, é pouco; mas para matar o tempo, sobra. (ASSIS, 1893)<sup>79</sup>

Machado advoga favoravelmente ao direito de matar o tempo na Ouvidor. Para ele, ganha-se muito estando na rua, ainda que inicialmente sem propósito. Um deputado, por exemplo, ao flunar pela Ouvidor não deixa de estar trabalhando, de acordo com o autor. Quando da polêmica a respeito da redução dos subsídios de um deputado que faltasse às sessões da Câmara, Machado comentou:

O fato de não ir à Câmara não quer dizer que não trata dos negócios públicos; em casa, pode fazer longos trabalhos e investigações. Será por andar algumas vezes na Rua do Ouvidor, ou algures? Mas quem ignora que o pensamento, obra secreta do cérebro, pode estar em ação em qualquer que seja o lugar do homem? A mais bela freguesa dos nossos armarinhos não pode impedir que eu, olhando para ela, resolva um problema de matemáticas. Arquimedes fez uma descoberta estando no banho. (ASSIS, 1883)<sup>80</sup>

Notícias sobre projetos de lei e fatos ocorridos na Câmara dos Deputados são comuns na crônica machadiana. Pelo fato de estar a Câmara localizada nos arredores da Rua do Ouvidor, não raro as notícias sobre política terminam citando a rua. No entanto, a relação entre a Câmara e a Ouvidor se dá mais pelo fato de esta ser a principal rua à sua época, exercendo sua centralidade também sobre a vida política da cidade, do que por mera proximidade.

Ao fazer a cobertura de determinada sessão da Câmara, que teria sido bastante longa, Machado narra que, ao chegarem os deputados à Rua do Ouvidor após o referido dia de trabalho, "tudo tinha ar de novo, de desconhecido, de outro

---

<sup>79</sup> Gazeta de Notícias, 12/03/1893

<sup>80</sup> Gazeta de Notícias, 22/07/1883

século" (Assis, 1877)<sup>81</sup>. Machado trata com naturalidade a ida de deputados para a Ouvidor, como um hábito rotineiro. Como verificamos no capítulo 1, é recorrente a utilização de aspectos geográficos da cidade na crônica machadiana para dar ao leitor uma ideia com relação à passagem do tempo ou acerca da duração de algum evento. Assim como na crônica que trouxemos à luz anteriormente<sup>82</sup> o autor se refere ao tempo e distância necessária a ser percorrida em uma viagem de bonde para a solução de uma questão, agora, para dar ao leitor a ideia de que a sessão teria sido demasiadamente longa, o autor recorre às supostas transformações geográficas que teriam ocorrido na Rua do Ouvidor enquanto as discussões na Câmara se alongavam. Por outro lado, a Ouvidor pode ser associada como um lugar que não permanece inalterado por muito tempo, ao contrário: configura-se como um lugar de vanguarda e transformação iminente, pela sua condição de principal rua da cidade na segunda metade do século XIX.

Em 1896 houve um levante na cidade de Manhuaçu (MG), no qual se autoproclamou um Estado independente do Brasil. Tratava-se de um conflito que feria a soberania nacional, cuja contenção necessitou da ação das forças federais. Ao comentar o fato em sua coluna semanal, Machado minimizou a gravidade do conflito, já que a rotina da principal rua da capital federal seguia como de costume. Nada mudou no cotidiano da Ouvidor, em especial em seu horário de maior movimentação: Os homens continuavam a observar as moças e as moças, as vitrines da rua:

A gente que andou esta semana pela rua do Ouvidor, mal terá advertido que, enquanto mirava as moças, se eram homens, ou as vitrines, se eram moças, matava-se a ferro e fogo em Manhuaçu<sup>83</sup> (...) A causa do conflito parece pequena, vista aqui da rua do Ouvidor, entre três e cinco horas da tarde. (ASSIS, 1896).<sup>84</sup>

Outra revolta popular que repercutiu na crônica machadiana foi a Guerra de Canudos (1896-1897), ocorrida no interior da Bahia. Ao abordar a popularidade de Antônio Conselheiro - que à época possuía cerca de 3 mil seguidores -, Machado a

---

<sup>81</sup> Ilustração Brasileira, 15/02/1877

<sup>82</sup> Gazeta de Notícias, 09/09/1894

<sup>83</sup> <[https://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2021/11/19/interna\\_gerais,1323790/um-pais-dentro-de-minas-a-historia-da-republica-de-manhuassu.shtml](https://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2021/11/19/interna_gerais,1323790/um-pais-dentro-de-minas-a-historia-da-republica-de-manhuassu.shtml)>. Acesso em: 30. jul de 2022.

<sup>84</sup> Gazeta de Notícias, 24/05/1896.

compara com a de um cidadão bem relacionado e frequentador da Rua do Ouvidor, sugerindo que esta não faz frente à popularidade do beato, que ganhou status de celebridade. As sociabilidades da Ouvidor que seguem inabaláveis, mantendo a rua, enquanto centro da vida social fluminense, alienada, alheia aos problemas da periferia brasileira:

Habitante da cidade, podes ser conhecido de toda a Rua do Ouvidor e seus arrabaldes, cansar os chapéus, as mãos, as bocas dos outros em saudações e elogios; com tudo isso, com o teu nome nas folhas ou nas esquinas de uma rua, não chegarás ao poder daquele homenzinho, que passeia pelo sertão uma vila, uma pequena cidade, a que só falta uma folha, um teatro, um clube, uma polícia e sete ou oito roletas, para entrar nos almanaques (ASSIS, 1897).<sup>85</sup>

Machado de Assis se refere à importância da Rua do Ouvidor, sua centralidade e peso nas decisões políticas. Quando da discussão acerca de uma possível mudança da capital para Petrópolis<sup>86</sup>, Machado aponta ser fundamental considerar a distância da nova capital com relação à Rua do Ouvidor como um critério para a escolha. A crônica retrata a forte influência que a Rua do Ouvidor exerce na política da capital, sendo esse o principal motivo para a "necessidade" de mudança da capital para outra cidade "distante o suficiente" da Ouvidor. Para o autor, a nova capital não pode ser uma extensão da Ouvidor e deve estar localizada suficientemente longe dessa rua, de sua zona de influência, para representar de fato uma mudança. Antevendo uma provável preocupação do leitor com uma possível perda de prestígio ou influência política do Rio de Janeiro nesse processo, Machado o tranquiliza, alegando que o Rio não perderia importantes símbolos que o constitui. Como compensação para a perda do status de capital, Machado enumera um rol de serviços, entretenimentos, belezas naturais e patrimônios, dentre eles, a Rua do Ouvidor, que pode ser considerada um patrimônio carioca:

Entre nós, a questão é mais simples. Trata-se de mudar a capital do Rio de Janeiro para outra cidade que não fique sendo um prolongamento da Rua do

---

<sup>85</sup> Gazeta de Notícias, 14/02/1897.

<sup>86</sup> Tal possibilidade estava inserida no contexto da Revolta da Armada e veio a se concretizar no ano seguinte da publicação da crônica, conforme aponta o trecho a seguir: "Em 1893, ocorreu a Revolta Armada em Niterói contra o governo de Marechal Floriano Peixoto e foram cortadas todas as comunicações entre o Rio de Janeiro e Niterói. Com a capital do estado ameaçada, o governo foi transferido de Niterói para Petrópolis em 1894. José Tomás Porciúncula era o governador e o retorno só aconteceu em 1902." Disponível em: <https://www.petropolis.rj.gov.br/turispetro/historia>. Acesso em: 24 de maio. 2023.

Ouvidor (...). Petrópolis também quer ser capital, e parece invocar algumas razões de elegância e de beleza; mas tem contra si não estar muito mais longe da Rua do Ouvidor, e até mais perto, por dois caminhos (...). Os cariocas ficarão sempre com a baía, a esquadra, os arsenais, os teatros, os bailes, a Rua do Ouvidor, os jornais, os bancos, ... (ASSIS, 1893)<sup>87</sup>

Outro aspecto a ser considerado com relação às sociabilidades da Rua do Ouvidor na crônica machadiana é a presença feminina na rua, fato novo no cotidiano carioca nos fins do século XIX, como observado no capítulo anterior. Conforme destacou Liuti (2007), as mulheres passaram a frequentar a rua, em especial a Ouvidor, onde boa parte do comércio era a elas destinado. Nessa perspectiva, Machado se refere à facilidade proporcionada pelo bonde de fazer chegar à Ouvidor moças de outras partes da cidade que não o centro: "A moça que vem hoje à Rua do Ouvidor, sempre que lhe parece, à hora que quer, com a mamãe, com a prima, com a amiga, porque tem o bond<sup>88</sup> à porta e à mão, não sabe o que era morar fora da cidade ou longe do centro" (ASSIS, 1893).<sup>89</sup>

Comentários acerca das moças que frequentavam a Rua do Ouvidor, sobretudo acerca de sua aparência são frequentes na crônica machadiana. A crônica que agora passamos a analisar é uma publicação na qual Machado se refere a duas situações vivenciadas em dois estabelecimentos da Ouvidor por ele frequentados. À porta das livrarias Crashley<sup>90</sup> e Laemmert<sup>91</sup>, Machado encontra seus pares e comenta os assuntos contidos no noticiário, enquanto também observa e narra os acontecimentos por eles presenciados na Ouvidor. Machado funde o que leu ao que

---

<sup>87</sup> Gazeta de Notícias, 22/01/1893.

<sup>88</sup> Assim como a Rua do Ouvidor, o bonde possui grande relevância na crônica machadiana, sendo citado por ele 168 vezes nessas publicações. Esse conjunto de crônicas foi analisado por nós em trabalho anterior (CARVALHO, 2019).

<sup>89</sup> Gazeta de Notícias, 06/08/1893.

<sup>90</sup> A Crashley era uma livraria situada no número 58 da Rua do Ouvidor. De acordo com Cohen (2001, p. 74), a Crashley "já existia em 1880 e perdurava ainda em 1980". Nota-se que Machado de Assis por vezes utiliza a grafia com "i" (Crashlei), outras com "y" (Crashley). Optamos por utilizar a grafia com "y", acompanhando a grafia também utilizada por Cohen (2001).

<sup>91</sup> De acordo com Cohen (2001, p. 72-73): "Quase defronte à Garnier ficava a Livraria Laemmert, que foi fundada na Rua da Quitanda, 77, em 1833, pelo alemão Eduardo Laemmert, e transferida para um prédio de quatro pavimentos na Rua do Ouvidor 66, em 1848. A Laemmert editou publicações importantes, como a famosa *Folhinha Laemmert* a partir de 1839, que no fim do século alcançava a tiragem de 100 mil exemplares; o célebre *Almanak Laemmert*, a partir de 1844, que pelas informações ali contidas tornou-se nacionalmente considerado; e, ainda, teve a honra de lançar *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, em 1902".

viu, relacionando notícia e realidade.

A crônica em questão começa com a análise do autor acerca do casamento de um nobre europeu com uma herdeira milionária norte americana, porém, desprovida de título de nobreza. Em posse da gazeta inglesa na qual estavam publicadas as fotografias dos respectivos noivos, Machado narra que o fato virou assunto entre ele e mais duas pessoas que estavam à porta da Crashley, reproduzindo comentários dos colegas acerca da notícia. Como quem continua a conversa com o leitor, Machado dá prosseguimento à crônica, que parte da porta da Crashley e viaja para a Inglaterra e de lá para os Estados Unidos, quando Machado aproveita para tecer uma crítica velada ao casamento entre a aristocracia e a democracia<sup>92</sup>. Dos Estados Unidos, Machado retorna à Europa – vai à Breslau – e segue para a Ásia – chegando ao Japão –, para enfim retornar ao Brasil, à Ouvidor, à porta da Laemmert, onde o autor relaciona os modos das japonesas que passam na Ouvidor aos costumes franceses, retornando, assim, seu olhar para a Europa, mais precisamente à Paris, pelo afrancesamento dos costumes e pela associação das japonesas afrancesadas da Ouvidor ao Café Riche, localizado na Cidade Luz:

Três pessoas estavam na loja Crashlei, rua do Ouvidor, um moço, um mocinho e eu. Víamos, em gazeta inglesa, os retratos do duque de Marlborough e de Miss Consuelo Wanderbiltt, que vão casar. A noiva é riquíssima, o noivo nobilíssimo, vão unir os milhões aos brasões, e a Europa à América; não é preciso lembrar que a jovem Wanderbiltt é filha do famoso rico americano. Um de nós três, o moço, declarou francamente que não acreditava nos milhões da donzela. A quantia maior em que acredita é um conto de réis; não descrê de dois, acha-os possíveis; dez parecem-lhe invenção de cérebro escaldado. O mocinho já creu em vinte e sete contos, mas perdeu essa fé ingênua e pura. Eu, por amor do ocultismo, creio em tudo que escapa aos olhos e aos dedos. Sim, creio nos oitenta mil contos da linda Wanderbiltt, assim como creio nos séculos de nobreza de Marlborough. Uma revista celebre (vá por conta de Stendhal opinou no princípio deste século que “há só um título de nobreza, é o de duque; marquês é ridículo; ao nome de duque todos voltam a cabeça.” Se é assim, o noivo inglês paga bem o dote da noiva americana, paga de sobra. As ricas herdeiras americanas amam os nobres herdeiros europeus; não há um ano que um duque francês desposou uma rica Patrícia de miss Consuelo. Deste modo, sem bulha nem matinada, unem a democracia à aristocracia e fazem nascer os futuros duques do próprio seio que os aboliu. A nobreza europeia está assim enxertada de muito galho transatlântico. Naturalmente a observação é velha, não peço alvissaras. Peço alvissaras por esta outra que fiz no dia seguinte àquele em que estivemos na loja Crashlei, na rua do Ouvidor. Lendo uma correspondência de Breslau, acerca do congresso socialista, dei com a notícia de fazer parte da assembleia, entre outras senhoras, uma de quarenta

<sup>92</sup> Considerando que a crônica em questão data de 1895, podemos intuir que a crítica de Machado está relacionada ao fato da proclamação da república no Brasil não ter representado de fato uma grande mudança na estrutura de poder constituída à época do império: mudou o regime político, mas a elite político-econômica permaneceu a mesma, só que com uma nova roupagem.

anos, que, aos vinte e cinco, em 1880, renunciou o título de duquesa para se fazer pastora de cabras. É nada menos que filha do duque de Wurtemberg e da princesa Matilde de Schamburg de Lippe. O governo wurtemberguês, para que ela não ficasse só com o nome de Paulina, deu-lhe o de Kirbach (von Kirbach). Á minha observação consiste no contraste das duas moças, uma que nasce duquesa e bota fora o título, outra que nasce sem título e faz-se duquesa. Pastora de cabras, pastora de dollars. Que querias tu ser, carioca do meu coração? à poesia pede cabras, a realidade exige dollars; funde as duas espécies, multiplica os dollars pelas cabras, e não mandes embora o primeiro duque que te aparecer. Vai com ele à igreja da Gloria, agora que deu à sua triste torre uma cor de rosa ainda mais triste, casa, embarca, vai a Breslau, não digo para fazer parte do congresso socialista; há muita outra coisa que ver em Breslau, duquesa. Os japoneses, com quem acabamos de celebrar um tratado de comercio, não leram de certo a Revista de Edimburgo; se a tivessem lido, teriam decretado os seus duques; por ora estão nos condes e marqueses. Verdade é que um cronista lusitano do século XVI diz que eles tinham por esse tempo títulos vários e diferentes — “como cá os duques, marqueses e condes.” Questão de tradução, mas justamente o que me falta é a notícia dos vocábulos originais e seus correspondentes. Entretanto, não é fora de propósito que eles, assim como aperfeiçoaram a pólvora dos chins e deram-lhes agora com ela, assim também aperfeiçoem as herdeiras ricas, e ninguém sabe se algum bisneto de Marlborough chegará a desposar alguma Wanderbiltt de Toldo. Que as moças daquelas terras, como os homens, assimilam facilmente os costumes peregrinos, é fato velho e revelho. Não há muitos dias, estávamos à porta do Laemmert dois dos três da loja Crashlei... Não digo os nomes dos outros, por não lhes ter pedido licença, mas eles que o confirmem aos seus amigos, e os amigos destes aos seus, e assim se farão públicos. Estávamos à porta do Laemmert, quando vimos sair duas parisienses; minto; duas japonesas. Realmente, salvo o tipo, eram duas parisienses puras. Se vísseis a graça com que deram o braço aos cavalheiros que iam com elas, as botinas que calçavam, os tacões das botinas, o pisar leve e rápido... Os tacões diziam claramente que não carregavam o peso da Ásia, que as duas moças eram como aquelas borboletas de papel que os seus avós faziam avoaçar no teatro, com o simples movimento do leque. E foram-se, e perderam-se rua acima. Vamos tê-las agora às dúzias, se o tratado, que o Sr. Piza negociou, admitir que venham mulheres e uma pequena porcentagem de moças da cidade. Mas ainda que venham só as rústicas, é gente que, com pouco, fica cidadã. Vamos tê-las modistas, estudantes, professoras. Nas escolas não se limitarão a ensinar português, ensinarão também o seu idioma natal, e, graças à facilidade que temos em aprender e ao amor das belezas estranhas, acabaremos por escrever na língua do mikado. Há quem jure que algumas pessoas não falam em outra; mas é opinião sem grande fundamento. É certo que, no meio da linguagem oratória aparecem locuções, frases, alguma sintaxe estranha, mas, além de se não poder afirmar que sejam todas do Japão, sucede que muitas são claramente do Café Riche<sup>93</sup>, — e, por serem de café, tem a desculpa nacional (...) (ASSIS, 1895)<sup>94</sup>

Dentre tantos pontos interessantes a serem analisados nesta crônica, se destaca a caracterização feita por Machado dos costumes afrancesados em voga na Rua do Ouvidor. Ao confundir mulheres japonesas com francesas com base na observação de suas vestimentas e no modo de se portarem, expresso no gestual, no

---

<sup>93</sup>O Café Riche trata-se de um restaurante situado em Paris.

<sup>94</sup> Gazeta de Notícias, 10/11/1895.

“pisar leve e rápido”, que não parecem carregar “o peso da Ásia” nas botinas, o autor exibe e detalha o afrancesamento cultural que desfila pela Rua do Ouvidor. De acordo com Machado, tudo nelas era francês: “salvo o tipo, eram duas parisienses puras”, diz ele, justificando o fato por uma suposta facilidade das japonesas em assimilar “costumes peregrinos”.

Outra passagem representativa do afrancesamento que permeia a experiência dos frequentadores da Rua do Ouvidor é o trecho no qual Machado, ao se referir à um possível aumento da imigração japonesa para o Brasil, afirma que “ainda que venham só as rústicas, é gente que, com pouco, fica cidadã”. Ou seja: ainda que não afrancesadas o suficiente, alguns passeios na Ouvidor bastariam para uma mudança nos costumes, em direção à uma sofisticação à francesa, já que a Ouvidor é o lugar da cidade que dita modas e tendências culturais – é a vitrine que possibilita às “rústicas” tornarem-se “cidadãs”. Este aspecto também é ressaltado por Machado na crônica a seguir, na qual o autor afirma que na Ouvidor itens fora de moda “não ousavam atravessar”, como é o caso dos:

Chapéus altos, que desde tempos imemoriais não ousavam atravessar aquela região no mundo que fica entre a rua dos Ourives e a rua Gonçalves Dias, e que é propriamente a rua do Ouvidor, iam este ano abaixo e acima sem a menor surriada (ASSIS, 1894).<sup>95</sup>

Se a Rua do Ouvidor se configura como o lugar que dita e regula os costumes e a moda na cidade, esta moda não nasce ali, “na região no mundo que fica entre a rua dos Ourives e a rua Gonçalves Dias”: ela é importada de Paris. Ter a Cidade Luz como referência cultural e esforçar-se em imitá-la é estar mais próximo ao que Machado entende por civilização. Essa ideia pode ser observada na crônica que analisamos a seguir, na qual o autor, ao tratar sobre a retirada dos quiosques<sup>96</sup>, cita transformações que estavam ocorrendo na cidade tendo como objetivo a adequação do Rio de Janeiro à sua pretensão de se tornar a “Paris dos trópicos”. Os quiosques e demais comércios populares citados pelo autor dão à cidade um aspecto de “grande

---

<sup>95</sup> Gazeta de Notícias, 11/02/1894.

<sup>96</sup>“Durante o século XIX, o centro do Rio era crivado de quiosques, pequenas construções em estilo europeu que, originalmente, vendiam jornais, livros e cartões-postais. Logo, porém, os quiosques do Rio oitocentista foram substituindo os ares franceses de seu comércio original e passando a oferecer vasta gama de comestíveis e de bebidas, além de pequenos apetrechos, para atender sobretudo ao fluxo de trabalhadores de baixa renda que circulavam em seu entorno.” Disponível em: <https://riomemorias.com.br/memoria/quiosques/>. Acesso em: 26 de maio. 2023.

cidade levantina”<sup>97</sup>, que tem, entre outras características por ele assinaladas, a “facilidade em obedecer à moda, sem jamais inventá-la”:

(...) Que metro é preciso para contar que vamos perder os quiosques? Dizem que o conselho municipal trata de acabar com eles. Não quero que morram, sem que eu explique cientificamente a sua existência. Logo que os quiosques penetraram aqui, foi nosso cuidado perguntar às pessoas viajadas a que é que os destinavam em Paris, donde vinha a imitação; responderam-me que lá eram ocupados por uma mulher, que vendia jornais. Ora, sendo o nosso quiosque um lugar em que um homem vende charutos, café, licor e bilhetes de loteria, não há nesta diferença de aplicação um saldo a nosso favor? A diferença do sexo é a primeira, e porventura a maior; a rua fez-se para o homem, não para a mulher, salvo a rua do Ouvidor. O charuto, tão universal como o licor, é uma necessidade pública. Não cito o café; é a bebida nacional por excelência. Quanto ao bilhete de loteria, esse emblema da luta de Jacó com o anjo, que é como eu considero a caça à sorte grande, pode ser que a venda dele nos quiosques diminua os lucros do beco das Cancelas; mas o beco é triste, não solta foguetes quando lhe saem prêmios, se é que lhe saem prêmios. Os quiosques alegram-se quando os vendem, e é certo que os vendem em todas as loterias. Não obstante, lá vão os quiosques embora. Assim foram as quitandeiras crioulas, as turcas e árabes, os engraxadores de botas, uma porção de negócios da rua, que nos davam certa feição de grande cidade levantina. Por outro lado, se Renan fala verdade, ganhamos com a eliminação, porque tais cidades, diz ele, não têm espírito político, ou sequer municipal; há nelas muita tagarelice, todos se conhecem, todos falam um dos outros, mobilidade, avides de notícias, facilidade em obedecer à moda, sem jamais inventá-la<sup>98</sup>. Não; vão-se os quiosques, e valha-nos o conselho municipal. Os defeitos ir-se-ão perdendo com o tempo. Ganhemos desde logo ir mudando de aspecto (...) (ASSIS, 1893)<sup>99</sup>

<sup>97</sup> As cidades levantinas às quais se refere Machado são Éfeso, Alexandria, Antíoco e Corinto, cidades da região do Levante, localizada no Oriente Médio, descritas por Saint Paul como “cidades banais” (ver próxima nota).

<sup>98</sup> De acordo com Gledson (1996), nesta crônica “Machado cita Saint Paul, terceiro volume das *Origines du christianisme*, cap. 12, em que Renan (v. cr. 25) descreve Éfeso. Vale a pena citar um trecho do livro que Machado sem dúvida consultou, pensando na sua possível relevância ao Rio de Janeiro: ‘Já tivemos ocasião várias vezes de notar que o cristianismo achou suas mais fortes razões de ser nestas cidades banais, se se pode dizer assim, que o império romano multiplicara, cidades situadas fora das nacionalidades, estranhas ao amor da pátria, onde todas as raças, todas as religiões se davam as mãos. Éfeso era, como Alexandria, Antíoco e Corinto, o modelo das cidades desse tipo. Podemos imaginá-los pelo que são ainda hoje as grandes cidades levantinas. O que impressiona o viajante quando percorre estes labirintos de bazares infectos, de pátios estreitos e sujos, de construções provisórias e poucos desejosas de durar, é a falta completa de nobreza, de espírito político e mesmo municipal. Nestes formigueiros humanos, a baixeza e os bons instintos, a preguiça e a atividade, a impertinência e a amabilidade se encontram: tudo isso se acha ali, menos o que constitui uma velha aristocracia local, quero dizer as lembranças gloriosas cultivadas em comum. Com isso, muita fofoca (*comméragé*), muita tagarelice (*bavardage*), muita ligeireza, quase todo o mundo conhece, e as pessoas se ocupam incessantemente umas das outras; qualquer coisa de ligeiro, de apaixonado, de móvel; vã curiosidade de gente frívola, ávida de empanturrar-se da menor novidade; grande facilidade em seguir a moda, sem jamais ser capaz de inventá-la (...)’”. (GLEDSON, 1996, p. 226)

<sup>99</sup> Gazeta de Notícias, 16/04/1893.

A retirada dos quiosques da cidade está associada a uma tentativa de ordenamento urbano e adequação da cidade a hábitos tidos como mais “civilizados”, a partir de uma concepção europeizada do que seria essa civilização. Apesar de inspirados nos quiosques franceses – onde mulheres vendiam jornais – os quiosques cariocas adquiriram uma característica não muito bem aceita numa cidade que se pretendia a “Paris dos trópicos”. A venda de “charutos, café, licor e bilhetes de loteria” nos quiosques, na concepção de quem planejava os rumos afrancesados que o Rio deveria tomar, conferia à cidade um aspecto popular do qual se almejava desassociar.

Ao comparar a versão original com a “imitação”, Machado considera o fato de homens estarem à frente do negócio na versão brasileira a maior diferença entre os quiosques parisiense e fluminense, já que, de acordo com o autor, exceto a Rua do Ouvidor, a rua não seria para a mulher: “a rua fez-se para o homem, não para a mulher, salvo a rua do Ouvidor”. Apesar da inspiração francesa, a ideia de mulheres à frente do negócio era estranha à realidade do Rio de Janeiro dos fins do século XIX, ancorada na sociedade patriarcal na qual a mulher era vista apenas como “colaboradora do marido” em funções sociais, conforme salientou Liuti (2007). Se neste momento o seu papel na sociedade era de coadjuvante, ao menos na Rua do Ouvidor a mulher era bem-vinda, assumindo papel menos figurativo. Admiradoras e consumidoras das vitrines da Ouvidor, as mulheres passam também a ser vitrine dos produtos vendidos na rua, que por ela desfilam: vitrine de sua posição social através da exibição de roupas, joias, perfumes e demais acessórios adquiridos na rua, além do modo de se portarem – alinhado ao modelo parisiense – com “passos leves e rápidos”, esbanjando elegância, como sugeriu o autor na crônica há pouco analisada.

A crônica é representativa das transformações pelas quais passava a cidade sob a gestão do prefeito Barata Ribeiro (1892-1893). Machado associa a retirada dos quiosques a outras intervenções do poder municipal, como a retirada das “quitadeiras crioulas, as turcas e árabes, os engraxadores de botas, uma porção de negócios da rua, que nos davam certa feição de grande cidade levantina”. Tais ações tinham como objetivo organizar o espaço urbano e moldá-lo à moda parisiense, sob inspiração das intervenções implementadas pelo Barão de Haussmann<sup>100</sup> na referida cidade europeia.

---

<sup>100</sup> Sobre as intervenções urbanas na Paris de Haussmann ver Harvey (2003).

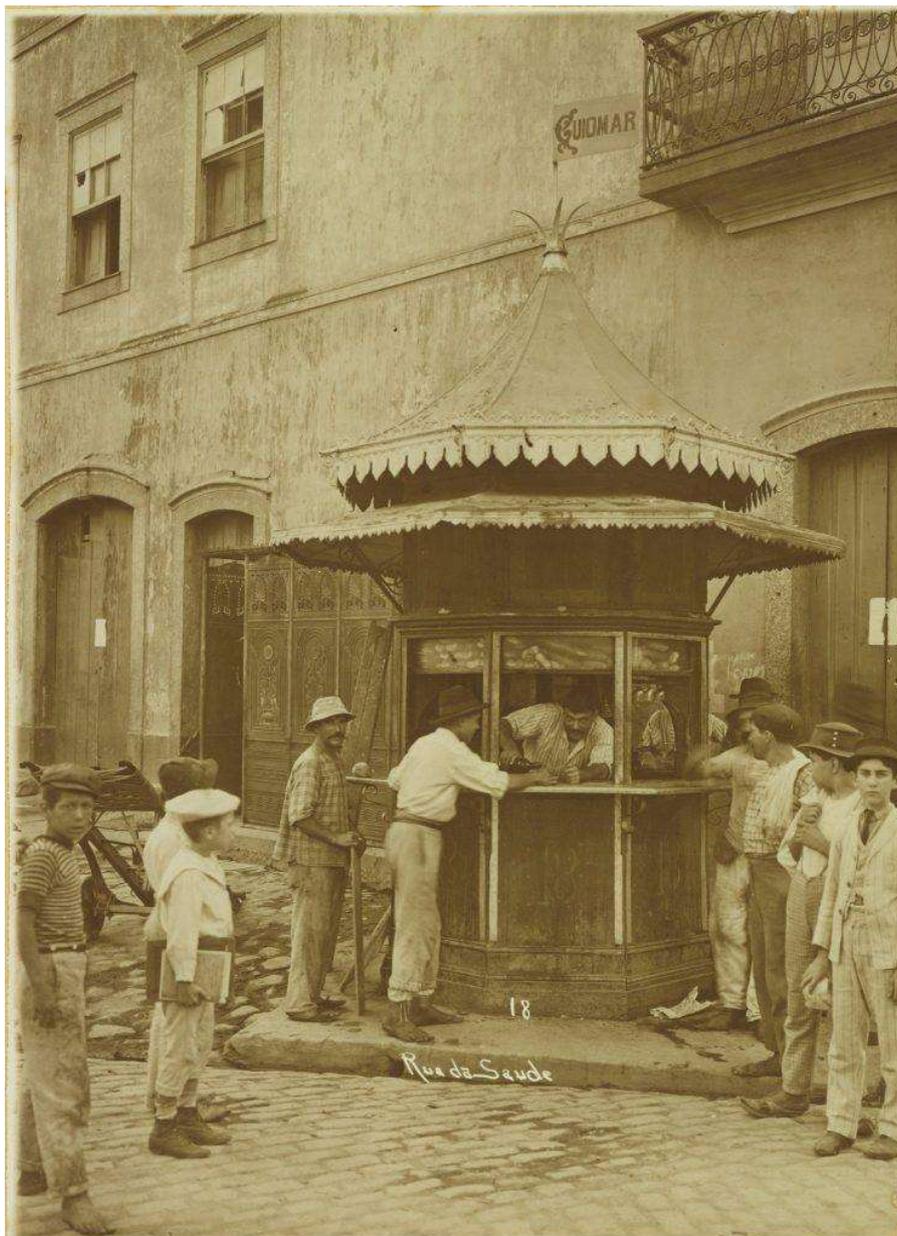
Ao mesmo tempo em que parece apoiar tais proposições do poder municipal ao afirmar que “ganhamos desde logo ir mudando de aspecto”, Machado sai em defesa dos quiosques fluminenses, que por apresentar comércio variado e com isso atrair grande fluxo de gentes, são melhores que os parisienses. Estes, segundo o autor, seriam incapazes de proporcionar a diversão causada por sua versão brasileira ao soltar foguetes quando um bilhete de loteria ali adquirido é premiado.

Representativo de um comércio popular e potencial ponto de encontro da população que vai na contramão do afrancesamento praticado na Rua do Ouvidor, o quiosque simboliza, nesse contexto, a espontaneidade do viver cotidiano, a reprodução da vida nas frestas, como caracteriza o historiador Luiz Antônio Simas, em *O corpo encantado das ruas* (2021)<sup>101</sup>. Tal espontaneidade é latente na figura a seguir, que retrata um quiosque na rua da Saúde e as práticas sociais a serem apagadas do centro de uma cidade que se almeja afrancesar.

---

<sup>101</sup> Sobre a perspectiva da vida nas frestas, ver Simas (2021).

Figura 4 - Quiosque: A vida nas frestas de uma cidade que almeja se afrancesar



Fonte: Acervo digital da Biblioteca Nacional

Ainda que convencido de uma suposta necessidade da supressão das atividades populares do centro em favor de um afrancesamento, Machado lamenta a sua retirada, ressaltando que esses aspectos a serem varridos do centro revelam a espontaneidade e identidade dos usos da cidade, que oscila entre o que é e o que pretende ser, uma cidade real e uma cidade idealizada. Como veremos adiante, esse tensionamento existente entre o que é e o que se pretende reverbera em diversas crônicas. Machado se vê na necessidade de se posicionar frente às transformações

em curso e ao fazê-lo, demonstra sua afetividade com relação à Rua do Ouvidor e seus estabelecimentos de então.

### 3.2.2 Janela

A janela representa a conexão entre dois mundos: o lado de dentro e o de fora. Ao mesmo tempo em que é o limite entre essas duas faces, é também fronteira, permite o contato entre o interior e o exterior. Através da janela, as duas perspectivas se entrelaçam: ao conhecer o que existe lá fora, o que está dentro extravasa, se expande, deixa de ser apenas dentro, agregando características do que antes era externo e vice-versa.

A Rua do Ouvidor representa a janela pela qual Machado de Assis observa o mundo. Por vezes, é através da janela de seu gabinete e das redações de jornais em que colaborou, situados na Ouvidor, que Machado analisa a cidade. Por outras, é por meio das portas e janelas dos estabelecimentos por ele frequentados na rua que seu olhar atento examina o mundo ao redor.

O interior dos estabelecimentos frequentados pelo autor na rua também compõe a ideia da Ouvidor como janela de observação. Apesar de a princípio sugerir um olhar orientado para dentro, é no refúgio das lojas da Ouvidor que Machado amplia sua visão de mundo a partir da interação com seus interlocutores, com os quais conversa sobre geografias íntimas e coletivas: debate acerca dos últimos acontecimentos da rua, da cidade e do país, bem como repercute uma vasta gama de assuntos e notícias transatlânticas.

Uma janela delimita um quadrante, que muda em instantes com o atravessar do dia pela rua. A Ouvidor é passarela, janela através da qual Machado percebe e traduz o cotidiano da cidade. A *Flânerie* ao longo de sua extensão permite e convida à observação da reprodução da vida na rua, com seus cheiros, gostos, modas e sons. O ponto de partida de Machado de Assis para esmerilhar as minúcias e múltiplas relações da Rua do Ouvidor de seu tempo é percorrê-la e apreendê-la por meio de sua perspectiva de transeunte.

A categoria *Janela* compreende crônicas nas quais Machado cita fatos cotidianos, ainda que efêmeros, ocorridos na Rua do Ouvidor, além de

excepcionalidades, situações que rompem com a rotina da rua. Tratam-se de situações vivenciadas ou presenciadas pelo autor, de acontecimentos a ele relatados em suas andanças e pausas na rua e de “causos” nela ocorridos dos quais o bruxo do Cosme Velho tomou conhecimento – embora nela não estivesse – e que, por terem ocorrido na principal rua da cidade ganhavam *status* de interesse público, impelindo Machado a repercuti-los aos seus leitores.

*Janela* não só reúne a descrição de acontecimentos da rua, como também ocorrências de outros lugares – outras ruas, cidades, estados e até países! – vociferados na Ouvidor. Assim, observa-se a recorrência do uso de expressões pelo autor como “estava na Ouvidor quando...”, “soube que aconteceu na Ouvidor...” ou “ouvi falar na Ouvidor...”, seguidas da explanação do sucedido. Machado lança mão de tal artifício para relatar um fato vivido ou sabido por ele na/sobre a Ouvidor.

A rotina da rua e a do autor se entrelaçam. Machado é tragado para a *Janela Ouvidor* e, a partir dela, narra o (seu) mundo. A *Ouvidor* é citada em suas crônicas ainda que não esteja diretamente relacionada com o que foi dito anteriormente. Machado não raro retorna à *Ouvidor*, por vezes abruptamente, para dar um novo rumo à crônica, trazendo seu foco para os assuntos cotidianos da cidade.

Em crônica publicada na revista *Ilustração Brasileira* em fevereiro de 1878, Machado se utiliza desse recurso para re-centralizar a crônica: “Saltando outra vez ao nosso país, à nossa cidade, à nossa rua do *Ouvidor*...”(ASSIS, 1878)<sup>102</sup>. Deste modo, o autor localiza o foco, o epicentro da crônica na *Rua do Ouvidor*, recalibrando o seu “GPS imaginário” e mudando a escala para o logradouro em questão, tornando-o ponto de partida para construir suas análises, que não necessariamente tem a *Rua do Ouvidor* como tema.

Machado utiliza a rua como contraponto para narrar fatos ocorridos em outros lugares, possibilitando ao leitor uma melhor compreensão do acontecimento a partir da sua comparação com a *Ouvidor*. Essa comparação ocorre de duas formas: por meio da análise do autor acerca de como um fato se desdobraria caso tivesse ocorrido na *Ouvidor* e através da relação estabelecida por Machado entre fatos ocorridos em outros lugares com os vividos na *Rua do Ouvidor*.

Situações inusitadas ocorridas na rua que culminam no rompimento de sua rotina estão presentes nas crônicas aqui agrupadas. Incidentes de violência urbana,

---

<sup>102</sup> *Ilustração Brasileira*, Fev/1878.

como assaltos, são abordados por Machado, como no trecho a seguir, oriundo de uma crônica na qual o autor narra, como se escrevesse um romance policial, o rebuliço causado pela perseguição e posterior captura de um suposto ladrão nas proximidades da Ouvidor: "Perto da Rua do Ouvidor, conseguem apanhar o fugitivo, e aparece um urbano..." (ASSIS, 1883)<sup>103</sup>. Em outra publicação, Machado narra aos leitores a ocorrência de um roubo na rua, no qual uma senhora teria sido vítima: " Há dias, na Rua do Ouvidor, um gatuno agarrou os pulsos de uma senhora, abriu-lhe as pulseiras, meteu-as em si..." (ASSIS, 1892)<sup>104</sup>.

Outras eventualidades na cidade são trazidas à luz por Machado. Em uma semana aparentemente sem muitas novidades ou assuntos mais importantes a tratar, o autor discorre acerca dos impactos da interrupção do serviço de transporte, que teve como consequência a necessidade da população que dele dependia de percorrer um longo caminho a pé, cujo destino final era a Rua do Ouvidor: "O único fenômeno importante foi o desconcerto de um bond elétrico, que obrigou muita gente a vir a pé da Glória até a Rua do Ouvidor" (ASSIS, 1894)<sup>105</sup>

Ao narrar o transcurso da vida cotidiana da cidade tendo como lente a Ouvidor, Machado faz menção às atividades corriqueiras da rua que contribuem para caracterizá-la, como no trecho: "Compre este número! Olhe esta loteria, que tem um bonito plano! Clamam os rapazes na Rua do Ouvidor, esquina do Beco das Cancelas, quando metem à cara da gente os seus bilhetes" (ASSIS, 1885)<sup>106</sup>.

Machado não só descreve o brado dos vendedores ambulantes – bufarinheiros, como os chamará no trecho que se segue –, como os localiza espacialmente na Ouvidor: O som dos reclames narrados é característico de uma encruzilhada específica da rua, a Rua do Ouvidor com Beco das Cancelas. Mesmo estando em outras ruas, Machado não se furta a citar a Ouvidor. Em crônica que se passa na Rua da Alfândega, Machado faz alusão aos vendedores ambulantes da Rua do Ouvidor: "Quanto à suposição de estar aí alguma pessoa apregoando medalhinhas e vidrinhos,

---

<sup>103</sup> Gazeta de Notícias, 24/11/1883

<sup>104</sup> Gazeta de Notícias, 29/05/1892

<sup>105</sup> Gazeta de Notícias, 28/08/1894

<sup>106</sup> Gazeta de Notícias, 26/06/1885

como os bufarinheiros da Rua do Ouvidor, esquina da do Carmo ou da Primeiro de Março, menos ainda" (ASSIS, 1892)<sup>107</sup>

A Ouvidor se faz laboratório da crônica machadiana, onde as mundanidades – a vida na cidade vivida, falada e ouvida a partir da rua –, ancoradas na simplicidade das relações cotidianas são elementos valiosos utilizados por Machado para compor suas crônicas. O autor se interessa em narrar “causos”, banalidades ocorridas ou sabidas na Ouvidor, muitas vezes presenciadas ou transmitidas a ele *in loco*, o que reforça a ideia de que Machado era um assíduo frequentador da rua. A abordagem de assuntos banais, tidos como de pequena importância, e a descrição de particularidades da rua – como o modo de cativar os clientes dos bufarinheiros que ali trabalhavam – são uma característica importante desse grupamento de crônicas: A observação dessas sutilezas, pequenices do cotidiano, está relacionada à experiência machadiana na rua. É através do olhar atento, da observação ao percorrer a *Janela Ouvidor* que Machado ganha intimidade com a rua, construindo e atribuindo a ela diversas camadas de significado.

Machado reconhece a importância do que é ouvido e falado na Ouvidor para a elaboração de suas crônicas. Esses assuntos propagados na rua são apelidados de “solturas da Rua do Ouvidor”, consideradas ingrediente indispensável na composição de uma crônica. De acordo com o autor, para uma boa crônica "a observação há de ser exata, afacécia pertinente e leve; uns tons mais carrancudos, de longe em longe; uma mistura de Geronte e de Scapin, um guisado de moral doméstica e solturas da Rua do Ouvidor..." (ASSIS, 1878)<sup>108</sup>. Tais solturas correspondem àquelas informações ditas ou ouvidas na rua quase sem querer: escapam das bocas e chegam aos ouvidos de modo fortuito, não possuindo o compromisso de serem guardadas, aprisionadas, como um segredo deveria ser.

Ao comentar suposta discussão a respeito da existência ou não da opinião pública, Machado considera a Rua do Ouvidor como um dos principais meios de sua difusão, ao lado da tribuna, da imprensa, dos *meetings* e da Praça do Comércio. De acordo com o cronista: "Se não existisse, como falariam tanto em seu nome, na tribuna, na imprensa, nos meetings, na praça do comércio, na Rua do

---

<sup>107</sup> Gazeta de Notícias, 18/12/1892

<sup>108</sup> O Cruzeiro, 04/08/1878

Ouvidor?"(ASSIS, 1867)<sup>109</sup>. Na Ouvidor, a opinião pública possui liberdade e é estimulada a ser considerada, na medida em que esta rua promove a circulação de notícias, ideias e opiniões, trazidas ou levadas através tanto de debates acalorados como de solturas ditas e ouvidas aqui e acolá.

Tudo era assunto na Ouvidor, que reunia desde embates políticos à opiniões e versões de fatos ocorridos na rua, amplamente discutidos por sua população. Ao abordar a notícia de ter havido um duelo entre cavalheiros na Ouvidor, Machado aborda não só o duelo, como a repercussão que o mesmo teve entre os frequentadores da rua: "discutiu a nossa população da Rua do Ouvidor o duelo e suas vantagens e desvantagens" (ASSIS, 1877)<sup>110</sup>

Em suas andanças pela Rua do Ouvidor, Machado conduz o leitor para caminhar consigo: a trajetória da crônica muitas vezes segue os passos do autor pela rua. Estando nela, cita notícias lá sabidas por ele, como também, ao narrar suas andanças pela cidade, ainda que a Ouvidor não seja seu destino final, faz questão de citar a rua como caminho, como parte do seu trajeto.

Em crônica publicada em novembro de 1892 na Gazeta de Notícias, Machado conta ter sabido na Ouvidor que haveria uma sessão noturna do Senado naquele dia para votar a respeito da prorrogação de uma questão financeira encaminhada pela Câmara: "estando eu na Rua do Ouvidor, soube que o senado faria sessão noturna..." (ASSIS, 1892)<sup>111</sup>. O autor narra que foi para casa com a intenção de retornar para acompanhá-la. No entanto, em virtude de uma forte chuva que assolou a cidade, declinou de comparecer e esbravejou: "Águas do céu, por serem do céu ou por qualquer razão meteorológica que me escapa, não deixam sair as revoluções à rua. Em verdade, o guarda-chuva não é revolucionário, nem estético" (ASSIS, 1892)<sup>112</sup>.

Sessões fechadas eram frequentes no cotidiano do Senado e da Câmara ao tempo de Machado, habituado a frequentar as plenárias dessas casas legislativas para enriquecer suas crônicas com comentários políticos. Quando impedido de acompanhar as sessões, tinha a Ouvidor como fonte. Em crônica a respeito da queda

---

<sup>109</sup> Diário do Rio de Janeiro, 05/03/1867

<sup>110</sup> Ilustração Brasileira, 01/12/1877

<sup>111</sup> Gazeta de Notícias, 13/11/1892.

<sup>112</sup> Gazeta de Notícias, 13/11/1892.

do prefeito Barata Ribeiro<sup>113</sup> – ocorrida dois dias antes da publicação da mesma –, Machado demonstra sua inquietação e expectativa em saber notícias advindas de uma sessão fechada na Câmara para decidir a respeito da demissão do prefeito: "Quando eu cheguei à rua do Ouvidor, segunda-feira, não levava a menor esperança de saber coisa nenhuma"<sup>114</sup>. Machado "se espanta" com o fato de notícias correrem, ainda que se tratassem de "segredo de Estado". Fala sobre paredes que têm ouvidos, os primeiros fonógrafos. Considera até mesmo o vento no transporte, na dissipação das notícias e segredos. Ainda que supostamente não tivesse esperança em saber coisa alguma no melhor lugar para se saber as notícias – a Ouvidor –, lá foi e acabou por saber. Primeiro, correu o boato. No dia seguinte, veio a confirmação, inclusive dos detalhes da votação, que batiam com a informação primeira, não oficial. Na verdade, Machado sabia que tinha grande chance de saber antecipadamente o resultado da sessão fechada e que o lugar para sabê-lo seria justamente a Rua do Ouvidor.

Além de um lugar para saber as notícias, a Rua do Ouvidor é citada como um caminho rotineiro, atravessando a vida e os movimentos de Machado pela cidade: "Desandei, atravessei o Largo de São Francisco e desci pela Rua do Ouvidor, ao encontro do préstito de Tiradentes." (ASSIS, 1893)<sup>115</sup>. Nesta crônica, Machado narra os acontecimentos na cidade em virtude das comemorações relativas ao dia de Tiradentes, que fora comemorado dois dias antes da publicação da crônica. Ao narrar sua rota até o préstito (procissão) de Tiradentes – uma demonstração de sua participação ativa nas celebrações e eventos que ocorriam na cidade à sua época –, Machado "compartilha sua localização" com o leitor e o convida para trilhar seus percursos e vivências na cidade, cuja rota preferencial passa pela Ouvidor, como observado no trecho supracitado. Ao comentar que a população fora pega de surpresa com a construção de um coreto na Praça Tiradentes, Machado descreve em detalhes a forma como os boatos se propagam e se reproduzem na cidade, demonstrando sua incredulidade de não ter ouvido nenhum boato a respeito da construção:

Eu, se tivesse de dar Hamlet em língua puramente carioca, traduziria a célebre resposta do príncipe da Dinamarca: Words, words, words, por esta:

---

<sup>113</sup> Sobre o papel de Barata Ribeiro nas intervenções urbanas no Rio de Janeiro sob a lógica higienista, consultar Abreu (2008).

<sup>114</sup> Gazeta de Notícias, 28/05/1893.

<sup>115</sup> Gazeta de Notícias, 23/04/1893.

Boatos, boatos, boatos. Com efeito, não há outra que melhor diga o sentido do grande melancólico. Palavras, boatos, poeira, nada, coisa nenhuma. Toda a semana finda viveu disso, salvo a parte que não veio por boatos, mas por fatos, como o caso do coreto da Praça Tiradentes. Ninguém boquejou nada sobre aquela construção; por isso mesmo deu de si uma porção de conseqüências graves. Os boatos, porém, andavam a rodo, os rumores iam de ouvido em ouvido, nas lojas, corredores, em casa, entre a pêra e o queijo, entre o basto e a espadilha. Conspirações, dissensões, explosões. Uns davam à distribuição dos boatos a forma interrogativa, que é ainda a melhor de todas. Homem, será certo que X furtou um lenço? O ouvinte, que nada sabe, nada afirma; mas aqui está como ele transmite a notícia: — Parece que X furtou um lenço. Um lenço de seda? Provavelmente; não valeria a pena furtar um lenço de algodão. A notícia chega à Tijuca com esta forma definitiva: X furtou dois lenços, um de seda, e, o que é mais nojento, outro de algodão, na Rua dos Ourives.(ASSIS, 1893)<sup>116</sup>

Machado cita *Hamlet*, obra de William Shakespeare, como uma forma de homenagear o poeta cujo aniversário de vida e de morte coincidiu com a data de publicação da crônica. Machado relembra o trecho “words, words, words”, traduzindo-o como “boatos, boatos, boatos”. Aqui, Machado se refere à dinâmica de propagação de um boato de uma forma geral. O boato é um tema de grande interesse do bruxo do Cosme Velho, aspecto sobre o qual analisaremos a Rua do Ouvidor mais adiante, que se consolidará como um notável viveiro de boatos.

A Rua do Ouvidor está introjetada de tal forma em Machado que faz morada também em seu subconsciente. Não é possível esquecer desse logradouro, mesmo que esteja dormindo ou em estado de confusão após acordar. Machado lança mão de andanças imaginárias, nas quais passeia pela Ouvidor, ainda que nela não esteja fisicamente: “É o período de loucura mansa, que em mim sucede ao sono. Subo então pela Via Ápia<sup>117</sup>, dobro a Rua do Ouvidor...”<sup>118</sup> Sua vivência com a rua transcende seu estado de consciência e materialidade: Machado está na Ouvidor e a Ouvidor nele está, ainda que a cigarra que o acordou com seu canto o tenha ecoado no bairro do Cosme Velho<sup>119</sup>, geograficamente distante da Ouvidor um longo e vagaroso percurso de bonde.

Nessa seção, defendemos a ideia da Rua do Ouvidor como a janela pela qual Machado de Assis narra o cotidiano da cidade. Através desta janela, o autor presencia

<sup>116</sup>Gazeta de Notícias, 23/04/1893.

<sup>117</sup> Localizada em Roma (Itália).

<sup>118</sup> Gazeta de Notícias, 07/01/1894

<sup>119</sup> Bairro no qual Machado de Assis morou de 1883 a 1908 (MASSA, 1971).

fatos que julga relevante citar em suas crônicas, bem como obtêm desta e nesta janela informação em primeira mão, furos de reportagem para transmitir ao leitor. Ao contrário de muitos jornalistas que têm como hábito não revelar suas fontes, Machado sequer hesita em revelar a Ouvidor como fonte. Em seu flunar cotidiano pela cidade, Machado estabelece e aprofunda suas relações com a rua. Segundo Tuan (1983, p. 158), “Os acontecimentos simples podem com o tempo se transformar em um profundo sentimento de lugar” (TUAN, 1983, p. 158)

A cada dia que passa, a Ouvidor torna-se mais presente na vida de Machado, que aprofunda seus laços com o logradouro a cada caso vivenciado ou contado, como veremos adiante. Quantas memórias moram no solado gasto dos calçados de Machado? Ao flunar pela rua, o chão da Ouvidor também adquire as suas marcas, registros da *flânerie* machadiana.

### 3.2.3 Reflexo

Para introduzir a categoria *Reflexo*, recorreremos à análise do conto “O Espelho”, de autoria de Machado de Assis, publicado originalmente em 1882, no qual o personagem Jacobina defende a existência para cada pessoa de duas almas: a alma interior e a alma exterior, de natureza mutável. A alma exterior diz respeito às atribuições que assumimos socialmente ou interesses sazonais que contribuem para formar nossa identidade. Como exemplo, o conto cita uma senhora, cuja alma exterior corresponde à Rua do Ouvidor em dado momento do ano:

Há cavalheiros, por exemplo, cuja alma exterior, nos primeiros anos, foi um chocalho ou um cavalinho de pau, e mais tarde uma provedoria de irmandade, suponhamos. Pela minha parte, conheço uma senhora, - na verdade gentilíssima, - que muda de alma exterior cinco, seis vezes por ano. Durante a estação lírica é a ópera; cessando a estação, a alma exterior substitui-se por outra: um concerto, um baile do cassino, a Rua do Ouvidor, Petrópolis... (Assis, 2007, p. 156)

No caso de Jacobina, o prestígio de sua profissão de alferes e o reconhecimento social de seu cargo faz com que a sua alma exterior (alferes) se sobrepujasse à sua alma interior (Joãozinho). Sua tia Marcolina teve papel fundamental para consolidar sua alma exterior, fazendo com que Jacobina, à época

chamado apenas de Joãozinho, aos poucos tomasse consciência de sua nova identidade, composta por suas duas almas: “Eu pedia-lhe que me chamasse Joãozinho, como dantes; e ela abanava a cabeça, bradando que não, que era ‘o senhor alferes’” (ASSIS, 2007, p. 157).

Certo dia, quando todos que o bajulavam referindo-se a ele a todo instante pelo seu cargo e não por seu nome de batismo se ausentaram e o deixaram sozinho por vários dias, Jacobina se viu em uma crise de identidade: Foi como sua alma exterior se retraísse e desse lugar aos poucos, à sua alma interior. Ao se olhar no espelho, agora a imagem refletida é turva, incompleta. É só quando Joãozinho decide vestir sua farda de alferes que o reflexo de sua imagem ocorre em plenitude:

Estava a olhar para o vidro, com uma persistência de desesperado, contemplando as próprias feições derramadas e inacabadas, uma nuvem de linhas soltas, informes, quando tive o pensamento (...) Lembrou-me vestir a farda de alferes. Vesti-a, aprontei-me de todo; e, como estava defronte do espelho, levantei os olhos e... não lhes digo nada; o vidro reproduziu então a figura integral; nenhuma linha a menos, nenhum contorno diverso; era eu mesmo, o alferes, que achava, enfim, a alma exterior. Essa alma ausente com a dona do sítio, dispersa e fugida com os escravos, ei-la recolhida no espelho (ASSIS, 2007, p. 161)

Ao se ver no espelho, o reflexo produzido compõe diversas dimensões da vida: o nosso eu interior, personalidade que construímos ao longo da vida no seio familiar e relações mais íntimas; e o nosso eu exterior, que diz respeito a como nos apresentamos para o mundo, expressas pela posição social, ocupação, vestes, lugares que frequentamos. Considerando a lógica proposta no conto *O Espelho*, a Ouvidor pode ser considerada a alma exterior de Machado de Assis, tal qual o é para a gentilíssima senhora citada no conto, já que a relação estabelecida entre o autor e a rua influencia o reflexo produzido quando Machado está defronte a um espelho. Sem considerar a Rua do Ouvidor na composição do eu machadiano, seu reflexo se daria incompleto, turvo, tal qual o de Jacobina ao se distanciar de sua identidade de alferes.

A categoria *Reflexo* compreende crônicas nas quais Machado de Assis verbaliza sua identificação com a Rua do Ouvidor, referindo-se a ela de maneira afetuosa e deixando explícita sua intimidade e pertencimento em relação a este logradouro. Para Machado, a Ouvidor é mais que uma rua de passagem, como as demais, é um lugar de destaque que potencializa não só os fatos ocorridos como a ocorrência dos fatos. Em se tratando da principal rua do Rio de Janeiro do século XIX (COHEN, 2001), tudo o que acontece nesta rua se agiganta, vira notícia. Tendo

Machado de Assis como seu porta-voz, nos deparamos com uma rua viva, cativante e acolhedora e, ao mesmo tempo, fofoqueira e intrometida. Os acontecimentos não ocorrem em uma rua passiva, palco da humanidade, a rua é ela própria agente: propaga notícias, cria e espalha boatos; convida, aproxima e permite o encontro.

Se é bem verdade que Machado de Assis viveu toda a sua vida na cidade do Rio de Janeiro, uma boa parte dela transcorreu na Rua do Ouvidor, que ganha relevo na crônica machadiana devido não só a centralidade que essa rua tinha na vida carioca do século XIX, mas principalmente, por se constituir em um lugar para Machado de Assis. Frequentador assíduo da rua, Machado despendeu nela muitas horas, seja para trabalhar nas redações de jornal que ali se localizavam, seja ao final do expediente para tomar “um cálix de madeira no Deroché” (ASSIS, 1893)<sup>120</sup>, para negociar a edição de seus livros com B.L. Garnier ou para encontrar os amigos na livraria de igual nome. Uma vez na rua, se punha a ouvir, observar, presenciar e, então, narrar a vida na cidade a partir da Ouvidor.

Em *Janela*, demonstramos que Machado de Assis se referia à Rua do Ouvidor como um lugar para se saber as notícias, rua para a qual se dirigia quando precisava assuntar um fato, ainda que na esperança de antecipar informações provenientes de sessões fechadas da Câmara ou do Senado. Nas crônicas agora analisadas, Machado refina sua análise da vocação da rua para a propagação de notícias. A Ouvidor assume o protagonismo nesse quesito com relação às outras ruas e se especializa: não só dissemina fatos, como também boatos: "A Rua do Ouvidor, se não tem notícias, cai nos boatos" (ASSIS, 1896)<sup>121</sup>.

A Rua do Ouvidor não só é um lugar para saber as notícias, mas para criá-las, uma vez que muitas deliberações ocorrem ao longo de seu traçado. Machado confere à Ouvidor participação nas decisões e transformações políticas, sendo o "grande laboratório" onde suas articulações acontecem, as notícias se propagam e se transmutam:

O grande laboratório era a Rua do Ouvidor. Nessa rua faz-se e desfaz-se mais depressa um gabinete do que eu escrevo esta crônica, e notem que é

---

<sup>120</sup> Gazeta de Notícias, 13/08/1893.

<sup>121</sup> Gazeta de Notícias, 15/11/1896.

escrita a todo o pano. Já me aconteceu ter notícia de três ministérios, entre a Rua da Quitanda e o ponto dos bonds. (ASSIS, 1878)<sup>122</sup>

Podemos analisar a ideia da Rua do Ouvidor como laboratório sob duas perspectivas: como o lugar da produção de fatos – na medida em que muitas conjecturas são discutidas e consolidadas em encontros na Ouvidor – e como laboratório social, onde a repercussão dos fatos têm a reação da população da Ouvidor como termômetro, ditando o ritmo das negociações, que recuam ou prosseguem mediante aceitação ou rejeição da opinião pública a respeito da matéria.

As notícias correm na Rua da Ouvidor com muita eficiência e Machado destaca a rapidez com que se propagam nesta rua, bem como seus desdobramentos, em forma de notícia ou boato. Como exemplo, o autor compara a velocidade do correr das notícias com o tempo que leva para escrever a crônica: mesmo que a escreva rapidamente – “a todo pano” –, a notícia é mais ligeira. Além de analisar o deslocamento das notícias no tempo, Machado explora sua dinâmica no espaço: ainda que se percorra um pequeno trecho do logradouro – “entre a Rua da Quitanda e o ponto dos bonds”, localizado no Largo de São Francisco –, é possível tomar conhecimento de uma quantidade considerável de notícias neste recorte geográfico.

Deste modo, a Ouvidor não só se caracteriza por seu movimento de gentes e mercadorias, como também pela existência de um fluxo contínuo de fatos e assuntos de toda sorte, que atravessam toda a extensão da rua na qual, de acordo com Machado, “a vida passa em burburinho”:

Rua do Ouvidor, que pisamos, onde a vida passa em burburinho de todos os dias e de cada hora. Chovem assuntos modernos (...) ainda não estava descoberto o remédio que previne a concepção para sempre, e de que ouço falar na Rua do Ouvidor. (ASSIS, 1893)<sup>123</sup>

A Ouvidor, portanto, se caracteriza por nela haver um som permanente, um falatório generalizado formado por burburinhos, discussão de assuntos modernos, com uma pitada de novidade científica e o ecoar dos reclames dos bufarinheiros. Soma-se a essa diversidade de assuntos, proferidos em diferentes tons e volumes, os segredos. Segundo Machado, até mesmo o que deveria ser secreto faz sua hora de Ouvidor: “Ninguém ignora que nesta cidade os segredos fazem a sua hora de rua do

---

<sup>122</sup> Ilustração Brasileira, 01/01/1878.

<sup>123</sup> Gazeta de Notícias, 29/01/1893.

Ouvidor, todos os dias, entre quatro e cinco. É uso antigo; raros se deixam estar em casa" (ASSIS, 1896)<sup>124</sup>.

Não há sigilo que resista a um passeio na Ouvidor. De acordo com o autor, é para lá que os segredos correm e se concentram em um período específico do dia: o fim do expediente. É como se as amarras de uma espécie de “caixa de Pandora” afrouxassem ao longo do dia e rompessem em definitivo entre as quatro e cinco da tarde, libertando os segredos até então aprisionados para desfilar livremente pela rua.

O caráter fofoqueiro da rua está atrelado à sua morfologia e a sua vocação para a disseminação das notícias. Não só por abrigar as redações dos principais jornais cariocas, mas porque, após o expediente, é nessa rua que se encontram jornalistas, escritores, deputados e toda a sorte de gente que estreitam ali suas relações e promovem a circulação de ideias.

Machado atribui à geografia da Rua do Ouvidor a explicação para a sua habilidade na propagação de notícias, boatos e segredos. O autor considera não só sua largura, como veremos adiante, como também o seu comprimento como fator potencializador:

Esta impossibilidade de esconder o que se passa no segredo das deliberações faz-me crer no ocultismo. É ocasião de emendar Hamlet: 'Há entre o palácio do conde dos Arcos e a rua do Ouvidor muitas bocas mais do que cuida a vossa inútil estatística' (...) A rua do Ouvidor é a principal causa desta tal ou qual inércia de que nos acusam. Em três pernadas a andamos toda, e se o não fazemos em três minutos, é porque temos o passo vagaroso; mas em três horas vamos do beco das Cancelas ao largo de S. Francisco (ASSIS, 1893)<sup>125</sup>.

Machado relaciona o tempo estimado para percorrer a rua, considerando determinado recorte espacial – entre o Beco das Cancelas e o Largo de São Francisco – com sua impossibilidade de conter um segredo. Apesar de “três pernadas” serem necessárias para percorrer toda a sua extensão – o que levaria não mais do que três minutos – na Rua do Ouvidor, Machado estima a necessidade de despender de três horas para conseguir tal feito.

Nesta crônica, o autor parafraseia Shakespeare, cuja frase original da obra *Hamlet* é: "Há mais coisas entre o céu e a terra do que pode imaginar nossa vã

---

<sup>124</sup> Gazeta de Notícias, 01/11/1896.

<sup>125</sup> Gazeta de Notícias, 02/07/1893.

filosofia”. Segundo Machado, entre o palácio do conde dos Arcos<sup>126</sup> – localizado nas imediações do Campo de Santana – e a Rua do Ouvidor há mais bocas do que a estatística possa contar. Deste modo, a alta densidade de bocas no referido trecho torna impossível o feito de atravessar a Ouvidor utilizando como parâmetro o tempo gasto em outras ruas: mesmo com sua pequena extensão, a Rua do Ouvidor tem muito a dizer e é preciso de tempo, passos vagarosos e paradas estratégicas para extrair da rua as suas confissões.

Outro aspecto geográfico considerado por Machado como facilitador da propagação de boatos na Rua do Ouvidor é a sua estreiteza. Logo, além da Ouvidor possuir muitas bocas ao longo de sua extensão, a sua pequena largura as aproxima, favorecendo a fofoca, o falar ao pé do ouvido e a “murmuração condensada”. A Ouvidor possui a morfologia propícia para a reprodução dos boatos: “Ora, esta rua é o alçapão dos governos. Pela sua estreiteza, é a murmuração condensada, é o viveiro dos boatos” (ASSIS, 1896)<sup>127</sup>.

Em outra crônica, em um exercício imaginativo, Machado passeia por diversas ruas do Rio de Janeiro, dentre elas, a Ouvidor. Em seu devaneio, Machado descreve a Rua do Ouvidor como se tivesse duzentos metros de largura ao invés de seus sete metros originais. Ao refletir sobre sua largura ideal, Machado defende que uma rua não deve ser tão larga e nem tão estreita – quanto na verdade é a Rua do Ouvidor – pelo fato de ruas estreitas favorecerem a propagação de boatos. Assim, mais uma vez, a característica da Ouvidor como “viveiro dos boatos” está relacionada com a sua largura, como demonstra o trecho da crônica a seguir:

Descendo a rua do Ouvidor, não deixou de notar que era excessivamente larga. — Uma rua destas, disse Ernesto XXIV, não pode exceder de duzentos metros de largura. Também não pode ter uns cinco ou seis metros, como se fosse um beco dos Barbeiros ilustrado. Não é que os becos estejam fora da civilização; ao contrário, toda civilização começa, moralmente, por um beco. Mas os becos, estreitos em demasia, servem antes ao mexerico, ao boato, à crítica mofina, etc. Com um piscar de olhos de uma calçada à outra indica-se uma senhora ou um cavalheiro que passa, e a facilidade do gesto convida à murmuração. Há mais a desvantagem de se atopetar depressa e com pouco. Não se dirá isto da rua do Ouvidor; mas assim tão larga, que mal se distinguem as pessoas de um para outro lado, traz perigo diverso e perde talvez na beleza (ASSIS, 1895)<sup>128</sup>

<sup>126</sup> Era o prédio do Senado brasileiro e atualmente abriga a Faculdade Nacional de Direito da UFRJ.

<sup>127</sup> Gazeta de Notícias, 06/12/1896.

<sup>128</sup> Gazeta de Notícias, 15/09/1895.

Machado se refere ao boato como se precisasse ser evitado, como se sua reprodução fosse um problema. Segundo o autor, a proximidade entre as pessoas presentes em uma rua estreita permite a troca de olhares, sendo um convite à murmuração. Já nas ruas demasiadamente largas, como supostamente é a Ouvidor nesta crônica, a distância entre as pessoas impede não só a troca de olhares, mas que as pessoas se distingam, se cumprimentem ou estabeleçam um diálogo. Assim, ruas largas são inóspitas para o boato, o que seria um ponto positivo, considerando a crítica aos becos apresentada por Machado nesta crônica. No entanto, do que vale uma rua sem boatos e sem beleza?

Na verdade, essa crítica ao boato tecida por Machado na crônica que acabamos de analisar não condiz com o que o autor de fato pensa a respeito do assunto. Ainda que as notícias que circulam na Ouvidor se tratem de inverdades, Machado tem preferência por estas do que é dito em outras ruas, ainda que se tratem de invenções: "Às vezes perco uma verdade da rua da Quitanda por uma invenção da rua do Ouvidor; mas há nesta rua um cunho de boa roda, que dá mais brilho ao exato, e faz parecer exato o inventado" (ASSIS, 1893)<sup>129</sup>.

Desta forma, Machado declara a sua preferência por estar na Ouvidor e não em outras ruas, já que o logradouro tem por natureza a tendência de formação de boas rodas, das quais pode participar para discutir verdades, boatos e invenções. Ao dizer que a Ouvidor "dá mais brilho ao exato, e faz parecer exato o inventado", Machado vai além de se referir à rua como o "viveiro dos boatos" e justificar tal fato por sua morfologia: Não só a rua concentra notícias e boatos e os reproduz com eficiência devido à rua estreiteza, mas realiza tal feito com mais brilho e convencimento do que as outras ruas. Machado foi arrebatado pela Rua do Ouvidor e já não importa se as informações tratam-se de verdades ou mentiras, o autor escancara sua preferência pela rua e passa a referir-se a ela com afetividade, chamando-a de lar e defendendo-a de qualquer intervenção que possa a vir descaracterizá-la, como veremos adiante.

De acordo com Tuan (1983), "a permanência é um elemento importante na ideia de lugar" (TUAN, 1983, p. 155). A partir de sua permanência na Rua do Ouvidor Machado aprofundou suas relações com a mesma, passando a caracterizá-la não com o olhar de quem a vê de fora, mas de quem a respira, com cumplicidade e

---

<sup>129</sup> Gazeta de Notícias, 21/05/1893.

intimidade. A Ouvidor tornou-se um lugar machadiano, com o qual reconhece possuir identificação, desenvolve e estreita cotidianamente um sentimento de a ele pertencer, além de manifestar o seu recorrente desejo de a ele retornar.

Ao narrar suas andanças pela cidade, expressando o seu cansaço com este flunar, Machado decide tomar o bonde, cujo fim da linha tem numa das extremidades o Cosme Velho - bairro de residência do autor e que justifica a alcunha de “bruxo do Cosme Velho”, a ele atribuída pelo poeta Carlos Drummond de Andrade, como dito anteriormente - e na outra, o Largo de São Francisco, onde desemboca a Rua do Ouvidor. Como quem titubeia entre ir para sua casa no Cosme Velho ou para a Ouvidor, Machado se refere ao logradouro como “a casa onde todos moramos”: “Naturalmente cansadas as pernas, meto-me no primeiro bonde, que pode trazer-me à casa ou à Rua do Ouvidor, que é onde todos moramos ” (ASSIS, 1889)<sup>130</sup>.

Ao apresentar a Rua do Ouvidor como casa, Machado a eleva à condição de lugar, tendo em vista que este é um dos exemplos mais representativos da ideia de lugar apresentada por Tuan (1983). A casa é o lugar onde nos sentimos seguros, onde nos relacionamos com intimidade e sentimos acolhimento, onde o lugar se constitui “nas coisas menores e mais familiares”, conforme aponta a exploradora e escritora de viagens Freya Stark, a quem Tuan (1983) recorre para pensar a casa como lar e como lugar. Stark entende o lar como “um lugar em que cada dia é multiplicado por todos os dias anteriores”. (TUAN, 1983, p. 160).

Essas ideias caem como luva para pensarmos a Rua do Ouvidor enquanto um lugar machadiano, na medida em que, quanto maior a vivência acumulada do autor na Ouvidor, mais estreita e íntima se torna a sua relação com a rua. Em sua permanência, Machado se interessa pela rua em seus detalhes, expressos não só na sua diversidade de lojas e serviços, mas nas relações ali estabelecidas, muitas vezes intermediadas por algum boato, como vimos. Assim como Tuan pontuou que, muitas vezes, o que mais importa na constituição de uma casa em lugar é o mobiliário e poder tocá-lo e cheirá-lo do que o prédio em si mesmo, A Rua do Ouvidor enquanto a casa “onde todos moramos” se constitui lugar para Machado a partir de “coisas menores e mais familiares”, vividas e observadas por ele em sua permanência na rua, e que servem de assunto para suas crônicas.

---

<sup>130</sup> Gazeta de Notícias, 21/01/1889.

Mesmo quando não está na Rua do Ouvidor, Machado manifesta seu desejo de retornar à rua, desejo expresso no trecho da crônica a seguir, na qual o autor declara sentir falta de estar na Ouvidor, embora impossibilitado de frequentá-la pela necessidade de passar mais horas do que gostaria em seu local de trabalho:

Mais dia menos dia, demito-me deste lugar. Um historiador de quinzena<sup>131</sup>, que passa os dias no fundo de um gabinete escuro e solitário, que não vai às touradas, às câmaras, à Rua do Ouvidor, um historiador assim é um puro contador de histórias. (ASSIS, 1877)<sup>132</sup>

Um cronista que não frequenta as touradas, Câmaras e a Ouvidor, que escreve sobre o cotidiano da cidade sem sair do seu gabinete não tem a mesma credibilidade daquele que frequenta esses espaços, segundo Machado de Assis. O autor os diminui chamando-os de “puro contador de histórias”, pois considera primordial que, em seu ofício, o cronista transite nesses espaços badalados da cidade. Ao se referir ao “historiador de quinzena”, Machado se refere a si mesmo, revelando sua agonia de estar preso ao seu gabinete, enquanto lá fora está a circular uma miríade de fatos e boatos, potenciais assuntos para suas crônicas.

Em outra publicação, Machado relata ter havido uma forte chuva na cidade, razão pela qual a população ficou impedida de frequentar a principal rua da cidade: "Tempo virá em que este dilúvio termine de uma vez para sempre, e a gente possa descer e palmear a Rua do Ouvidor e outros becos" (ASSIS, 01/07/1894)<sup>133</sup>. Os temporais modificam o cotidiano das cidades, causando transtornos como alagamentos, que dificultam o ir e vir da população. A chuva impacta no ritmo da Rua do Ouvidor já que, em virtude de tal condição meteorológica, seu fluxo de gentes diminui. Com o passar da chuva e o escoar de suas águas, a Ouvidor vai retomando sua normalidade. Ao protestar contra o dilúvio, Machado expressa o seu desejo de que o mesmo passe logo para que possa voltar a frequentar o logradouro. Deste modo, Machado destaca a Ouvidor como o primeiro lugar para o qual deseja se dirigir quando passar o dilúvio.

---

<sup>131</sup> De acordo com Silva (2006, p. 15): "O 'historiador de quinzena' é o mesmo que cronista.

<sup>132</sup> Ilustração Brasileira, 15/03/1877.

<sup>133</sup> Gazeta de Notícias, 01/07/1894.

Ainda que distante fisicamente da Rua do Ouvidor, Machado está sempre a desejar flunar pela rua. Uma vez na rua, a Ouvidor exerce a sua atração sobre seus transeuntes, transformando-se em um lugar de onde, segundo o autor, ninguém quer ir embora: "A razão de estar a rua do Ouvidor sempre cheia é poder cada um ir-se embora; ficam todos" (ASSIS, 1893)<sup>134</sup>.

Machado expressa a sua preocupação com a integridade da Rua do Ouvidor ao narrar uma conversa que tivera com alguém acerca das consequências de um terremoto que teria ocorrido em algum lugar: "a Rua do Ouvidor ao menos.../A Rua do Ouvidor está intacta, e com ela a Gazeta de Notícias" (ASSIS, 05/11/1893)<sup>135</sup> Pensar numa possível destruição da Rua do Ouvidor por meio de um terremoto é devastador para Machado, que a considera um lugar que deve se manter preservado e, se possível, inalterado.

A Rua do Ouvidor é considerada por Machado como uma de suas principais belezas e patrimônio da cidade. Ao comentar acerca de um projeto de lei que propunha a mudança da capital federal para Goiás, Machado alega que o Rio de Janeiro não teria tanto a perder com essa possível mudança, argumentando que, dentre outras coisas, a cidade não perderia a Rua do Ouvidor, citada entre outros patrimônios da cidade, lugares que compõem o Rio de Janeiro e sua identidade. A Rua do Ouvidor é um dos elementos que fazem do Rio de Janeiro uma metrópole:

Assim é que temos contra a conservação da capital, além do mais, o beneplácito do próprio Rio de Janeiro. Ele será sempre, como disse um deputado, a nossa New York. Não é pouco; nem todas as cidades podem ser uma grande metrópole comercial. Não levarão daqui a nossa vasta baía, as nossas grandezas naturais e industriais, a nossa Rua do Ouvidor, com o seu autômato jogador de damas, nem as próprias damas. Cá ficará o gigante de pedra<sup>136</sup>, memória da quadra romântica, a bela Tijuca, descrita por Alencar em uma carta célebre, a Lagoa de Rodrigo de Freitas, a Enseada de Botafogo, se até lá não estiver aterrada, mas é possível que não; salvo se alguma companhia quiser introduzir (com melhoramentos) os jogos olímpicos, agora ressuscitados pela jovem Atenas... Também não nos levarão as companhias líricas, os nossos trágicos italianos, sucessores daquele pobre Rossi, que acaba de morrer, e apenas os dividiremos com São Paulo, segundo o costume de alguns anos. Quem sabe até se um dia... Tudo pode acontecer. Um dia, quem sabe? Lançaremos uma ponte entre esta cidade e Niterói, uma ponte política, entenda-se, nada impedindo que também se faça uma ponte de ferro. A ponte política ligará os dois Estados, pois que somos todos fluminenses, e esta cidade passará de capital de si

---

<sup>134</sup> Gazeta de Notícias, 27/08/1893.

<sup>135</sup> Gazeta de Notícias, 05/11/1893.

<sup>136</sup> O Gigante de Pedra não se refere ao Cristo Redentor, inaugurado apenas em 1931.

mesma a capital de um grande Estado único, a que se dará o nome de Guanabara. Os fluminenses do outro lado da água restituirão Petrópolis aos veranistas e seus recreios. Unidos, seremos alguma coisa mais que separados, e, sem desfazer nas outras, a nossa capital será forte e soberba. (ASSIS, 1896)<sup>137</sup>.

Por fim, passamos a analisar a crônica que motivou esta pesquisa. Analisada anteriormente em minha pesquisa de conclusão de curso da especialização em Políticas Territoriais no Estado do Rio de Janeiro - UERJ/RJ (CARVALHO, 2013), posteriormente publicada no livro *Estética, poética e narrativa: entre fluidez e permanência nas artes*, organizado por Júlio Suzuki e Adriana Carvalho Silva (2016), agora a ela retornamos com um novo olhar, mais maduro e consciente de como a Rua do Ouvidor é apresentada por Machado de Assis ao seu público leitor através de suas crônicas. Depois desse mergulho na crônica machadiana, flanando ao longo de 63 publicações nas quais o autor citou a Ouvidor e analisando as formas pelas quais fez isso, retornar a esta crônica é bastante especial. Se antes fiz uma leitura isolada da mesma, agora sua análise é precedida por um panorama geral das representações machadianas sobre a Rua do Ouvidor em suas crônicas.

Vimos nas linhas acima que a morfologia da Rua do Ouvidor é tratada por Machado como uma das causas para que a mesma se configure como “o viveiro dos boatos”, em especial sua largura, que promove a aproximação das pessoas e, por consequência, das bocas aos ouvidos. Diante da notícia de um possível alargamento da Rua do Ouvidor, Machado reage ao projeto discordando veementemente de sua execução, uma vez que alargar a Ouvidor decretaria o fim de suas características mais genuínas, aqui exaltadas por Machado:

Vamos à rua do Ouvidor; é um passo. Desta rua ao Diário de Notícias é ainda menos. Ora, foi no Diário de Notícias que eu li uma defesa do alargamento da dita rua do Ouvidor, — coisa que eu combateria aqui, se tivesse tempo e espaço. Vós que tendes a cargo o aformoseamento da cidade alargai outras ruas, todas as ruas, mas deixai a do Ouvidor assim mesma — uma viela, como lhe chama o Diário, — um canudo, como lhe chamava Pedro Luiz. Há nela, assim estreitinha, um aspecto e uma sensação de intimidade. É a rua própria do boato. Vá lá correr um boato por avenidas amplas e lavadas de ar. O boato precisa do aconchego, da contiguidade, do ouvido à boca para murmurar depressa e baixinho, e saltar de um lado para outro. Na rua do Ouvidor, um homem, que está à porta do Laemmert, aperta a mão do outro que fica à porta do Crashley, sem perder o equilíbrio. Pode-se comer um sandwich no Castelões e tomar um cálix de Madeira no Deroché, quase sem sair de casa. O característico desta rua é ser uma espécie de loja única, variada, estreita e comprida. Depois, é mister contar com a nossa indolência.

---

<sup>137</sup> Gazeta de Notícias, 07/06/1896.

Se a rua ficar assaz larga para dar passagem a carros, ninguém irá de uma calçada a outra, para ver a senhora que passa, — nem a cor dos seus olhos, nem o bico dos seus sapatos, e onde ficará em tal caso “o culto do belo sexo”, se lhe escassearem os sacerdotes.(ASSIS, 1893)<sup>138</sup>

Apesar de dizer que não combateria a defesa do alargamento da Rua do Ouvidor promovida por outro jornal por falta de tempo e espaço, Machado desenvolve toda a crônica na intenção de convencer o leitor de que o alargamento da rua se tratava de uma péssima ideia, que culminaria na total descaracterização não só de sua morfologia, mas de todas as relações até então ali estabelecidas. Machado é enfático na sua recusa ao bradar “alargai outras ruas, todas as ruas, mas deixai a do Ouvidor assim mesma”, deixando clara a sua preocupação estritamente com o destino da Rua do Ouvidor, demonstração de sua explícita afeição à rua.

Nesta crônica, Machado de Assis consegue sintetizar – ante à ameaça de destruição da rua tal qual o autor conhecia, admirava e pertencia – boa parte das características que fazem da Ouvidor um lugar machadiano. Essas características, também presentes aqui e ali nas crônicas até aqui analisadas, se reúnem nessa crônica em defesa da exclusão da Ouvidor das transformações em curso na cidade. Ao defender a manutenção da largura original da rua, Machado enumera os motivos para mantê-la “uma viela, como lhe chama o Diário, — um canudo, como lhe chamava Pedro Luiz” e ao fazê-lo, extravasa sua afetividade com relação à Ouvidor.

Novamente, Machado relaciona a largura da rua com as relações afetuosas que nela ocorrem em virtude da proximidade entre os corpos, o que proporciona uma sensação de intimidade: “Há nela, assim estreitinha, um aspecto e uma sensação de intimidade.” Em outra direção, Machado sinaliza ao final da crônica as desvantagens das ruas largas, aspecto já discutido por Machado em crônica analisada páginas atrás na qual Machado afirma que em ruas largas não é possível reconhecer as feições de quem está a transitar na calçada do outro lado da rua. No entanto, aqui Machado vai além e alerta aos leitores que em ruas largas, o aumento da distância entre as pessoas não é só físico, a distância torna frágeis as relações e a observação de detalhes que dão graça à rua, como o bico dos sapatos da moça que passa ou a cor de seus olhos.

Outra característica da rua explorada por Machado já analisada nas crônicas que antecederam a análise desta crônica síntese é a vocação da Ouvidor para o boato, desde sua criação até a sua rápida difusão. Novamente, Machado associa esta

---

<sup>138</sup> Gazeta de Notícias, 13/08/1893.

característica à morfologia da rua, expressa na menção à sua estreiteza, considerada pelo autor um fator que propicia o correr dos boatos, já que “o boato precisa do aconchego, da contiguidade, do ouvido à boca para murmurar depressa e baixinho, e saltar de um lado para outro”, condições encontradas apenas em uma rua estreita como a Ouvidor. Quanto maior a proximidade entre as pessoas que frequentam a rua, mais aconchego envolve o boato, em uma atmosfera em que as pessoas se observam e se cumprimentam. Neste clima de intimidade, os boatos vão pulando das bocas para os ouvidos sem maiores esforços.

A estreiteza da Ouvidor é também um convite ao encontro, à boa roda de conversa. Ainda que se esteja do outro lado da rua, não há dificuldades para cumprimentar um conhecido que passa: “Na rua do Ouvidor, um homem, que está à porta do Laemmert, aperta a mão do outro que fica à porta do Crashley, sem perder o equilíbrio.” Assim, é numa rua estreita que as relações sociais se estreitam, possibilitando que espaços se transformem em lugares.

Outro aspecto considerado por Machado para defender a não intervenção na Ouvidor é a vocação comercial da rua, destacando haver ali lojas tradicionais que fazem parte não só da geografia e história da rua, como da cidade: “Pode-se comer um sandwich no Castelões e tomar um cálix de Madeira no Deroché, quase sem sair de casa. O característico desta rua é ser uma espécie de loja única, variada, estreita e comprida.” Um possível alargamento da rua destruiria casarios antigos, dentre eles, aqueles que abrigam esses nobres estabelecimentos da cidade, que possuem valor sentimental para Machado.

Deste modo, esta crônica – nosso ponto de partida na intenção de defender a Rua do Ouvidor como um lugar para Machado de Assis – ao fim e ao cabo sintetiza o que Machado demonstra no conjunto de crônicas analisadas: a exaltação de diversas facetas da rua, seja do ponto de vista comercial, ou considerando seu protagonismo na difusão de boatos, mas também como o lugar dos encontros, onde se estreitam as relações e laços, tanto entre seus frequentadores, como com a própria rua, para a qual sempre se quer retornar. Ao defender a Ouvidor, Machado defende o seu modo de viver a cidade, já que se relaciona e vive a cidade a partir da Ouvidor tal como ela é e sua modificação representaria a dissolução deste lugar com o qual o autor possui estreita identificação e pertencimento.

Todos os aspectos do cotidiano de um indivíduo, de sua história e sua relação com outros indivíduos ocorrem nessas porções do espaço as quais damos o nome de

lugar, carregados de identidade, pertencimento e sentimentos. “Ser implica, inescapavelmente, estar em ou pertencer a algum lugar” (SARAMAGO, 2012, p. 204). Machado, a partir de sua permanência cotidiana na Rua do Ouvidor, com o tempo, passou a pertencer este a lugar, que por sua vez, passa a integrá-lo. Ameaçar a manutenção da Ouvidor tal qual Machado a reconhece como lugar é ameaçar também parte do que Machado de Assis se tornou após décadas de vivências na Ouvidor: Ao se olhar no espelho, em seu reflexo jaz a Ouvidor a iluminar e integrar o eu machadiano.

Se em *Vitrine* demonstramos a exaltação da vocação comercial da Rua do Ouvidor – onde se encontrava o que tinha de mais moderno – e sua centralidade na vida social fluminense, configurando-se como um lugar para ver e ser visto, e em *Janela* nos debruçamos sobre a narração da vida na cidade por Machado a partir da rua, em *Reflexo* fica evidente uma relação mais íntima do autor com a rua através de reiteradas demonstrações afetivas do bruxo do Cosme Velho nesta seleção de crônicas. A Rua do Ouvidor passa a ser declarada lar, assume protagonismo frente à outras ruas no que diz respeito à propagação de boatos, é citada reiteradas vezes como um lugar ao qual Machado deseja retornar quando privado de frequentar e defendida sob protesto quando ameaçada de qualquer ideia de intervenção do poder público em sua morfologia.

Destarte, é como se em *Vitrine*, Machado se referisse à Ouvidor com o olhar do guia de turismo, que se encanta e destaca o que a rua tem a oferecer a quem quiser visitá-la: cita lojas, serviços e a recomenda como um lugar para passear. Já em *Janela*, Machado relata situações corriqueiras ocorridas na rua, excepcionalidades – como a ocorrência de assaltos – e narra fatos ocorridos na cidade sabidos por ele na Rua do Ouvidor. Fica claro em *Janela* que a Ouvidor fazia parte do cotidiano de Machado, já que muitas de suas crônicas tem a Rua do Ouvidor como cenário de suas narrativas. Em *Reflexo*, verifica-se que a experiência machadiana na Rua do Ouvidor se complexifica: Machado passa a expressar a sua intimidade com a rua. Ao se olhar no espelho, Machado não vê mais o seu reflexo como o jovem recém chegado na tipografia de Paula Brito, cujas ruas do entorno nada significavam: a Rua do Ouvidor agora é protagonista e passa a compor a alma machadiana. Em seu reflexo, com o passar dos anos, lá está a Ouvidor, onde boa parte das rugas adquiridas por Machado foram talhadas.

## EPÍLOGO

Esta pesquisa teve como objetivo qualificar a geografia machadiana da cidade do Rio de Janeiro a partir de sua proximidade e vivência na Rua do Ouvidor, por meio da análise de trechos de crônicas publicadas semanalmente em diferentes periódicos, assinadas por Machado de Assis entre os anos de 1861 e 1897. Utilizando como metodologia a análise de conteúdo, demonstramos as formas pelas quais a Rua do Ouvidor foi referida por Machado nessas publicações, partindo de a hipótese da rua ser um lugar machadiano.

Para tal, a pesquisa foi desenvolvida através de três capítulos. O primeiro deles teve como objetivo situar a pesquisa, apresentando os caminhos percorridos e as aproximações realizadas na investigação das geografias machadianas a partir das crônicas sobre a Rua do Ouvidor. Assim, versamos a respeito da aproximação entre a geografia e a literatura, analisamos as características da crônica enquanto gênero literário e as especificidades da crônica machadiana, bem como demonstramos haver nos escritos de Machado de Assis uma sensibilidade geográfica, presente nos diversos gêneros literários de sua obra.

Já o segundo capítulo, apresentamos a trajetória geobiográfica de Machado de Assis até a Rua do Ouvidor considerando sua vivência em lugares que contribuíram para a formação pessoal, intelectual e profissional do autor e que o conduziram até a Rua do Ouvidor. Nessa trajetória, abordamos a vivência do autor no Morro do Livramento, na Loja de Paula Brito, na Livraria Garnier, bem como analisamos o seu flunar nas redações de jornais em que trabalhou publicando crônicas, endereços esses que, como vimos, gravitavam entorno à Rua do Ouvidor.

No terceiro capítulo, identificamos as diferentes formas sob as quais a Rua do Ouvidor foi retratada por Machado de Assis em suas crônicas semanais, utilizando como metodologia a análise de conteúdo. Como resultado, as crônicas analisadas foram agrupadas em três categorias de análise, a saber: *Vitrine*, *Janela* e *Reflexo*.

Buscou-se primeiramente associar a Rua do Ouvidor à ideia *Vitrine*, considerando não só à alusão de Machado de Assis em suas crônicas dos aspectos comerciais que contribuíram para que a Ouvidor se configurasse como a principal rua da cidade, como também de aspectos simbólicos que revelam sua centralidade na

vida social do Rio de Janeiro e elevaram a Rua do Ouvidor à condição de vitrine da sociedade fluminense.

Em *Janela*, foram analisadas as crônicas nas quais Machado se referiu aos aspectos cotidianos da rua, citando acontecimentos banais, vividos ou sabidos por ele em suas idas à Ouvidor. Deste modo, demonstramos o protagonismo da Rua do Ouvidor na interpretação machadiana do cotidiano carioca, uma vez que Machado recorreu a situações presenciadas por ele neste logradouro, a acontecimentos a ele relatados em suas andanças e pausas na rua e a “causos” nela ocorridos dos quais tomou conhecimento - ainda que nela não estivesse - no desenvolvimento narrativo dessas crônicas, tendo a Ouvidor como fonte e janela de observação do cotidiano carioca.

Por fim, defendemos a existência de uma relação afetiva de Machado de Assis com a Rua do Ouvidor a partir da análise das crônicas agrupadas na categoria *Reflexo*, que compreendeu as publicações nas quais Machado de Assis declarou sua identificação com a Rua do Ouvidor, referindo-se a ela de maneira afetuosa e deixando explícita sua intimidade e pertencimento em relação a este logradouro. Em *Reflexo*, tornou-se evidente a identificação e intimidade que o autor desenvolveu com a rua, na medida em que a Ouvidor se destacou com relação aos demais logradouros e foi qualificada como a rua do boato, tornando-se agente, criadora e propagadora de boatos, foi reconhecida como ponto de encontro, onde eram criadas “boas rodas”, além de ter passado a ser considerada por Machado como lar, casa e lugar.

Se inicialmente nos chamou a atenção a recorrência de citações à Rua do Ouvidor na crônica machadiana, nos levando, a partir de uma pequena amostra, a defender a hipótese da Rua do Ouvidor ser um lugar machadiano, no transcorrer da pesquisa e ao fim da análise de conteúdo tivemos a confirmação da nossa hipótese. A cada categoria analisada, verificamos um aprofundamento da relação de Machado de Assis com a Ouvidor: em *Vitrine*, ficou latente o encantamento de Machado com a rua, que o seduziu com seus serviços e seu glamour. A Rua do Ouvidor reteve Machado de Assis através da centralidade que exerceu a seu tempo. Uma vez no logradouro, Machado demonstrou nas crônicas contidas em *Janela* a sua permanência na rua, trazendo para seus escritos semanais suas vivências e situações cotidianas ocorridas nesse traçado. Contudo, foram nas crônicas contidas em *Reflexo* que Machado expressou sua intimidade com a Ouvidor, adquirida ao longo de quatro décadas de permanência na rua. Machado deu voz ao logradouro, o personificou, o

tornou agente de propagação de boatos, conferindo-lhe participação ativa nos acontecimentos cotidianos da cidade. Mas foram nas crônicas publicadas na década de 1890, mais precisamente as contidas na série de crônicas *A Semana*, publicadas no jornal *Gazeta de Notícias*, que Machado deixou claro a sua relação de pertencimento com a Rua do Ouvidor ao defendê-la de um possível alargamento. Como vimos, em mais de uma oportunidade, Machado se lançou a comparar as características de ruas estreitas e largas, associando a estreiteza das ruas à estreiteza dos laços entre seus frequentadores. Foi no aconchego dos sete metros de largura da Rua do Ouvidor que Machado estabeleceu e estreitou seus laços com seus pares e com a cidade.

Retornemos à Rua do Ouvidor dos dias atuais. Alguns anos se passaram desde que entrei naquele portal para a Ouvidor do século XIX, chamado Arco do Teles, ao qual me referi na introdução desta pesquisa. Começamos essa jornada recorrendo às minhas memórias de infância do Centro do Rio, o meu entendimento quando/de criança acerca dessa porção da cidade. Atravessar o Arco do Teles, nos idos de 2013, foi como entrar na carruagem de *Meia Noite em Paris*, cruzando/adentrando o Rio de Janeiro do final do século XIX. Um retorno um tanto turvo, que mistura presente e passado, mas também o que vivi, o que li e o que imaginei sobre a cidade desse tempo.

Minha vida trilhou outros caminhos e a Rua do Ouvidor deixou de fazer parte do meu cotidiano. Foi preciso recorrer aos livros e às crônicas e deixar a rua, a pesquisa de campo de lado. Na verdade, o campo a princípio não fazia parte da pesquisa propriamente dita. Até que, devido à pandemia de Covid-19 e a necessidade de distanciamento social, o que antes podia ser e representava uma escolha metodológica, tornou-se uma impossibilidade.

Foram anos muito difíceis. A pandemia mudou os hábitos e as práticas espaciais da/na cidade: calou a Rua do Ouvidor, impossibilitando encontros casuais nesta e nas outras ruas. E como ficou essa pesquisa durante todo esse processo de privação da cidade/de privação de viver a cidade? Como pesquisar a Rua do Ouvidor do século XIX, com toda a sua efervescência cultural? Como escrever sobre encontros de Machado de Assis com literatos na Rua do Ouvidor, na Livraria Garnier, sem poder frequentar a rua e ir a campo? Sem poder sentar-me em um de seus restaurantes ou bares e contemplar, imaginar, observar, pesquisar?

Aos poucos, a rotina vai voltando ao “normal”, devolvendo vida à cidade através de fluxos, pausas – aglomerações! –, cheiros, sons e sabores. A retomada das atividades da cidade faz parte e representa a retomada de diversos aspectos da vida das pessoas, que voltam a frequentar os seus trabalhos presencialmente, a flunar sem artefatos de proteção pessoal, diminuindo as barreiras físicas entre os indivíduos. Sorrisos voltam a desfilar pelas ruas, sem restrições – é uma retomada também da vida social. A cidade se reorganiza de modo a acolher essas pessoas que estiveram tanto tempo dentro de casa, impedidas. A vida toma um novo significado. A rua toma um novo significado.

O arrefecimento da pandemia representa um recomeço também para esta pesquisa, que deixa de ser feita dentro de um quarto, dentro de quatro paredes de um gabinete, e passa a criar vida e a ser alimentada também a partir de um retorno à Rua do Ouvidor. É o retorno tanto da pesquisadora, quanto da pesquisa à Rua do Ouvidor.

Na expectativa de superar a cisão ocorrida em uma vida e uma pesquisa atravessadas pela pandemia, retomar a pesquisa desde a Ouvidor, frequentando os lugares em que Machado de Assis esteve – ainda que as lojas já não abriguem os estabelecimentos por ele conhecidos –, flanou e se inspirou para escrever e contar a respeito do cotidiano do Rio de Janeiro, dá um novo fôlego a este trabalho. É a partir da rua, pisando, respirando a Ouvidor, que me reconecto ao universo machadiano e me reaproximo do meu objeto de estudo. De algum modo, ir a campo me faz também respirar esse Rio de Janeiro, essa Ouvidor de outrora, ainda que em 2022/2023. Todavia, é um respirar com um olho no presente e outro no passado; um sentir a cidade de hoje imaginando, ancorada na vivência de uma cidade do século XIX. Em um exercício análogo ao ocorrido em *Meia Noite em Paris*, ao atravessar o portal do Arco do Teles e sentar na Ouvidor para escrever é como tomar o bonde e percorrer o Rio de Janeiro do tempo de Machado de Assis.

Destarte, para retomar e para finalizar essa pesquisa sobre a escrita de Machado sobre a Rua do Ouvidor, no exercício de escrever sobre a escrita de Machado sobre a Rua do Ouvidor na Rua do Ouvidor, foi necessário experimentar vivências parecidas às do referido autor – dadas as devidas proporções –, como sentar em um bar localizado na encruzilhada da Ouvidor com a Rua do Mercado de nome *Capitu* para escrever, vendo a vida passar, embebida/embriagada pelos fluxos da rua, assistindo da minha cadeira a vida acontecer lá fora, observando o uso da rua se alterar com o passar das horas – durante o dia, somente uma outra pessoa ali

almoçando e, com o passar das horas, os sons da rua vão se modificando, o volume da música vai aumentando, novas mesas são ocupadas pelas pessoas que “largaram” do trabalho e chegam para o *Happy Hour*...

Certo dia estava eu na Ouvidor na intenção de incorporar o observador participante. Era o caso de estar havendo uma tarde de autógrafos do autor Luiz Antônio Simas, que lançava seu livro *Orikis* na livraria Folha Seca<sup>139</sup>, que atualmente, cumpre um papel na Rua do Ouvidor semelhante, dadas as devidas proporções, à Livraria Garnier ao tempo de Machado, já que além de livraria é também editora e costuma reunir músicos e a intelectualidade do Rio de Janeiro nos eventos que promove. Estava rolando uma macumbada só, promovendo na rua uma explosão de axé e alegria. Em plena quinta-feira à tarde, a rua estava tomada de gentes! Tudo bem que, enquanto escrevo essas linhas, fui interrompida por duas conhecidas que passavam na rua e me cumprimentaram, e por um vendedor de balas que rimava com o nome do produto que vendia. Me pegou pelo verso e eu tive que parar para adquirir um pacote. Enquanto isso, aquele pastelzinho lá do início deste trabalho chegou, junto com um novo chopp.

Mas, como eu ia dizendo, a rua estava tomada de gentes que, ao som dos atabaques, se reunia para prestigiar o lançamento de um livro na mesma rua em que Machado de Assis lançou os seus há pouco mais de 100 anos. Isso é muito simbólico. A Rua do Ouvidor, ainda que timidamente, conserva/possui/mantém resquícios de uma Ouvidor do tempo de Machado. Ainda que as pessoas, os autores, os livros e os estabelecimentos sejam outros, não por acaso esta rua ainda mantém como particularidade a arte do encontro e a celebração da literatura na cidade.

Nesse instante, fui atravessada pelo perfume da moça da saia vermelha que passou ao lado da minha mesa – um cheiro doce, porém refrescante. Não é daqueles perfumes com os quais nos deparamos cotidianamente. Eu mesma nunca o havia sentido. Será que ainda hoje há fragrâncias que só são encontradas na Ouvidor? –. Ao acompanhá-la sumir na turba, concluí que, se tivessem alargado de fato a Rua do Ouvidor, eu jamais sentiria o seu perfume, tal qual Machado reclamou o direito à

---

<sup>139</sup> Especializada em Rio de Janeiro, futebol e samba, a Livraria *Folha Seca*, conforme descrição encontrada em seu *website* é “conhecida universalmente como a mais carioca das livrarias, surgiu nos primórdios de 1998 e funciona desde 18 de dezembro de 2003 na rua do Ouvidor, Centro do Rio. Desde então a livraria permanece invicta, nas palavras do nosso querido Álvaro Costa e Silva, o Marechal. Há quase 20 anos, reúne grandes nomes da cultura carioca no sobrado histórico do número 37 da rua mais emblemática da história da cidade.” Disponível em: <https://www.livrariafolhaseca.com.br/livraria>

observação do bico dos sapatos das moças que por aqui passavam a seu tempo, no final do século XIX.

Concluo esta pesquisa da mesma forma como ela começou: sentada à Rua do Ouvidor, comendo pastéis e bebendo uma cerveja gelada. Saudando Machado de Assis e celebrando o que esta rua oferece de melhor: o convite ao encontro, a pausa para se permitir a sensação de dever cumprido ao fim de um dia, ou, no meu caso, anos de trabalho, fomentando as “solturas da Rua do Ouvidor”, contando também a minha história com a rua, com Machado e com a rua de Machado de Assis, que agora também tomo como minha. Salve a Rua do Ouvidor!

## REFERÊNCIAS

### **Machado de Assis**

ASSIS, MACHADO DE. Aquarelas, O Espelho, 11 de Set. 1859 a 30 de Out. 1859. In: Obras Completas de Machado de Assis VI: Crônica Completa (Edição Definitiva). Edição do Kindle. Não paginada.

ASSIS, Machado de. Comentários da Semana. Diário do Rio de Janeiro, 24 de dez. 1861. in: Obras Completas de Machado de Assis VI: Crônica Completa (Edição Definitiva). Edição do Kindle. Não paginada.

ASSIS, Machado de. Ao Acaso. Diário do Rio de Janeiro, 29 de dez. 1861. in: Obras Completas de Machado de Assis VI: Crônica Completa (Edição Definitiva). Edição do Kindle. Não paginada.

ASSIS, Machado de. Crônicas. O Futuro, 01 de jan. 1863. in: Obras Completas de Machado de Assis VI: Crônica Completa (Edição Definitiva). Edição do Kindle. Não paginada.

ASSIS, Machado de. Crônicas do Dr. Semana. Semana Ilustrada, 08 de maio. 1864. In: Obras Completas de Machado de Assis VI: Crônica Completa (Edição Definitiva). Edição do Kindle. Não paginada.

ASSIS, Machado de. Ao Acaso. Diário do Rio de Janeiro, 20 de jun. 1864. In: Obras Completas de Machado de Assis VI: Crônica Completa (Edição Definitiva). Edição do Kindle. Não paginada.

ASSIS, Machado de. Ao Acaso. Diário do Rio de Janeiro, 01 de ago. 1864. in: Obras Completas de Machado de Assis VI: Crônica Completa (Edição Definitiva). Edição do Kindle. Não paginada.

ASSIS, Machado de. Ao Acaso. Diário do Rio de Janeiro, 07 de ago. 1864. in: Obras Completas de Machado de Assis VI: Crônica Completa (Edição Definitiva). Edição do Kindle. Não paginada.

ASSIS, Machado de. Ao Acaso. Diário do Rio de Janeiro, 11 de set. 1864. in: Obras Completas de Machado de Assis VI: Crônica Completa (Edição Definitiva). Edição do Kindle. Não paginada.

ASSIS, Machado de. Ao Acaso. Diário do Rio de Janeiro, 01 de ago. 1864. In: Obras Completas de Machado de Assis VI: Crônica Completa (Edição Definitiva). Edição do Kindle. Não paginada.

ASSIS, Machado de. Ao Acaso. Diário do Rio de Janeiro, 14 de nov. 1864. In: Obras Completas de Machado de Assis VI: Crônica Completa (Edição Definitiva). Edição do Kindle. Não paginada.

ASSIS, Machado de. Ao Acaso. Diário do Rio de Janeiro, 03 de jan. 1865. in: Obras Completas de Machado de Assis VI: Crônica Completa (Edição Definitiva). Edição do Kindle. Não paginada.

ASSIS, Machado de. Cartas Fluminenses. Diário do Rio de Janeiro, 05 de mar. 1867. in: Obras Completas de Machado de Assis VI: Crônica Completa (Edição Definitiva). Edição do Kindle. Não paginada.

ASSIS, Machado de. História de Quinze Dias. Ilustração Brasileira, 15 de fev. 1877. in: Obras Completas de Machado de Assis VI: Crônica Completa (Edição Definitiva). Edição do Kindle. Não paginada.

ASSIS, Machado de. História de Quinze Dias. Ilustração Brasileira, 15 de mar. 1877. in: Obras Completas de Machado de Assis VI: Crônica Completa (Edição Definitiva). Edição do Kindle. Não paginada.

ASSIS, Machado de. História de Quinze Dias. Ilustração Brasileira, 01 de dez. 1877. in: Obras Completas de Machado de Assis VI: Crônica Completa (Edição Definitiva). Edição do Kindle. Não paginada.

ASSIS, Machado de. História de Quinze Dias. Ilustração Brasileira, 01 de jan. 1878. in: Obras Completas de Machado de Assis VI: Crônica Completa (Edição Definitiva). Edição do Kindle. Não paginada.

ASSIS, Machado de. História de Trinta Dias. Ilustração Brasileira, fevereiro. 1878. in: Obras Completas de Machado de Assis VI: Crônica Completa (Edição Definitiva). Edição do Kindle. Não paginada.

ASSIS, Machado de. Notas semanais. O Cruzeiro, 04 de ago. 1878. in: Obras Completas de Machado de Assis VI: Crônica Completa (Edição Definitiva). Edição do Kindle. Não paginada.

ASSIS, Machado de. Balas de Estalo. Gazeta de Notícias, 22 de jul. 1883. in: Obras Completas de Machado de Assis VI: Crônica Completa (Edição Definitiva). Edição do Kindle. Não paginada.

ASSIS, Machado de. Balas de Estalo. Gazeta de Notícias, 24 de nov. 1883. in: Obras Completas de Machado de Assis VI: Crônica Completa (Edição Definitiva). Edição do Kindle. Não paginada.

ASSIS, Machado de. Balas de Estalo. Gazeta de Notícias, 26 de jun. 1885. in: Obras Completas de Machado de Assis VI: Crônica Completa (Edição Definitiva). Edição do Kindle. Não paginada.

ASSIS, Machado de. Bons Dias! Gazeta de Notícias, 21 de jan. 1889. in: Obras Completas de Machado de Assis VI: Crônica Completa (Edição Definitiva). Edição do Kindle. Não paginada.

ASSIS, Machado de. A Semana. Gazeta de Notícias, 15 de maio 1892. in: Obras Completas de Machado de Assis VI: Crônica Completa (Edição Definitiva). Edição do Kindle. Não paginada.

ASSIS, Machado de. A Semana. Gazeta de Notícias, 29 de maio 1892. in: Obras Completas de Machado de Assis VI: Crônica Completa (Edição Definitiva). Edição do Kindle. Não paginada.

ASSIS, Machado de. A Semana. Gazeta de Notícias, 13 de nov 1892. in: Obras Completas de Machado de Assis VI: Crônica Completa (Edição Definitiva). Edição do Kindle. Não paginada.

ASSIS, Machado de. A Semana. Gazeta de Notícias, 18 de dez. 1892. in: Obras Completas de Machado de Assis VI: Crônica Completa (Edição Definitiva). Edição do Kindle. Não paginada.

ASSIS, Machado de. A Semana. Gazeta de Notícias, 08 de jan. 1893. in: Obras Completas de Machado de Assis VI: Crônica Completa (Edição Definitiva). Edição do Kindle. Não paginada.

ASSIS, Machado de. A Semana. Gazeta de Notícias, 22 de jan. 1893. in: Obras Completas de Machado de Assis VI: Crônica Completa (Edição Definitiva). Edição do Kindle. Não paginada.

ASSIS, Machado de. A Semana. Gazeta de Notícias, 29 de jan. 1893. in: Obras Completas de Machado de Assis VI: Crônica Completa (Edição Definitiva). Edição do Kindle. Não paginada.

ASSIS, Machado de. A Semana. Gazeta de Notícias, 12 de mar. 1893. in: Obras Completas de Machado de Assis VI: Crônica Completa (Edição Definitiva). Edição do Kindle. Não paginada.

ASSIS, Machado de. A Semana. Gazeta de Notícias, 16 de abr. 1893. in: Obras Completas de Machado de Assis VI: Crônica Completa (Edição Definitiva). Edição do Kindle. Não paginada.

ASSIS, Machado de. A Semana. Gazeta de Notícias, 23 de abr. 1893. in: Obras Completas de Machado de Assis VI: Crônica Completa (Edição Definitiva). Edição do Kindle. Não paginada.

ASSIS, Machado de. A Semana. Gazeta de Notícias, 21 de mai. 1893. in: Obras Completas de Machado de Assis VI: Crônica Completa (Edição Definitiva). Edição do Kindle. Não paginada.

ASSIS, Machado de. A Semana. Gazeta de Notícias, 28 de mai. 1893. in: Obras Completas de Machado de Assis VI: Crônica Completa (Edição Definitiva). Edição do Kindle. Não paginada.

ASSIS, Machado de. A Semana. Gazeta de Notícias, 02 de jul. 1893. in: Obras Completas de Machado de Assis VI: Crônica Completa (Edição Definitiva). Edição do Kindle. Não paginada.

ASSIS, Machado de. A Semana. Gazeta de Notícias, 06 de ago. 1893. in: Obras Completas de Machado de Assis VI: Crônica Completa (Edição Definitiva). Edição do Kindle. Não paginada.

ASSIS, Machado de. A Semana. Gazeta de Notícias, 13 de ago. 1893. in: Obras Completas de Machado de Assis VI: Crônica Completa (Edição Definitiva). Edição do Kindle. Não paginada.

ASSIS, Machado de. A Semana. Gazeta de Notícias, 27 de ago. 1893. in: Obras Completas de Machado de Assis VI: Crônica Completa (Edição Definitiva). Edição do Kindle. Não paginada.

ASSIS, Machado de. A Semana. Gazeta de Notícias, 08 de out. 1893. in: Obras Completas de Machado de Assis VI: Crônica Completa (Edição Definitiva). Edição do Kindle. Não paginada.

ASSIS, Machado de. A Semana. Gazeta de Notícias, 05 de nov. 1893. in: Obras Completas de Machado de Assis VI: Crônica Completa (Edição Definitiva). Edição do Kindle. Não paginada.

ASSIS, Machado de. A Semana. Gazeta de Notícias, 07 de jan. 1894. in: Obras Completas de Machado de Assis VI: Crônica Completa (Edição Definitiva). Edição do Kindle. Não paginada.

ASSIS, Machado de. A Semana. Gazeta de Notícias, 01 de jul. 1894. in: Obras Completas de Machado de Assis VI: Crônica Completa (Edição Definitiva). Edição do Kindle. Não paginada.

ASSIS, Machado de. A Semana. Gazeta de Notícias, 28 de ago. 1894. in: Obras Completas de Machado de Assis VI: Crônica Completa (Edição Definitiva). Edição do Kindle. Não paginada.

ASSIS, Machado de. A Semana. Gazeta de Notícias, 11 de fev. 1894. in: Obras Completas de Machado de Assis VI: Crônica Completa (Edição Definitiva). Edição do Kindle. Não paginada.

ASSIS, Machado de. A Semana. Gazeta de Notícias, 01 de jul. 1894. in: Obras Completas de Machado de Assis VI: Crônica Completa (Edição Definitiva). Edição do Kindle. Não paginada.

ASSIS, Machado de. A Semana. Gazeta de Notícias, 28 de ago. 1894. in: Obras Completas de Machado de Assis VI: Crônica Completa (Edição Definitiva). Edição do Kindle. Não paginada.

ASSIS, Machado de. A Semana. Gazeta de Notícias, 09 de set. 1894. in: Obras Completas de Machado de Assis VI: Crônica Completa (Edição Definitiva). Edição do Kindle. Não paginada.

ASSIS, Machado de. A Semana. Gazeta de Notícias, 03 de mar. 1895. in: Obras Completas de Machado de Assis VI: Crônica Completa (Edição Definitiva). Edição do Kindle. Não paginada.

ASSIS, Machado de. A Semana. Gazeta de Notícias, 28 de abr. 1895. in: Obras Completas de Machado de Assis VI: Crônica Completa (Edição Definitiva). Edição do Kindle. Não paginada.

ASSIS, Machado de. A Semana. Gazeta de Notícias, 15 de set. 1895. in: Obras Completas de Machado de Assis VI: Crônica Completa (Edição Definitiva). Edição do Kindle. Não paginada.

ASSIS, Machado de. A Semana. Gazeta de Notícias, 10 de nov. 1895. in: Obras Completas de Machado de Assis VI: Crônica Completa (Edição Definitiva). Edição do Kindle. Não paginada.

ASSIS, Machado de. A Semana. Gazeta de Notícias, 24 de mai. 1896. in: Obras Completas de Machado de Assis VI: Crônica Completa (Edição Definitiva). Edição do Kindle. Não paginada.

ASSIS, Machado de. A Semana. Gazeta de Notícias, 07 de jun. 1896. in: Obras Completas de Machado de Assis VI: Crônica Completa (Edição Definitiva). Edição do Kindle. Não paginada.

ASSIS, Machado de. A Semana. Gazeta de Notícias, 01 de nov. 1896. in: Obras Completas de Machado de Assis VI: Crônica Completa (Edição Definitiva). Edição do Kindle. Não paginada.

ASSIS, Machado de. A Semana. Gazeta de Notícias, 15 de nov. 1896. in: Obras Completas de Machado de Assis VI: Crônica Completa (Edição Definitiva). Edição do Kindle. Não paginada.

ASSIS, Machado de. A Semana. Gazeta de Notícias, 06 de dez. 1896. in: Obras Completas de Machado de Assis VI: Crônica Completa (Edição Definitiva). Edição do Kindle. Não paginada.

ASSIS, Machado de. A Semana. Gazeta de Notícias, 14 de fev. 1897. in: Obras Completas de Machado de Assis VI: Crônica Completa (Edição Definitiva). Edição do Kindle. Não paginada.

ASSIS, Machado de. Ressureição. In: Obra Completa, de Machado de Assis, vol. I, Nova Aguilar, Rio de Janeiro, 1994. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/fs000137.pdf>. Acesso em: 18. jan. 2021. 89p.

ASSIS, Machado de. Tempos de crise. In: Outros contos. Obra completa. Vol. II, Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. Publicado originalmente em Jornal das Famílias, abril de 1873.

ASSIS, Machado de. *Vinte anos! Vinte anos!* Obra Completa, de Machado de Assis, vol. II, Nova Aguilar, Rio de Janeiro, 1994. Publicado originalmente em *A Estação*, de 15/7/1884.

ASSIS, Machado de. O Espelho. In: 50 contos/Machado de Assis: seleção, introdução e notas de John Gledson. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. 487p.

ASSIS, Machado de. A Semana - crônicas (1892-1893). Edição, introdução e notas de John Gledson. São Paulo: Hucitec, 1996. 359 p.

### **Demais Referências Bibliográficas**

ABREU, M. A. A evolução urbana do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, IPP, 2008. 4ª Ed. 156p.

ABREU, Maurício de Almeida. Reconstruindo uma história esquecida: origem e expansão inicial das favelas do Rio de Janeiro. In: Escritos sobre espaço e história. FRIDMAN, Fânia; HAESBAERT, Rogério (Orgs). 1 ed. Rio de Janeiro: Garamond, 2014. p. 421-450.

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. A liderança de Machado de Assis. Disponível em: <http://www.academia.org.br/>. Acesso em: 07 ago. 2018.

ARNT, Hérís. A influência da literatura no jornalismo: o folhetim e a crônica. Rio de Janeiro: E-papers, 2001, 126p.

ASSIS, O Rio de Machado de. Direção: Norma Bengell. Rio de Janeiro: NB Produções e Globosat, 2001. Filme (70 minutos). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=HTsHiOD9Bs>. Acesso em 27. Out. 2017.

AB'SÁBER, Aziz N. O que é ser geógrafo: memórias profissionais de Aziz Ab'Saber em depoimento a Cynara Menezes. Rio de Janeiro: Record, 2007. 207p.

BARBOSA, Francisco de Assis. Machado de Assis em miniatura – um perfil biográfico. 2ª ed. Rio de Janeiro: Batel, 2008. 110p.

BARBOSA, Socorro de F. P. Jornal e literatura: a imprensa brasileira no século XIX. Porto Alegre: Nova Prova, 2007, 104p.

BARRETO, LIMA. O Garnier Morreu. In: Gazeta da Tarde, 07 de ago. 1911. Rio de Janeiro.

BAUER, Martin W. Análise de conteúdo clássica: uma revisão. In: Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático. Bauer, Martin W., Gaskell, George (editores). 7. Ed. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 189-217

BROSSEAU, Marc. O romance: um outro sujeito para a geografia. In: CORRÊA, Roberto Lobato e ROSENDAHL, Zeny (org.). Literatura, música e espaço. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2007.

BROSSEAU, Marc. Geografia e literatura. In: CORRÊA, Roberto Lobato e ROSENDAHL, Zeny (org.). Geografia cultural: uma antologia, volume II. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2013. 296p.

CARRER, Aline. Rio de Assis: imagens machadianas do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 1999. 96p.

CARVALHO, S.R.A. A Rua do Ouvidor em um fragmento machadiano. Monografia apresentada ao PPGeo-UERJ, como conclusão de curso de especialização em Políticas Territoriais no Estado do Rio de Janeiro (PTERJ), março de 2013.

CARVALHO, S.R.A. Rua do Ouvidor em um fragmento machadiano. In: Suzuki, Júlio César; Silva, Adriana Carvalho. (Org). Estética, poética e narrativa: entre fluidez e permanência nas artes. 1ed. Porto Alegre: Imprensa Livre, 2016, v.1, p.126-160.

CARVALHO, S.R.A. Reflexões sobre o tempo e o estudo do passado: a memória como via de análise de uma geografia machadiana através dos bondes. In: Diniz, Alexandre Magno Alves *et al* (Org.). Metamorfoses possíveis compartilhadas: leituras em Geografia Cultural. Belo Horizonte: Letramento, 2019, p. 109-129.

CAVALCANTE, Tiago Vieira. Geografia Literária em Rachel de Queiroz. Fortaleza: Edições UFC, 2019. 219p.

CEREJA, Willian Roberto; MAGALHÃES, Thereza Cochar. O realismo: A realidade desnuda. In: CEREJA, Willian Roberto; MAGALHÃES, Thereza Cochar. Literatura Brasileira. 2 Ed. São Paulo: Atual, 2000. 532p. p. 244-253.

CHALHOUB, Sidney. Machado de Assis: historiador. São Paulo: Companhia da Letras, 2003. 345p.

COHEN, Alberto. A. Ouvidor, a Rua do Rio. 1ª Ed. Rio de Janeiro: AACohen, 2001. 128p.

CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. A Geografia cultural brasileira: uma avaliação preliminar. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Org.). Geografia Cultural: uma antologia (1). Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012. 344p.

COUTINHO, Afrânio. Machado de Assis na literatura brasileira. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 1990.

DARDEL, Eric. O Homem e a terra: Natureza da realidade Geográfica. São Paulo: Perspectiva, 2015.

FAORO, Raymundo. Machado de Assis: a pirâmide e o trapézio. São Paulo, C.E. Nacional, 1974. 505p.

FERNANDES, Felipe M. Tristes fins de Policarpo Quaresma: Brasil entre ficções geográficas no sertão/litoral. Tese (Doutorado em Geografia Humana). Faculdade de filosofia, letras e ciências humanas. Universidade de São Paulo. 2017.

FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL. Garnier, um livreiro francês no Brasil. Disponível em:< <https://bndigital.bn.gov.br/francebr/garnier.htm>>. Acesso em: 07 ago. 2018.

FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL. Hemeroteca Digital, c2020. Página inicial. Disponível em:< <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso em: 27 de set. de 2020.

GLEDSON, John. Machado de Assis: ficção e história. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2003. 338p

GLEDSON, John. Por um novo Machado de Assis: ensaios. São Paulo: Companhia das letras, 2006. 452p.

GONÇALVES, Mariana C. O jornalismo literário no século XIX: A imprensa entre folhetins, crônicas e leitores. In: XXVII Simpósio Nacional de História, Natal (RN), 22 a 26 de julho de 2013.

GUIMARÃES, Hélio de Seixas. Prefácio à 3ª edição - Veja bem, isto é impossível. In: WERNECK, Maria Helena. O homem encadernado: Machado de Assis na escrita das biografias. 3. Ed. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008. p. 11-16.

GUIMARÃES, Hélio de Seixas; MARQUES, Ivan; SARAIVA, Juracy Assmann; MONTEIRO, Pedro Meira. Leituras e releituras em torno a 2008. Machado de Assis em Linha, Rio de Janeiro, ano 2, n.4, Dez. 2009.

GUIMARÃES, Hélio de Seixas. Machado de Assis, o escritor que nos lê: as figuras machadianas através da crítica e das polêmicas. 1 Ed. São Paulo: Editora Unesp Digital, 2017. 308p.

HARVEY, David. *Paris: Capital of Modernity*. By David Harvey. New York: Routledge, 2003.

HOLZER, Werther. A geografia humanista: uma revisão. In: CORRÊA, Roberto Lobato e ROSENDAHL, Zeny (org.). Geografia cultural: uma antologia, volume I.. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2012. 344p.

LESSA, Carlos. O Rio de todos os Brasis – Uma reflexão em busca da autoestima. 3 Ed. Rio de Janeiro: Record, 2005, 478p.

LIMA, Luiz da Costa. Machado: mestre de capoeira. In: SECCHIN, Antonio Carlos; ALMEIDA, José Maurício Gomes de & SOUZA, Ronaldo de Melo e (orgs.). Machado de Assis: uma revisão. Rio de Janeiro: In-Fólio, 1998, p. 183-190.

LIUTI, Fátima de Lourdes Ferreira. Representações Literárias da Rua do Ouvidor. Tese de Doutorado, UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO”, 2007. 215p.

MACEDO, Joaquim Manoel de. Memórias da Rua do Ouvidor. Edições do Senado Federal, v. 41. Brasília: Conselho Editorial do Senado Federal, 2005. 220 p.

MARANDOLA JR, Eduardo; OLIVEIRA, Lívia de. Geograficidade e espacialidade na literatura. GEOGRAFIA, Rio Claro, v. 34, n. 3, set./dez. 2009. P. 487-508.

MARANDOLA JR, Eduardo. Geograficidades vigentes pela literatura. In: SILVA, Maria Auxiliadora da; SILVA, Harlan Rodrigo Ferreira da (Org.). Geografia, literatura e arte: reflexões. Salvador: EDUFBA, 2010. P. 21-32.

MASCARENHAS, Gilmar. Desenvolvimento urbano e grandes eventos esportivos: o legado olímpico nas cidades. In: MASCARENHAS, Gilmar; BIENENSTEIN, Glauco; SÁNCHEZ, Fernanda (orgs.). O jogo continua: megaeventos esportivos e cidades. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2011a. P.27-39.

MASCARENHAS, Gilmar. O ideário urbanístico em torno do olimpismo: Barcelona (1992) e Rio de Janeiro (2007). In: MASCARENHAS, Gilmar; BIENENSTEIN, Glauco; SÁNCHEZ, Fernanda (orgs.). O jogo continua: megaeventos esportivos e cidades. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2011b. P.41-56.

MASCARENHAS, Gilmar. A produção da cidade olímpica e os sinais da crise do modelo globalitário. Geosp – Espaço e Tempo (online), v.20, n.1, 2016. P.52-68.

MASSA, JEAN-MICHEL. A Juventude de Machado de Assis. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1971. 698p.

MELLO, João Baptista Ferreira de. Geografia Humanística: a perspectiva da experiência vivida e uma crítica radical ao positivismo. Revista Brasileira de Geografia, Rio de Janeiro, v. 52, p.91-115, 1990.

MORAES, Vinícius de. O exercício da crônica. In: Para viver um grande amor. 16 ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1982.

- PEDROSA, Breno Viotto. O império da representação: a virada cultural e a geografia. *Revista Espaço e Cultura*, n. 39, 2016, p. 31-58.
- PEREIRA, Lucia Miguel. Machado de Assis. Estudo Crítico e Biográfico. 6. Ed. Brasília: Edições do Senado Federal, 2017. 288p.
- PHILO, Chris. Cultural Turn. In: Rob Hitchin and Nigel Thrift (eds). *International Encyclopedia of Human Geography*. Elsevier, 2009. XXXp. p. 442-450.
- POCOCK, Douglas. *Humanistic Geography and Literature: essays on the experience of place*. London: Croon Holm Ltda., 1981. 224p.
- REIS, Rutzkaya Queiroz dos. Machado de Assis e Garnier: o escritor e o editor no processo de consolidação do mercado editorial. I Seminário Brasileiro sobre Livro e História editorial. 8 a 11 de novembro de 2004, Casa de Rui Barbosa, Rio de Janeiro.
- RIO, João do. *A alma encantadora das ruas*. Organização de Raul Antelo. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- ROSE, Gillian. *Visual Methodologies. Content analysis*. Londres: Sage publications, 2001. (p. 54-68).
- SÁ, Jorge de. *A crônica*. 6ª ed. 7ª reimpr. São Paulo: Editora Ática, 2008. 94p.
- SANTOS, Afonso Carlos Marques dos. Do Livramento ao Cosme Velho: o Rio de Machado de Assis. *Ipotesi Revista de Estudos Literários, Juiz de Fora*, v. 1, n.3, p. 9-31, 1998.
- SANTOS, Milton. *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. São Paulo: Hucitec, 1996.
- SARAMAGO, Ligia. Como ponta de lança: O pensamento do lugar em Heidegger. In: *Qual o espaço do lugar?: Orgs: MARANDOLA JR, E, HOLZER, W, OLIVEIRA, L de*. São Paulo: Perspectiva, 2012.
- SARAIVA, Juracy Assmann. *Sendas de Machado de Assis no caminho dos livros*. XI Congresso da Associação Internacional de Lusitanistas. Jul/2014.
- SCHWARZ, Roberto. Leituras em competição. *Novos Estudos*, São Paulo, nº 75, v.2, p. 61-79, 2006.
- SENNA, Marta de. Estratégias de Embuste: relações intertextuais em Dom Casmurro. *Scripta*, Belo Horizonte, v. 3, n.6, p. 167-174, 2000.
- SENNA, Marta de. *Várias histórias na capital imperial*. Fundação Rui Barbosa. 2006.
- SIMAS, Luiz Antônio. *O corpo encantado das ruas*. 9ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2021.
- SILVA, Adriana Carvalho. *O Rio de Janeiro em Dom Casmurro – Literatura como representação do espaço*. Tese de Doutorado, UFF, 2012.

SILVA, Adriana Carvalho.; ELICHER, Maria Jaqueline. Apresentação. Anais do SIGEOLITERART 2019 [recurso eletrônico] : Uma interface entre Geografia, Turismo, Literatura e Arte : entre viagens reais e imaginárias / IV Simpósio Internacional e V Simpósio Nacional de Geografia, Literatura e Arte ; organização Adriana Carvalho Silva ... [et al.].— Rio de Janeiro : Maria Jaqueline Elicher : Rede Entremeio, 2020. 692 p.

SILVA, Alessa, P. D. da; MENDES, Leonardo. Coelho Neto na Rua do Ouvidor: Experiência urbana e modernidade no romance brasileiro do final do século XIX. SOLETRAS, Ano X, nº 20, Jul/Dez. 2010. São Gonçalo: UERJ, 2010.

SILVEIRA, Patrícia Gomes da. Análise das atividades econômicas na Cidade Nova (RJ) oitocentista. Terra Brasilis (Nova Série), v. 4, p. 1-15, 2015.

SODRÉ, Nelson Werneck. A História da imprensa no Brasil. 3ª ed, São Paulo: Martins Fontes, 1983, 528p.

SUZUKI, Júlio César. Geografia e literatura: Abordagens e enfoques contemporâneos. Revista do Centro de Pesquisa e Formação/nº 5. Set. 2017. Pág 129-147.

TÁTI, Miécio. O Mundo de Machado de Assis: o Rio de Janeiro na obra de Machado de Assis. Rio de Janeiro: Secretaria de Municipal de Cultura, Turismo e Esportes, Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, Divisão de Editoração. Coleção Biblioteca Carioca, v.16, 224p, 1991.

UEHBE, Laís Nascimento. Geografia, literatura e cidade: uma análise geográfica dos romances urbanos de Jorge Amado. 2018. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018. doi:10.11606/D.8.2019.tde-21052019-104032. Acesso em: 2022-04-05.

VELLOSO, Thaís Fernandes. Machado de Assis: Pretensões literárias na crônica oitocentista. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas, 2017. 107p.

WRIGHT, John K. Geography in literature. The Geographical Review, n.14, p.659-660, 1924a.

WRIGHT, John K. The Geography of Dante. The Geographical Review, n.14, p.319-320, 1924b.

WRIGHT, John K. A plea for the history of geography. Isis, v.8, p.477-491, 1926.

WRIGHT, John K., Terrae incognitae: O lugar da imaginação na geografia. Geograficidade, v.4, n.2, Inverno 2014 [originalmente publicado em 1946].

TUAN, Yi-Fu. Topofilia. São Paulo: Difel, 1980; 228 p.

TUAN, Yi-fu. Espaço e Lugar. São Paulo: Difel, 1983. 250p.

TUAN, Yi-fu. A cidade: Sua distância da natureza. *Geograficidade*, v.3, n.1, Verão 2013 [originalmente publicado em 1978]. p. 4-16.